



**Ministério da Educação
Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

DISSERTAÇÃO

Oficinas de Memória Culinária: práticas educativas – entre ler, cozinhar e escrever

Junelise Pequeno Martino

Pelotas, 2015

Junelise Pequeno Martino

Oficinas de Memória Culinária: práticas educativas – entre ler, cozinhar e escrever

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação na Linha de Pesquisa: Cultura escrita, linguagens e aprendizagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussioletti

Pelotas, 2015

Banca Examinadora:

Orientadora - Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti – Fae – UFPel

Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres -Fae – UFPel

Prof.^a Dr.^a Helene Sacco – Centro de Artes – UFPel

*Aos educadores, pensadores e poetas,
que, no trabalho com a palavra,
nos convidam a ações.*

Agradecimentos

Ao Daniel, leitor de todas as horas, pelo cuidado com a casa e comigo. Pelo amor.

À minha mãe Maria Inês pelas orações e companheirismo eterno mesmo distante. Pela vida.

Ao meu filho Esdras Demétrius, por existir na minha vida.

Às minhas avós Juracy e Elisa, Guias mestras a quem visitei em sonho muitas vezes durante esse trabalho. Pela benção eterna, pela sabedoria.

As professoras da pós,

Conceição Paludo pelo debate consciente e crítico, sobre nossos modos de educar. Por me fazer acreditar.

Renata Requião, pelas reflexões em torno da literatura e das artes, renovando encontros já vividos nas Letras e pela divertida construção do mapa poético.

Lúcia Peres, pela generosa luz de seus olhos de um brilho contagiante e inspirador. Pelo afeto.

Aos colegas de pesquisa, pelos mates, conversas, apoios nas horas de desassossego e por fazer parte dessa diversidade.

À Denise Bussoletti, pela acolhida às memórias da menina e a abertura aos sonhos da educadora.

Aos professores e amigos do Centro de Artes,

Carolina Rochefort, pelos bons encontros de sorrisos largos, olhos marejados e firmes, em longos abraços. Pela parceria.

Helene Sacco e Márcia Regina Souza pela receptividade ao convívio em espaços educativos. Pelas afinidades. Pela arte.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa Lugares-Livro, pelo carinho. Pelas produções livrescas saborosas que fazemos juntos.

Aos integrantes do Projeto de Extensão NALS, pela boa energia e alegria, por me fazerem sentir em casa.

Aos parceiros desejosos de um mundo melhor e urgentemente mais saudável para nossas crianças, da família Pequena Guayí, pelo apoio e compreensão nas ausências.

À Nilda e Cláudio Duarte do Sítio Oásis pelos ensinamentos da lida com a terra e pelas sextas-feiras de nutrição do corpo e do espírito.

À Adriano e Marcelo, pela estadia no chalé em Mar Grosso, possibilitando a organização do pensamento num momento de turbulências.

À Ceres Torres, pelas conversas boas sobre a vida, em torno da comida, pela ajuda nas costuras. Pelo apoio, sempre.

À Capes por financiar parte dessa pesquisa e possibilitar a dedicação necessária aos estudos e escritas.

À cidade de Pelotas, por existir nesse mapa onde vim parar...

O senhor... Mire veja:
o mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior.
É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.

Guimarães Rosa

Resumo

Este trabalho objetiva investigar as oficinas de memória culinária, práticas educativas por onde atua a autora, buscando transformar essa experiência em uma consciência reflexiva e tentando compreender os conceitos operacionalizados através das práticas realizadas. Para tanto, a escrita dessas experiências vividas nas oficinas serão descritas em forma de relato. Desse trabalho, que adota na pesquisa o reconhecimento do Outro do pesquisador, a autora busca a surrealização como perspectiva ética e estética de pesquisa. Guiada pelo movimento de liberdade, amor e poesia, a autora propõe a criação de um espaço imaginário: a casa-livro. Neste procedimento, os fragmentos científicos, poéticos, literários ou de lembranças e memórias da pesquisadora e das interlocuções realizadas, buscarão ser mostrados e solicitam que sejam lidos neste movimento intencional de ruptura, através da aventura surrealista, que almeja afastar-se das totalidades significativas na procura do ato criativo e inovador, como movimento de pesquisa, que se reivindica sensível e atenta aos atos e processos criativos e transformadores. Para esse espaço imaginário são convidados autores como Walter Benjamin e seus ensaios sobre narrativa e experiência; Gaston Bachelard e a poética do espaço; Michel Maffesoli e o elogio à razão sensível e Michel de Certeau, para falar sobre o espaço cotidiano da cozinha, além de outros pensadores e poetas, como Bartolomeu Campos de Queirós. Durante o trabalho o que se pretende responder é por quais caminhos as oficinas de memória culinária podem ser compreendidas como espaços educativos, e, se as oficinas podem ser consideradas práticas humanizadoras por uma razão sensível.

Palavras-chave: memória culinária – razão sensível – leitura – experiência

Resumen

Este estudio tiene como objetivo investigar los talleres de memoria culinaria, prácticas educativas donde la autora trabaja, tratando de convertir esta experiencia en una conciencia reflexiva y tratando de entender los conceptos mediante práctica de las actividades realizadas. Por lo tanto, la escritura de estas experiencias en los talleres se describirá en forma de relato. Este trabajo, que adopta el reconocimiento del Otro investigador, la autora trata de la surrealización en perspectiva ética e investigación estética. Guiada por el movimiento de la libertad, el amor y la poesía, la autora propone la creación de un espacio imaginario: la casa-libro. En este procedimiento, fragmentos científicos, poéticos, literarios y recuerdos de la investigadora y las interlocuciones realizadas, buscan ser mostradas y les piden para ser leídas en este movimiento intencional de romper a través de la aventura surrealista, que no pretende alejarse de totalidades significativas, en busca del acto creativo e innovador como un movimiento de investigación que se afirma sensible y atento a los actos y procesos creativos y transformadores. Para este espacio imaginario son invitados autores como Walter Benjamin en sus ensayos sobre la narrativa y la experiencia; Gaston Bachelard y la poética del espacio; Michel Maffesolli y el elogio a la razón sensible y Michel de Certeau para hablar del espacio cotidiano de la cocina, y otros pensadores y poetas como Bartolomeu Campos de Queirós. Durante el trabajo lo que se pretende responder es por qué caminos los talleres de memoria culinaria pueden ser entendidos como espacios educativos, y si los talleres pueden ser considerados prácticas humanizadoras por una razón sensible.

Palabras-clave: memoria culinaria - razón sensible - lectura – experiencia

Sumário

1. PRIMEIRA RECEITA: A AVENTURA SURREALISTA	9
1.1 Instruções antes de iniciar a leitura	10
1.2 Modo de preparo da escrita: o passo-a-passo da receita	12
1.3 Últimas instruções de leitura	16
1.4 Os ingredientes	17
1.4.1 O livro – onde começa a ação entre livros e comidas.....	17
1.4.1.1 Do caderno de receitas à edição do livro.....	19
1.4.2 As Oficinas de Memória Culinária.....	23
1.5 A construção do espaço imaginário: a casa-livro	28
2 LER	35
2.1 Ler liberta o pensar: a leitura nas oficinas.....	38
3 ESCREVER.....	48
3.1 Buscando as palavras.....	52
3.2 Escrita e Memória: experiência do tempo	59
4 COZINHAR	67
4.1 A Cozinha	68
4.1.1 A cozinha das oficinas	73
4.2 Cadernos de receitas	75
4.3 Comida e narrativa.....	78
4.4 O ato de cozinhar.....	79
4.5 Comensalidade - Comer juntos.....	81
4.6 Comida: conhecimento empírico.....	84
4.7 Cozinhar: resistir	86
5 COSTURAR	89
5.1 Alinhavando o pensar	90
5.2 Por uma Outra Pedagogia	93
6 ABERTURAS DA CASA-LIVRO	96
6.1 O descortinamento da casa-livro.....	99
6.2 As descobertas sobre a mesa da pesquisadora	100
REFERÊNCIAS:	107
ANEXO	109
Receita do pão de Alice	109

1. PRIMEIRA RECEITA:
A AVENTURA SURREALISTA

*Não, não é somente a flecha da palavra
que acorda a memória de seu estupor.*
Bartolomeu Campos de Queirós¹

1.1 Instruções antes de iniciar a leitura

Algumas primeiras orientações podem ser úteis à leitura deste trabalho de pesquisa que aborda as oficinas de memória culinária, práticas educativas que desenvolvi nos últimos dez anos, buscando transformar essa experiência em uma consciência reflexiva e apreendendo os conceitos operacionalizados através das práticas realizadas.

Como Memória Culinária, compreendo as lembranças da infância marcadas pela comensalidade, aprendizados e experiências que ficaram gravadas na memória. São imagens impregnadas do fazer culinário e do comer juntos, dos sabores e encontros afetivos em torno da mesa e do ato de comer, em rituais cotidianos e coletivos. Sobre as oficinas trataremos adiante.

É importante ressaltar que essa proposta nasce da minha percepção de que as oficinas de memória culinária são espaços ricos em criação e transformação humana e, pela Pedagogia articulada através destas, podem ser percebidas como uma maneira de caminhar para e pelo reconhecimento de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

Considerando o momento histórico e político atual, em que a educação encontra-se em re-avaliação, em auto-reflexão, em fase de transformação necessária (e urgente), provocar/pensar a possibilidade de uma educação pautada por uma razão sensível, voltada também para a percepção sensorial, atenta ao mundo e a valores eticamente relevantes e por vezes real ou aparentemente adormecidos, nos ajuda a entender melhor os fenômenos que envolvem a condição humana. Para que, quem sabe assim, possamos transformar a realidade, e suas inúmeras desigualdades, como compromisso primeiro da pesquisa em educação.

¹ **Vermelho Amargo.** São Paulo: Cosac Naify, 2011:25.

Ressalto também que no engendrar da escrita de qualificação ao mestrado, que antecedeu a este, fiz um texto recheado de fragmentos de poesias e prosas, entre memórias de infância e práticas nas oficinas e conceitos ainda dispersos. Escrevi, relatando experiências vividas e outras criadas pela imaginação e sonhos, movimento alegórico² daquele que escreve e rememora. Um texto que, na minha pretensão iniciante, pedia certa objetividade, mas que resultou em um processo primeiro de autoria, carregado de significados e de uma singular poética, que hoje compreendo como características do meu traço, do meu modo de escrever, enfim, um método que fui encontrando e buscando aprimorar, tal como uma receita culinária, no seu passo-a-passo.

Outra compreensão inicial importante refere-se ao conceito de escrita de pesquisa onde esta é concebida como uma prática por meio da qual a escrita e o conhecimento acontecem no diálogo vivido em campo e na relação com o Outro do pesquisador (AMORIM, 2001). Foi neste processo, que percebi pela escrita não somente as outras vozes como também a transformar os rumos, por mim inicialmente pretendidos. E foi seguindo este caminho que encontrei a perspectiva da “escrita surrealista de pesquisa”. Acreditando que:

o surrealismo e seus caminhos podem conferir à escrita de pesquisa um caráter não familiar, provocando a irrupção da alteridade, ou o encontro com o inesperado, a “surrealização” da escrita de pesquisa se mostra como algo viável. Com base nessa convicção é que propomos o conceito de “surrealização” da escrita de pesquisa. (BUSSOLETTI, 2007)

Passei, assim a conferir outro sentido ao meu caminho, através da surrealização como perspectiva ética e estética de pesquisa.

Vale reafirmar que a escrita surrealista de pesquisa propõe uma ruptura com os padrões pré-estabelecidos de escrita acadêmica e aproxima-se aos anseios de uma aventura, uma aventura surrealista.

Propomos assim o reencontro com a “aventura surrealista”, utilizando o termo num sentido “expandido”, numa tentativa de circunscrever a estética da escrita pelos horizontes cambiáveis e distintos da ciência e da arte, apostando nas trocas e no fazer emergir de novas possibilidades de ciência e de realidade. (BUSSOLETTI, 2011:02)

² “Etimologicamente, alegoria deriva de *allos*, outro e *agoreuein*, falar no agora, usar uma linguagem pública. Falar alegoricamente significa, pelo uso de uma linguagem literal, acessível a todos, remeter a outro nível de significação: dizer uma coisa para significar outra”. *Apresentação*: 37. In: Benjamin, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Esta perspectiva ancora-se no conceito de “surrealismo etnográfico” proposto por James Clifford³, onde se destaca, entre outros aspectos, a prática da justaposição, como técnica:

A etnografia mesclada de surrealismo emerge como a teoria e a prática da justaposição. Ela estuda, ao mesmo tempo em que é parte da invenção e da interrupção de totalidades significativas em trabalhos de importação/exportação cultural. (CLIFFORD, 2002: 155)

Considerando isto, os fragmentos científicos, poéticos, literários ou de lembranças e memórias da pesquisadora e das interlocuções que serão realizadas neste texto, buscarão ser mostrados e solicitam que sejam lidos neste movimento intencional de ruptura, que almeja afastar-se das totalidades significativas na procura do ato criativo e inovador, como movimento de pesquisa, que se reivindica sensível e atenta aos atos e processos criativos e transformadores.

1.2 Modo de preparo da escrita: o passo-a-passo da receita

Na porta de entrada desse texto, apresentei a receita: a *aventura surrealista*. Aproximando escrita e receita culinária, abordo-as como narrativas⁴; pela escrita de pesquisa, o modo de preparo anuncia quais são os ingredientes para se fazer um trabalho. O primeiro ingrediente é o livro *Memória Culinária: Coisa de Vó*. Livro editado artesanalmente por mim, que, a partir de sua edição, em 2005, possibilitou a execução das práticas que me proponho abordar: as Oficinas de Memória Culinária, o ingrediente principal desse trabalho.

Pretendo, assim, apresentar através da escrita de pesquisa as oficinas de memória culinária como espaços educativos. Tentando responder: por quais caminhos as oficinas de memória culinária podem ser compreendidas como espaços educativos, chego a outra pergunta: São as oficinas, práticas humanizadoras por uma razão sensível?

³ **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

⁴ Compreendo por narrativa, o contar histórias, relatar acontecimentos reais ou imaginários, num espaço e em um tempo determinados. “As narrativas [...] estão entrelaçadas com a construção e continuidade das comunidades, com a produção dos saberes do senso comum compartilhados pelas pessoas de um grupo. Elas possibilitam a reflexão, o questionamento e a crítica sobre a vida comunitária e a herança histórica.” (MENASCHE e AMON, 2008:20)

Para tentar responder a esta questão, as Oficinas serão revisitadas, e sua metodologia de trabalho será posta em análise, irei contar as experiências vividas nas oficinas em forma de relato⁵ descritivo.

De acordo com Larrosa, para contar a experiência, pois que ela é algo que nos acontece e nos toca; precisamos de uma série de precauções ao falar dela, para não desgastá-la, não torná-la um conceito que a afaste do que ela é: ser experiência. Segundo ele, o sujeito da experiência é um sujeito exposto, receptivo, aberto.

O que não quer dizer que seja um sujeito passivo, inativo: da paixão também se desprende uma epistemologia e uma ética, talvez inclusive uma política e certamente uma pedagogia. Mas se trata de manter sempre na experiência esse princípio de receptividade, de abertura, de disponibilidade, esse princípio de paixão, que é o que faz com que na experiência, o que se descobre é a própria fragilidade, a própria vulnerabilidade, a própria ignorância, a própria impotência, o que repetidamente escapa ao nosso saber, ao nosso poder e à nossa vontade. (LARROSA, 2014:42)

Essa abertura é a postura dessa escrita, de um sujeito exposto, sujeito vulnerável à escrita que se coloca durante a pesquisa. Ao buscar relatar a experiência – talvez, em si, inapreensível, convidarei o leitor a caminhar pelos recantos de um espaço imaginário: a casa-livro.

Da intimidade da casa, morada de nossa alma à exterioridade da escrita. Confronto incessante entre memória e imaginação.

A alegoria da casa-livro foi construída para esta análise, observando que há espaços comuns entre as oficinas e a casa, entre livros e comidas. Dentro dela habitam a educadora e suas memórias de menina, um poeta e alguns pensadores, que, com suas aparições pela casa, vão tornando o espaço mais iluminado, ora com o brilho de pirilampos, ora como centelhas, faíscas e alvoreceres.

Constelando meu pensar durante a escrita, com relâmpagos de pensamentos que vão e vem, imagens e alguns sonhos, conto essas histórias, escrevo minhas memórias (sou uma narradora?) e vou me fazendo pela escrita de pesquisa, sabendo que “O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1987: 224).

Pelas oficinas e pela escrita que virá, a ideia é que nos permitamos ser conduzidos pelas mãos da educadora, acessando ao universo das oficinas, mãos que também pegam livros, escrevem, cozinham e costuram. Espaços e tempos que

⁵ De acordo com Jorge Larrosa, estudioso da experiência, o relato e o ensaio são as linguagens da experiência, afirmando que “a experiência se elabora em forma de relato, a matéria-prima do relato é a experiência. (LARROSA, 2014:112).

foram e vão deixando portas e janelas abertas às luzes trazidas por poetas e pensadores, que se fizeram, fazem e farão por vezes, de fundamento teórico para as reflexões e investigações aqui propostas⁶.

As ações de ler, escrever, cozinhar e costurar papéis são os modos de fazer nas oficinas que fazem parte das práticas educativas em análise, constituirão os quatro capítulos a partir desta introdução.

Cada um deles analisará uma das ações realizadas nas oficinas, filtradas através das memórias da educadora e das imagens poéticas. Dentro da casa imaginada, encontro-me com esses filósofos e poetas, que acreditam como eu que a poesia e a literatura (a arte) têm o poder de inventar a vida, de fazer transformar e nos reinventar. Permito-me ouvi-los e com eles, vou habitando pelas passagens (quase paisagens) da casa-livro, lugar que escolhi para abrigar essa escrita de pesquisa, um espaço íntimo feito de memórias, acreditando que o conhecimento se constrói no ato de experienciar e essa experiência se dá também em ler, escrever, cozinhar e costurar.

No capítulo, *Ler*, proponho o encontro com esses objetos de criação humana, extensão da memória e da imaginação (BORGES, 2011), os livros, e sua força poderosa em nos transformar diante do reconhecimento de si e do outro, a partir das leituras que fazemos. Neste espaço pretendo refletir sobre o gosto pela leitura e os gestos de ler; a experiência de leitura do texto nos aproxima de nós mesmos. Ler os livros, ler o outro e ler o mundo; ler a si mesmo.

Iluminada pelas histórias de leitura que Alberto Manguel, um dos afortunados a ler obras em voz alta para Jorge Luis Borges, nos conta e, acreditando que o gesto de ler liberta o pensar, seguirei a contar das experiências de leitura nas oficinas, leituras que fazemos do mundo que nos cerca, na tentativa de entender e aprender a ouvir um texto, ouvir uns aos outros, re-descobrimos a importância da oralidade na transmissão dos saberes, pretendendo refletir sobre a importância dos livros enquanto instrumentos de sensibilização humana, ativadores de memórias e escritas.

⁶ “Nessa perspectiva, as citações não são réplicas, são constelações de associações de palavras, que mesmo conservando as características de sua fabricação são acrescidas de algo que é próprio de quem se lança nessa aventura, uma outra ordem, um tempo diferente, numa mesma presença, como alegoria do passado. Escrever por citações é uma forma de preservar a “recordação como íntima”. (BUSSOLETTI. 2010)

No *Escrever*, relato a construção dos suportes de escritas nas oficinas, os cadernos que costuramos manualmente e as marcas que imprimimos nesse fazer artesanal, revelando outra relação com o tempo, mais estendido, e a ligação secular entre a mão e a voz, entre o gesto e a palavra. Aqui, Walter Benjamin nos ilumina ao evidenciar a experiência como fundamento da narrativa.

Os cadernos servem de testemunho e preservação dos momentos vividos e revividos pela escrita de memórias, imprimindo formas de expressão não só escritas. Na descrição das oficinas, quedamo-nos (eu, os alunos) ante a busca pelas palavras, entre o real e a linguagem; no modo de observar as coisas e as pessoas, como as vemos e sentimos, e deparamo-nos com os limites que a linguagem possui.

Ainda nesse capítulo faço uma pausa pequena para a reflexão sobre a escrita e a memória; a experiência e o dinamismo do tempo; presente, passado, futuro. A ação de escrever como preservação de um tempo passado, exercício de memória contra o esquecimento.

O capítulo, *Cozinhar*, discorre sobre o espaço múltiplo e único da casa: a cozinha. Procuro observar como o espaço da cozinha funciona dentro (ou fora) de uma casa e sua potência como transmissor de muitos saberes e estímulo aos sentidos. Para colaborar com essa composição de narrativa, sentam-se à mesa Gaston Bachelard, trazendo sua *poética do espaço* e Michel de Certeau discorrendo sobre *a invenção do cotidiano*.

No espaço da cozinha, a mesa apresenta-se como objeto e eixo agregador; os cadernos de receitas são observados como importante instrumento de preservação das tradições. Ainda neste capítulo, discorro sobre a comensalidade; de onde vem o que compreendo por memória culinária; a potencialidade do fazer culinário no ato de cozinhar e o comer juntos, experiência rara no mundo em que vivemos. Em seguida, comento a respeito da comida e suas narrativas que acompanham as receitas, contando histórias de famílias e de vidas, momento importante nas oficinas: contar histórias e reinventá-las. Sigo pensando sobre o conhecimento empírico e cotidiano que a comida apresenta, dos quais estamos gradativamente nos afastando e que, necessitamos retomar. Gestos, hoje, de resistência ao modelo *fast food* instituído.

No último capítulo, *Costurar*, busco alinhar todo esse pensar das oficinas e memórias. Trazendo para esse espaço o pensamento crítico de autores como

Miguel Arroyo e Boaventura Souza Santos, através de uma Outra Pedagogia, humanizadora, unindo o pensamento crítico diante da atualidade educacional.

Ao final, nas *Aberturas da casa-livro*, retomo os princípios que norteiam a pedagogia na qual acredito, e que fundamentam a metodologia da prática desenvolvida durante as oficinas: o reconhecimento de si e do outro, a autonomia e o saber criado através das manualidades, na junção da arte e dos fazeres, nas ações. Neste espaço de abertura e descortinamento da casa, encerro com as descobertas que fiz e coloco-as sobre a mesa.

1.3 Últimas instruções de leitura

Pelos espaços e passagens da casa habitada, talvez se chegue a uma nova porta de abertura (ou janelas) levando a caminhos sonhados por muitos e aqui, escritos por mim. Mas, memória é também invenção. Os poetas já nos dizem e Manoel, o fazedor de amanheceres, escreveu: “tudo o que não invento é falso” (BARROS, 2004). Então, quem é essa que escreve?

Percebo três vozes, que surgem através desta escrita de pesquisa e que se mostrará ao leitor; três vozes que contam histórias diferentes, ou, em diferentes tempos. Uma é saudosista, nostálgica, lembra, através de imagens da infância, os aprendizados que teve com suas avós, formação relevante no que a menina é hoje. A outra é uma educadora, a menina criada com as avós que cresceu; afeita às literaturas e às artes, que privilegia em suas “aulas”, momentos de reflexão, oferece a seus alunos tempo e espaço para atos criativos, como cozinhar, escrever e costurar. A terceira é uma artista (editora e cozinheira) desassossegada com o que percebe nos tempos atuais: uma pobreza em experimentar, sentir e criar.

Assim sendo, por vezes, o texto mudará as vozes, ora em primeira pessoa do singular, ora do plural, pois que a educadora e a artista se misturam nesse espaço, se juntam também aos outros e juntos, todos somos nós. “eu não sou uma única pessoa, sou várias ao mesmo tempo, sou tudo isso, tem uma parte negra, uma parte branca, uma parte mulher, uma parte homem, uma parte cientista, uma parte poeta”⁷, um tanto de mim é Minas Gerais, outro tanto é extremo Sul, muitas raízes, mas, também frutos, flores e sementes.

⁷ Mia Couto em entrevista para a revista Carta Capital, publicada em 24 de abril de 2014, ao ser perguntado sobre o ofício de escrever: “ Toda literatura faz isso... Não é só um assunto técnico – de

Para ainda melhor dizer disto, pontuo e introduzo as palavras de outro escritor, que, no início de um de seus muitos contos, auxilia-me a dizer o que é necessário agora:

Nunca se saberá como isto deve ser contado, se na primeira ou na segunda pessoa, usando a terceira do plural ou inventando constantemente formas que não servirão para nada. Se fosse possível dizer: eu viram subir a lua, ou: em mim nos dói o fundo dos olhos, e principalmente assim: tu mulher loura eram as nuvens que continuam correndo diante de meus teus seus nossos vossos seus rostos. Que diabo. Durante a narração, se fosse possível ir beber um chope por aí e a máquina continuasse sozinha (porque escrevo à máquina), seria a perfeição. (CORTÁZAR, 2010:70)⁸.

A seguir exponho os ingredientes que fazem parte dessa aventura surrealista; o livro *Memória Culinária: Coisa de Vó* e as Oficinas de Memória Culinária.

Há mais uma instrução antes de entrarmos para a casa-livro. O leitor irá perceber vários grifos nos textos citados. São intenções de brilho e luz. Quisera eu a impressão destas citações estar em branco sobre fundo negro, feito um céu noturno, repleto de estrelas.

1.4 Os ingredientes

1.4.1 O livro – onde começa a ação entre livros e comidas.

*No princípio, foi a palavra falada:
para cumprir sua profecia,
fez-se necessário eternizá-la.*

Bartolomeu Campos de Queirós

No começo era o desejo. Ou como melhor escreveu Goethe: “No começo era a ação”. Ou como escrevo, também, no começo estavam os desejos que se ramificaram por entre palavras, silêncios, páginas de livros e cheiros de ervas. Desejos materializados sob a forma de um livro: o livro *Memória Culinária: Coisa de Vó*.

estar escrito –, mas é um modo de estar aberto, em sintonia com o que é visível e não-visível. Nos deixamos guiar pela palavra, somos absorvidos por ela, somos produtores dela. E isso a literatura resgata. É como dizer: “vamos permitir que uma certa infância se reinstale dentro de nós”. É isso que me faz feliz em ser escritor, é, sobretudo, eu ter feito contas com minha identidade, dizendo assim: “eu não sou uma única pessoa, sou várias, ao mesmo tempo sou tudo isso, tem uma parte negra, uma parte branca, uma parte mulher, uma parte homem, uma parte cientista, uma parte poeta”. Acessado em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/mia-couto-e-seu-colar-de-micangas-incomuns-5609.html>.

⁸ As *babas do diabo* In: Cortázar, Julio. **As armas secretas**. Rio de Janeiro: Civilização: 2010.

Antes de se tornar livro, ele foi um caderno de receitas me servindo de inspiração para o trabalho⁹, escolhi *Como água para chocolate*¹⁰, escrito por Laura Esquivel, contendo doze receitas tradicionais de família, sobre a cultura mexicana, cada uma delas abrindo um capítulo do romance. A protagonista, Tita, é uma cozinheira habilidosa, que nasceu, literalmente, sobre a mesa da cozinha¹¹. Eu, inspirada pelos livros no decorrer daquele semestre e pelas comidas que encontramos neles, comecei a busca para a produção de um caderno de receitas culinárias da minha família.

Pensei muito em minhas avós e em todos os almoços diários, aniversários, dia das mães e festas de fim de ano quando nossa casa ficava cheia de gente, de alegria e me remetiam a momentos de prazer com a comida. Assim, surgiu o desejo de homenageá-las com este trabalho, elas que sempre cozinham para nós, seus filhos e netos. Meus sentidos aguçados, muitos cheiros, que me levavam para longe, décadas atrás em minha memória. Dos momentos juntos em família e comemorações em torno da mesa fui selecionando as receitas culinárias, os pratos tradicionais; lembrava das tortas, dos doces, do arroz temperado, colorido com pimentões verdes e vermelhos, presunto em cubinhos e azeitonas pretas.

As receitas antigas vinham à memória presente, mas, como era o preparo, a quantidade de ingredientes? Procurei pelos cadernos de receitas da vovó Juracy e de minha mãe, para encontrar a anotação das receitas lembradas e, então, um baú cheio de tesouros saltava à minha frente! Aquelas letras, os traços, as marcas do tempo, os velhos recortes de revistas, as dicas, os modos antigos de se preparar as comidas, os cardápios da semana. Obra de receituários de comida, envelhecida pela ação do tempo. Pelo texto, os jeitos de escrever... *assúcar*... tantas linguagens para tantos sentidos e a vida passando ali junto daquelas receitas, com histórias cheias de significados para mim.

Rememorar, *re-cordis*, recordar: tornar a passar pelo coração. Deste modo foi feito o caderno, recordando momentos pessoais em torno da comida e seu preparo

⁹ Criado no encontro com Sabrina Sedlmayer, professora associada da Faculdade de Letras da UFMG, onde fiz graduação em licenciatura e bacharelado. O nome da disciplina ofertada no segundo semestre de 2004 era: "Os lugares da comida na Literatura".

¹⁰ Foi o primeiro romance escrito pela autora, que teve boa acolhida de público em seu país e foi traduzido para diversas línguas. Em 1992, foi levado às telas de cinema, pelo diretor Alfonso Arau.

¹¹ Há muitas críticas a respeito do livro e do filme, com inúmeras considerações. Nina Horta, cronista da Folha de São Paulo dedica-se à coluna de culinária há quase trinta anos. Em 1995, lançou a primeira edição de uma compilação de suas crônicas e receitas, chama-se: *Não é sopa – crônicas e receitas de comida*. Nele há uma saborosa crônica sobre o filme *Como água para chocolate*.

nas cozinhas das casas que habitei; morando ou de passagem por elas. As recordações vinham através de cheiros, ao folhear cadernos de receitas, ou em conversas com minha mãe, amigos, tias e parentes em torno das mesas de comidas. Ao rememorar esses momentos nas cozinhas; outras histórias e imagens vinham da memória, quase que interminavelmente¹².

Assim, a tessitura se fez trançando os fios, uns nos outros, tecendo, costurando umas palavras às outras, escolhendo, criando, selecionando as receitas de memória. Fui costurando papéis, escrevendo, rememorando, imprimindo, escavando e narrando minhas memórias junto de ervas desidratadas. Naqueles momentos, eu misturava minha habilidade com o artesanato, (manualidades que aprendi com minha mãe e avós), aos textos literários e às receitas.

Dias depois da entrega do caderno como trabalho final, recebi a nota em um bilhete escrito em papel especial, abrigado num envelope vermelho. Falava da leveza de Calvino, da delicadeza e do feminino, do lirismo e da vida como verdadeira obra de arte. Gravado em minha memória a leitura desse bilhetinho ficou e a ele recorri como alento em vários momentos do trabalho de edição do livro que aconteceu no ano seguinte, no encontro com a professora Sônia Queiroz¹³.

1.4.1.1 Do caderno de receitas à edição do livro

O livro *Memória Culinária: Coisa de Vó* foi editado nos meses de inverno do ano de 2005 e nele reconheço um possível começo dos caminhos que me conduziram até o mestrado em educação e que para fins deste trabalho re-apresento como ingrediente motivador para o que iremos abordar. Em suas páginas, o livro traz recordações de momentos em torno da comida, no espaço geométrico e simbólico da cozinha, além de receitas culinárias dos tempos antigos e memórias afetivas.

¹² Aqui lembro de Marcel Proust, a quem esse movimento infindo em busca de um passado, construiu, em sete volumes, o romance: *Em Busca do Tempo Perdido*. É uma das obras literárias mais importantes do século XX. Recuperar o passado através da escrita, essa a tentativa, interminável. Para Proust, por meio da memória involuntária, disparada por algum elemento, pode-se trazer o passado ao presente. Daí a cena clássica da *madeleine*. Ao mergulhar o bolinho em uma xícara de chá e prová-lo, o protagonista relembra a sua infância na cidade de *Combray*.

¹³ Sônia Maria de Melo Queiroz é professora associada da UFMG, coordena o *Viva Voz* - núcleo de publicações da Faculdade de Letras. Foi minha orientadora na monografia do Bacharelado, intitulada: *Tesouros de Minas; a comida mineira nas memórias de viajantes*. Na disciplina ofertada por ela, sobre Edição de texto, pude editar o caderno de receitas que havia criado na disciplina com Sabrina Sedlmayer.

Durante o trabalho de edição, muitas foram as buscas e desvios, outros encontros; com livros, materiais e professores¹⁴. Retomei o caderno de receitas da vovó Juracy. Diante daquele tesouro antigo, que existe há mais de cinquenta anos, comecei a escolher entre as receitas que estavam soltas, os papéis mais desgastados, algumas bem curiosas, as letras caprichadas e as receitas datilografadas em papel timbrado, características da função que ela exerceu como datilógrafa. Das receitas soltas encontradas no caderno, nós (eu e o diagramador) as escaneamos para dentro do livro, trabalho simples de composição, preservando-as contra a ação do tempo¹⁵.

Decidi pesquisar outros livros, eu queria outras histórias próximas às minhas; outras memórias e literaturas, queria mais tempero e sabor ali. Na busca por livros de memórias e comidas, encontrei: *Bau de Ossos* de Pedro Nava. Eu desconhecia a obra, mas já sabia que era um livro de memórias de família e também falava de receitas de cozinha. Procurei nesse livro grosso e pesado, mais de 400 páginas, trechos em que citava as avós, encontrei...

Se a batida do Ceará é uma rapadura diferente, a batida de minha avó Nanoca é para mim à parte e funciona no meu sistema de paladar e evocação, talqualmente a madeleine de tante Léonie. Cheiro de mato, ar de chuva, ranger de porta, farfalhar de galhos ao vento noturno, chiar de resina na lenha dos fogões, gosto d'água de moringa nova – todos têm sua “madeleine”. Só que ninguém tinha explicado como Proust – desarmando implacavelmente, peça por peça, a mecânica lancinante desse processo mental. Posso comer qualquer doce, na simplicidade do ato e de espírito imóvel. A batida, não. A batida é viagem no tempo. (NAVA, 2012: 48).

Com a leitura desse pequeno texto, naveguei no tempo, me lembrei do doce de abóbora com coco, salpicado de canela, que “Dona Jura” preparava. Desse

¹⁴ Conheci Conceição Bicalho, professora das Artes Visuais da UFMG, que me sugeriu a dobra no papel para abrigar as memórias, ideia que adotei na hora de nossa primeira conversa. Com Conceição, vim a fazer um trabalho também muito caro a mim: *Acolhidas* - O livro-objeto com flores miúdas nascidas entre pedras da cidade de Diamantina, inspirado pelo livro comprado em sebo; *O pássaro de Jade* de Sônia Regina editado em 1946. Trabalho de colagem e composição realizado em 2006.

¹⁵ Tive a benção de viver e conviver com minhas duas avós na infância e em boa parte da minha vida adulta. O desejo de preservar aquelas memórias e homenagear as avós foi principalmente para minha avó Juracy que já sofria do *Mal de Alzheimer*. Minha outra avó Elisa, era uma cozinheira de mão cheia e com ela também vivi muitos momentos na cozinha. As duas conheceram o livro. Vovó Jura o pegou, folheou, mas, não compreendia o que era aquilo, mesmo eu mostrando a ela que se tratava de um livro de receitas. Vovó Elisa achou bonito, abriu o livro, não sabia ler, mas, ao folhear as páginas, encontrou seu nome nele e ficou muito surpresa, dizendo: *Olha tem meu nome aqui!* Deu-me um beijo e um sorriso que jamais vou esquecer.

lampejo de texto que clareou ainda mais memórias, inevitavelmente, fui degustar a “Madeleine”¹⁶ de Marcel Proust.

Na breve leitura que fiz das memórias involuntárias do volume I de *Em busca do tempo perdido - No caminho de Swann* salta diante dos meus olhos essa frase: “Apenas um momento do passado? Talvez muito mais, algo que, ao mesmo tempo comum ao passado e ao presente, é muito mais essencial que os dois”. (PROUST, 1982) Sim! Muito, muito mais. Com ela fiquei, porque era isso que eu buscava ler e encontrar naquele livro, tudo aquilo que eu estava construindo, compondo, não tratava apenas de momentos do passado, era muito mais. É com essa frase de Proust que dou abertura ao texto de apresentação do livro. Adélia Prado, poeta das Minas Gerais, em uma epifania proustiana nos escreve:

Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso,
com trovoadas e clarões, exatamente como chove agora.
Quando se pôde abrir as janelas,
as poças tremiam com os últimos pingos.
Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema,
decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos.
Fui buscar os chuchus e estou voltando agora,
trinta anos depois. Não encontrei minha mãe.
(PRADO, 1979:116)

Receitas, imagens, histórias e memórias vão construindo, junto de pequenas citações de poetas o trabalho de composição do livro. O cuidado de edição na escolha dos papéis em tons de sépia, dos tipos e corpos de letras, o tipo manuscrito para o texto das receitas, escolhas que vão se fazendo durante o trabalho. Abre-se espaço com linhas em branco para que o futuro leitor possa registrar as suas próprias receitas de memória.

Além das memórias culinárias, o livro materializa outras imagens: a costura das colchas de retalhos que vovó Jura fazia para os netos tratou de aparecer, acolhendo as especiarias desidratadas num papel vegetal amarelo pálido, lembrando a cor do tempo nos papéis esquecidos. Seu crochê, manualidade inseparável de sua existência, acolheu em imagem a guarda-capa, aquecendo o

¹⁶ *Madeleines* são bolinhos, que funcionaram para o escritor Marcel Proust como epifanias, detonadores de memória, uma memória involuntária. “Imagine, caro leitor, ontem eu mergulhei um bolinho numa xícara de chá, e então me lembrei que tinha morado no campo, quando criança” (PROUST, 1982:31). Há uma referência da memória involuntária de Proust no filme “Ratatouille”. No restaurante, que tem por *chef* de cozinha o rato Remy, um crítico gastronômico é levado a uma cena da infância, ao provar do *ratatouille*, uma sopa camponesa feita com berinjelas, abobrinhas e tomates. A animação americana foi produzida em 2007 com direção de Brad Bird e sua trilha sonora é especial em canções francesas.

livro de memórias, abrigadas em dobras, costuras, cheiros, imagens de receitas em letras antigas, datilografadas. O miolo do livro recebeu uma capa dura e encadernação em espiral, para facilitar a leitura no uso da cozinha e também devido ao volume das dobras e costuras recheadas de cheiros e de lembranças.

A partir desse trabalho de edição¹⁷ e nas pesquisas do bacharelado, aprendi a observar atentamente os livros não só pelo seu conteúdo, mas também pela sua forma, os detalhes de costura, os textos e paratextos¹⁸, os tipos de papéis; texturas e gramaturas. Comecei a procurar livros com guarda-capas e quando encontrava era um deliciar-me nas artes dos editores; fui conhecendo editoras pelas características de acabamento, cores, formatos, enfim, aprendi a gostar de tatear suas capas e páginas e, cada vez mais fui tomando gosto por fazê-los.

Até aqui, caminhei pelo trajeto de edição do livro e com ele feito, seguindo as trilhas, novos projetos foram surgindo. É bem curioso esse movimento do livro e todos os caminhos que me levaram além dele. Em 2006, escrevi um projeto para a lei de incentivo à cultura solicitando a edição de 500 exemplares e a realização de oficinas de memória culinária por algumas cidades de Minas Gerais. O projeto foi habilitado pela Secretaria de Cultura do Estado e durante a fase de captação de recursos, saí em busca de apoiadores e patrocínio. Dei entrevistas a jornais locais, programas de TV e rádio para divulgar o projeto. Conheci jornalistas, escritores e livreiros. Fui até o Rio de Janeiro no Programa Sem Censura, conheci Leda Nagle e gravei um especial para o dia das vovós que é comemorado, na tradição cristã, no dia 26 de julho, dia de Sant'Ana, mãe de Maria, avó de Jesus.

Foi também em um programa de TV, esse, local, o *Brasil das Gerais*, que tive a grata surpresa em conhecer Maria Stella Libânio Christo, precursora dos livros de culinária mineira¹⁹, mãe de Frei Betto de quem eu trago uma pequena citação no livro, quando ele lembra que sabor e saber provém da mesma raiz gramatical e que

¹⁷ A homenagem-livro também agradou outros leitores e depois da feitura inicial de cinco exemplares, para o pré-lançamento que se deu na Faculdade de Letras, junto de outros colegas e outras produções, surgiram encomendas. Inicialmente para as professoras que nos prestigiaram no evento, depois do lançamento oficial em setembro de 2005, numa casa de chás, não parei mais de me embrenhar em fazer livros, chegando ao ano de 2013 ao número de 310 exemplares artesanais.

¹⁸ Paratextos editoriais, termo cunhado por Gérard Genette, servem para mediar o leitor e o texto. Esse aparato, muitas vezes visível demais para ser percebido, pode atuar sem que seu destinatário o saiba. Apresentação editorial, nome do autor, títulos, dedicatórias, epígrafes, prefácios, notas, colofão, prólogo, posfácio, entre outros. Genette procura, portanto, estimular o leitor a examinar mais de perto aquilo que, às escondidas e com tanta frequência, regula nossas leituras.

¹⁹ Seu primeiro livro: **Fogão de lenha – quitandas e quitutes das Minas Gerais** foi lançado em 1977 e é considerado um marco nas edições de livros sobre a culinária mineira.

comer junto é também comunhão. Tive a alegria de ser recebida na casa de Maria Stella numa tarde de maio de 2007, para um café com biscoitinhos e uma prosa inspiradora. Em sua biblioteca, pude folhear cadernos de receitas muito antigos, abrigados em capas cuidadosas e bem conservados em gavetas. Foi nesta tarde ao presentear Maria Stella com uma edição do meu livro que comentamos juntas: por que os livros de culinária nos abrem tantas portas, possibilitam tantos bons encontros? Ao que ela concluiu dizendo: “Porque os livros de receitas contam muitas histórias!”

Não consegui os apoiadores ao projeto de lei estadual, mas, foi nessa busca por patrocínio, que encontrei abertura para a realização de oficinas, sendo a primeira delas na cidade de Igarapé, junto às cozinheiras do município que participavam de um projeto em educação patrimonial e preservação do patrimônio cultural e imaterial.

Chegamos então, nas Oficinas de Memória Culinária, objeto dessa pesquisa; mas antes, talvez seja importante dizer o que, diante do vivido até então, considero como Memória Culinária.

São lembranças da infância marcadas pela comensalidade, aprendizados e experiências que ficaram gravadas na memória. São imagens impregnadas do fazer culinário e do comer juntos, dos sabores e encontros afetivos em torno da mesa e do ato de comer, em rituais cotidianos e coletivos. Divertidamente: uma confissão gulosa. Nostalgicamente: saudades da comidinha da vovó. Criticamente: cozinheiro porque resisto.

Como essas imagens aparecem? Podem surgir durante um preparo de comida ou ao comer (bem ao modo da memória involuntária de Proust) também surgem, quando estamos com outros comensais em momentos de confraternização ou comemoração. Podem surgir despertadas pelas leituras, com a intenção mesmo de lembrá-las, ou ainda, num movimento de rememoração e de escrita, ao costurar papéis, gestos presentes nas Oficinas de Memória Culinária.

1.4.2 As Oficinas de Memória Culinária

*...vibrar em comum,
sentir em uníssono,
experimentalmente.*

Michel Maffesoli

Neste trabalho de pesquisa as oficinas são pontos de chegada e também de partida. Os versos de Fernando Brant eternizados na voz ímpar do Milton entoam

essa passagem ...*são só dois lados da mesma viagem. O trem que chega é também o trem da partida...* Mas, o que são as oficinas? As oficinas de memória culinária são práticas educativas e artísticas ministradas por mim a partir do ano de 2006, após a edição do livro *Memória Culinária: Coisa de Vó*, pela abertura que ele proporcionou em minha vida como artista/editora, cozinheira e educadora.

As oficinas ocorrem em espaços não formais de educação, para jovens e adultos, alunos e professores; ocorrem também dentro das escolas e universidades, nas salas de aula e cantinas escolares, mas fora do currículo escolar, dos processos de escolarização e de conteúdos programáticos. São espaços livres; de educação e criação potentes em experiência e troca de saberes²⁰; que podem, ou não, complementar atividades escolares.

Como a etimologia da palavra diz, oficina quer dizer: *lugar onde se exerce um ofício*, uma ocupação, uma função. São momentos de convívio, trabalho manual e criação, também de abertura a novas e outras habilidades, de leitura, de escrita e possibilidades de aprendizagens através dos trabalhos manuais com atenção especial ao ato de cozinhar.

Porém, mais que fundamentar as vivências e o convívio desta prática pedagógica, é necessário dizer que elas são parte de um movimento que se baseia nas relações humanas estabelecidas durante o fazer criativo e o convívio, onde nos ocupamos das ações de ler, escrever, cozinhar e costurar em torno de nossas memórias culinárias.

Estas experiências foram e são de tamanha riqueza e impacto em minha trajetória e na vida de vários desses participantes das oficinas que decidi fazer deste espaço um *lócus* de reflexão acadêmica no sentido da apreensão de uma possível metodologia que, amalgamada em minhas lembranças e atos, de outra forma não poderiam ser perceptíveis.

Busco nesta metodologia o encontro com uma prática diferenciada de escrita de pesquisa, busco a produção de algo que se assemelha a um ensaio sobre o que me movimenta e acredito em educação: que o conhecimento se dá nesses espaços de convívio, não necessariamente em salas de aula ou pelos currículos escolares.

²⁰ As oficinas de memória culinária podem vir com outros nomes: CCC – Comida de criação coletiva; Culinária de afeto; Ler e escrever com prazer por comer; Conversa entre livros e comidas. Os nomes mudam de acordo com o local onde serão realizados, o público (quem são os alunos – professores, alunos do ensino fundamental, médio, graduação ou nenhuma formação) e o tempo disponibilizado para elas.

Corroboro o que os estudos em educação popular já há muito dizem, ou seja, que a educação também se faz presente em nossas comunidades, casas, está nas nossas histórias, essas que criamos cotidianamente.

Move-me também o desejo de retorno ao passado pela recordação, pela lembrança, pela memória pautada na convicção de que com o empobrecimento da experiência trazido pela modernidade corremos o perigo de que cada vez mais nos afastemos de nossos vínculos com nossas casas e núcleos familiares²¹, que nossos corpos deixem de sentir e de perceber as memórias de que somos feitos. Não pela nostalgia de uma tradição, mas, em busca de uma utopia, a necessária esperança de que algo ainda possa mudar. E, sabemos, o quão agradável e importante é sentir-se em casa.

Assim, o que aqui pretendo é investigar/apresentar esse espaço, o espaço da oficina, como outro modo de pensar a educação, um modo que alia o pensar e o fazer, o ler e o escrever, o cozinhar e costurar. Espaço que também durante essa apresentação irá buscar elaborar “um pensamento vagabundo, errante, atento aos fenômenos empíricos, àquilo que convida a ser vivido”. (MAFFESOLI, 1995: 113)

Nesse espaço de manualidades e troca entre pessoas/indivíduos (eu, os outros, nós), nos aproximamos da razão sensível. Valorizamos o senso comum, criamos imagens a partir de leituras, ao contarmos nossas histórias, fincamos nossas raízes culturais em nossas conversas e escritas, reinventamos a vida cotidiana, ressignificamos o espaço escolar, nos educamos uns aos outros. Um espaço que ergue mais do que respostas, perguntas. Entre estas: Espaço de convívio e trans-formação sensível, espaço de transformação social?

Mas, o que compreendo como razão sensível? Por um lado, razão sensível implica em conhecer sem nos distanciar de nossas sensações e nos aproximar ainda mais do que é vivo em nós. Maffesoli assinala que é uma “sensibilidade intelectual, uma vontade assumida de anti-sistematismo ou ainda, um pressuposto reivindicado de relativismo”. Ressalta também que pensadores como Walter Benjamin

²¹ A tragédia da pós modernidade afasta os seres humanos de si e dos outros, as relações estão vazias de sentido e nosso convívio esvaziado de afeto e cumplicidade. Parece-me impossível buscar construir um novo pensamento na ilusão dos sentidos, daí a necessidade de despertá-los, os sentidos, despertar para nossas histórias e memórias. O termo núcleo familiar aqui é entendido como núcleos afetivos que podem ser também de amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou de escola. Vínculos que estabelecemos por afinidades.

[...] souberam captar idéias-força, então em gestação, que encontram, atualmente, seu desabrochar no próprio seio de nossas sociedades. Assim, Benjamin, em particular empenha-se em depreender a intenção alegórica, e isso como sendo a coisa mais pertinente para compreender esse palimpsesto que é a realidade. (MAFFESOLI, 1995:151)

É perceber a vivência social e a complexidade da vida cotidiana que é amplamente atravessada pelo afeto, é buscar reencantar o mundo que vivemos.

É isso o interesse de uma razão sensível que, sem negar fidelidade às exigências de rigor próprias ao espírito, não esquece que deve ficar enraizada naquilo que lhe serve de substrato, e que lhe dá, afinal de contas, toda a sua legitimidade. Sem pretender fazer paradoxo a qualquer preço, tal sensibilidade é bem expressa naquilo que pode ser denominado um empirismo especulativo que se mantenha o mais próximo possível da concretude dos fenômenos sociais, tomando-os pelo que são em si próprios, sem pretender fazer com que entrem num molde preestabelecido, ou providenciar para que correspondam a um sistema teórico construído. (MAFFESOLI, 1995:161)

Ou, por outro lado, como nos assinala ainda Schiller, é uma necessidade urgente de se enamorar à vida, (diante do esgotamento do pensamento moderno e racional) e observá-la tal como ela é. Por se tratar de entremear pensamentos e ações diversas e que se afinam no que têm de mais importante, que é sensibilizar para o conhecimento empírico cotidiano que, por ser tão presente em nós, a ele não damos importância, mas, que sem ele, nada somos. Somos constituídos desses elementos/alimentos: sociabilidade, senso comum, afetos, vivências, artes, gestos cotidianos. Algo que ultrapassa a razão (cartesiana) e alcança (e preserva) o sensível. “Sentir é a necessidade mais urgente”.²²

Uma necessidade que

atravessa épocas e que nos impele a repensar o humano. Uma perspectiva possível diante do enfrentamento acerca de uma das tarefas centrais da educação na contemporaneidade que é a formação de “racionalidades sensíveis”. (BUSSOLETTI, 2011:02)

Investir-se no desafio de uma educação por uma razão sensível significa não somente o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras com o mundo, mas crer na possibilidade de abertura e também de enraizamento cultural a construir outros modos de conhecimento. O conhecimento como arte, arte que fazemos com nossas mãos e gestos ordinários do nosso cotidiano.

Talvez seja a hora, num momento em que se assiste a uma crescente estetização da existência, e isso em todos os domínios, de pensar a ciência,

²² Em 1795, escreveu Schiller no livro: **Cartas sobre a educação estética do homem**. Há uma publicação mais recente: SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

ou mais modestamente, o conhecimento, como uma arte. (MAFFESOLI, 1995:183)

Defendo, nesta perspectiva, que as oficinas de memória culinária são espaços de educação análogos ao de uma viagem às nossas memórias, uma travessia (atravessando uma região, um espaço, pode ser o coração, pode ser a casa que habito, ou meu lugar de criação, uma cidade, uma paisagem) considerando esse(s) percurso(s) como uma larga experiência de descobrimentos e descortinamento de mundos, que fazemos a partir dos textos literários, proporcionando escritas e memórias para a construção de pequenas narrativas.

Considerando isto é que seguirei pelo texto das próximas páginas, revisitando as oficinas, compartilhando afetos e aprendendo a partir de nossos gestos. E é assim que, debruçada sobre as experiências, lembrando os momentos a cada turno e toda maneira de conduzir os encontros, vou repensando minha própria trajetória, e através dela mais ou menos identificando aquilo que é traço, ou rastro de uma metodologia.

Prossigo, assim, habitando pela escrita desta pesquisa e na minha vida em formação constante, refletindo sobre a transmissão de saberes e a recuperação de vínculos afetivos e coletivos a partir dos rituais cotidianos, das experiências vividas nesses encontros, sobretudo ligados ao ato de cozinhar. Conto essas histórias através das descrições em forma de relatos e imagens de memória (conceito que trataremos posteriormente).

Reafirmo que essas histórias foram construídas a partir da minha memória sobre elas, posto que essas oficinas foram realizadas nos últimos dez anos, e pela cronologia já fazem parte do tempo passado. Mas, a memória e a escrita têm isso de convergente. Ambas se fazem, estão no tempo presente e exigem certo esforço de elaboração. O tempo presente dessa escrita é a construção de um pensamento que se faz, fazendo; escrevendo sobre essas oficinas, passadas, registradas na memória.

Como essas oficinas tratam de espaços e tempos onde o que se faz é rememorar, sobretudo, receitas culinárias, o que farei durante o trabalho de pesquisa desta dissertação é rememorar as práticas das oficinas. Reunindo pela escrita, passado, presente e futuro. Futuro, esse que se faz agora para ser lido depois.

Veremos agora o que acontece a seguir... Ao entrar na casa-livro e me abrir ao desconhecido que é o ler, o escrever e o cozinhar acerca dessa tão minha (nossa?) história.

1.5 A construção do espaço imaginário: a casa-livro

*Toda grande imagem é reveladora de um estado de alma.
A casa, mais ainda que a paisagem, é um estado de alma.*

Gaston Bachelard

Concebo a casa-livro como um espaço de memórias e afetos, onde entramos nos nossos devaneios e rememorações. Para habitar esse espaço precisamos sonhar e imaginar, movimento apropriado a quem se propõe a ler um livro, não só como uma travessia e viagem (próprias da experiência), mas também como um lugar para estar. “O texto abriga o leitor em sua experiência singular, interdita àquele que escreve. A escrita abre portas, mas a paisagem mora no coração do leitor.” (QUEIRÓS, 2007:34). A casa e o livro são habitáveis, são espaços e tempos que se colocam a disposição de quem deseja habitá-los.

Os valores de abrigo são tão simples, tão profundamente enraizados no inconsciente, que os encontramos mais facilmente por uma simples evocação do que por uma descrição minuciosa. **Nesse caso o matiz exprime a cor.** A palavra de um poeta, já que ele toca o ponto exato, sacode as camadas profundas de nosso ser. (BACHELARD, 1988:117 – Grifos meus)

O espaço da casa-livro é casa, porque casa é o lugar de aconchego e de convívio, lugar também de proteção. Sabemos que mesmo sendo esse o imaginário de uma casa, nem todos têm essa mesma representação desse espaço. Mas, de um modo geral, a imagem de uma casa, nos conduz a pensar que esse espaço é para nos acolher, abrigar, proteger. A casa é também lugar de aprendizados, é onde podemos sonhar em paz. (BACHELARD, 1988) A casa é o nosso canto do mundo, é nosso espaço de bem-estar e aconchego, de conforto para o corpo e para alma. Ou ao menos, deveria ser, sei que os espaços estão sendo verdadeiramente pouco habitados por nós, hoje, mas a casa é ainda o espaço imaginado nas referências alimentares, sendo a cozinha o espaço mais freqüentado.

Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; **nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas** e nossa emoção traduz apenas quem sabe, **a poesia perdida.** [...] pelos poemas, talvez mais do

que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa. (BACHELARD, 1988:113 – Grifos meus)

O espaço da casa-livro é livro. Por quê? Porque é onde vive a alma do poeta. Não, a alma do poeta está no poema e nós somos tocados por ela. Pode não estar dentro de um livro. Mas os poemas moram nos livros. Nem sempre. Um poema pode estar nos muros das cidades, numa porta de banheiro público, na voz de uma pessoa. Mas a alma do poeta vive ali, no poema. O livro nos permite imaginar e voar, também sonhar.

Nos poemas se manifestam forças que não passam pelos circuitos de um saber. As dialéticas da inspiração e do talento tornam-se claras se considerarmos os seus dois pólos: a alma e o espírito. Em nossa opinião, alma e espírito são indispensáveis para estudar a imagem poética, em seus diversos matizes, a fim de que se possa seguir, sobretudo a evolução das imagens poéticas desde o devaneio até sua execução. (BACHELARD, 1988: 98)

Imaginando, intercambiamos nossas experiências, as que já trazemos conosco e as que criamos ao estarmos juntos aqui. Sonhando, transcendemos o espaço geométrico. “Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos da “casa” e dos “aposentos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós como nós estamos nelas”. (BACHELARD, 1988:109)²³. Assim, nesse depositar do tempo, é onde alicerçamos o que somos (ou que imaginamos que somos), nossas construções e aprendizados.

Os aposentos da casa são muitos, mas, aqui não iremos habitar todos os espaços dela. Adentraremos pelo portão com arabescos no gradil, passaremos pela varanda com as cadeiras em vime e almofadas em flor, cruzaremos a sala de estar onde estão o piano e os dois quadros na parede que nos renderiam bons momentos de conversa e música. Não subiremos a escada que leva aos quartos, também não descenderemos ao porão, mesmo sabendo que lá existem alguns tesouros guardados em sacos de algodão: batatas, amendoins, feijões e grãos de milho, alimento nobre das galinhas no quintal. O passeio pela casa vai nos levar a um espaço de encontros, onde a música, a poesia e a leitura podem habitar; lugar de muitos tesouros e muitas histórias, um espaço múltiplo e único: a cozinha.

²³ Para um estudo sobre o espaço da casa como instrumento para se desvendar a alma humana, ver o conceito de “topoanálise” em: **A poética do espaço**.

A cozinha da casa-livro tem duas portas e uma janela com vista para o morro onde apita o trem, um fogão de quatro bocas com abas laterais e um fogão à lenha, desses bem vermelhos e brilhantes, há prateleiras nas paredes enfeitadas com rendas feitas de papel.

Os aposentos da casa por onde vamos transitar, além da cozinha, são o escritório que fica mais ao fundo, onde estão os livros (alguns também se encontram espalhados por outros espaços). Perto da cerca feita de bambus, há um jardim de beijos e dalias. O quintal tem um galinheiro pequeno com madeira velha e tela já meio retorcida pelo tempo, perto dele uma pequena horta com hortaliças que crescem livre e desordenadamente, entre salsas, cebolinhas e ervas daninhas e o sótão, que possui as cores ofertadas pelos raios de sol, pela claridade das luas e brilho intenso de estrelas. O céu noturno onde foi construída a casa é farto delas.

Nos espaços da casa-livro habitam: a educadora e as memórias de menina nascida em Minas Gerais que conta de suas vivências e aprendizados simples que marcaram sua infância. Também vivem os amigos do pensar e o poeta-anjo.

“Ele entrou no meu sonho, sem licença. Chegou pequenininho como se fosse filho da insignificância. Seu andar perdido, pisando dúvidas, parecia transportar o passado em suas costas. Não se desfaz da carga do passado. Ele sabia que o futuro é só matéria de fantasia.” (QUEIRÓS, 2013: s/p). Bartolomeu, o anjo-poeta, porque em toda casa mora um anjo, é doce, manso e preciso. Tem asas longas e voa alto com as palavras. Gosta de bater asas pelo quintal da casa, junto das flores, das árvores, das pedras, é quase um poeta-anjo-passarinho. Protege os sonhos da menina e gosta de estar perto da educadora, sobretudo quando ela está a preparar o bolo de milho com queijo.

“Eu sabia que tudo era sonho, mas não queria acordar. Busquei me proteger debaixo da asa da liberdade para não interromper a história que vivia sem escolher. É preciso se aninhar na liberdade para ganhar coragem e voar.” (QUEIRÓS, 2013: s/p). Benjamin, o amigo melancólico, habita o sótão, vem conversar conosco em vários tempos e espaços da casa, mas gosta especialmente de quando estamos a costurar papéis sobre as mesas, momento da experiência em narrar e tecer costuras de vida.

“Eu não sabia a língua dele, mas suspeitava suas respostas. No sonho tudo é uma verdade indecifrável.” (QUEIRÓS, 2013: s/p) Gaston vive no escritório, mas, passeia muito pela casa, gosta dela e a observa cuidadosamente, ao pronunciar

suas falas, elas ressoam em ecos que iluminam a todos que estão na casa. É um amigo meio maluco, usa barbas grandes e desgrenhadas e conversa muito com a menina sobre os sonhos e a imaginação. Dorme pouco, mas, caminha pela casa-livro sempre vestido de pijamas.

A casa recebe visitas habituais: os franceses, Michel Maffesoli e Michel de Certeau, são as visitas mais constantes, apreciam estar na cozinha com os outros e se reúnem em volta do fogão à lenha, adoram beber café e gostam de sensibilizar as pessoas para aquilo que elas têm de mais natural em si, viver juntos em espaços cotidianos.

Os poetas, pirilampos de todos os cantos, vêm passear pela casa-livro, convidados pela educadora; por vezes, também as memórias da menina abrem portas e janelas para eles entrarem.

Há muitos modos de entrar para essa casa-livro: pelos cheiros que dela emanam das janelas, pelas portas abertas como páginas, através das iluminações dos pensadores amigos, pelas palavras exatas do anjo que vive na casa, pelas suas asas, junto de seus vãos.

A educadora transita por espaços de educação e, dentro da casa imaginada, iluminada pelo amor, a poesia e a liberdade, convida outros pensadores e busca apresentar ao leitor suas experiências nas Oficinas de Memória Culinária e a descrição de sua metodologia, em forma de relato.

Nessa casa-livro há muitas memórias, tem comida de avó, tem crochê na mesa de cabeceira, almofada de fuxico e botão, tem saudade e muitos livros. Essa “casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos”. (BACHELARD, 1988: 113). Valores que parecem estar sendo esquecidos... Sobretudo quando nos afastamos das sensações, no convívio com as experiências de leitura e escrita e de nos relacionar uns com os outros.

Para abrir as portas dessa casa, anuncio a primeira chegada nesse espaço imaginário. Bartolomeu Campos de Queirós chega frente à casa, passa pelo beco estreito e úmido que dá no quintal e bate as asas à escada que leva até a cozinha. O poeta em forma de anjo lembra-me com delicadeza e precisão de sonho:

Era uma casa feita em adobe, cheia de portas e janelas que se abriam para um grande curral, com sombra e os verdes de vários tons. Caiada em branco, ela acolhia o vento, o sol, a lua, a família. Na sala de visita, sob a proteção do Coração de Jesus e de Maria, balançavam outros redondos

retratos de antepassados: o avô de óculos e bengala, a bisavó entre flores, o pai ainda moço com bigode e gravata-borboleta, que os meninos aprenderam a chamar de “gravoleta borbotinha”. De tábuas corridas, o chão tinha a idade da casa, com remendos feitos em madeira de outras cores ou de pedaços de latas de marmelada Colombo. Vários quartos, com camas cobertas por colchas de tear, abriam suas portas para o corredor, onde voavam andorinhas de louça pela parede. (QUEIRÓS, 1988:13)

As memórias do menino Antônio²⁴ presentes agora me levam a momentos outros vividos pelo interior das casas que habitei, das casas mineiras, dos fogões a lenha, os tetos em forro de palha. A prosa do poeta me ajudando a rememorar e reinventar quem sou nessa escrita.

Nesse movimento que a literatura proporciona de me fazer habitar a casa do menino Antônio, sinto o cheiro do café com leite e do pão com manteiga que minha avó Elisa preparava logo pela manhã. A mesa era pequena e ficava encostada na parede. Sobre ela uma bandeja com copos de vidro e xícaras de porcelana sem pires, de boca para baixo. Eu molhava o pão no café com leite quente, assim ajudava a esfriar para beber. O chão da cozinha era de um vermelho bem liso e intenso. Por vezes, na xícara de porcelana decorada com decalques de flores, vinham junto do café uns pedaços de nata de leite. Eu apontava a nata com cara de nojo, às vezes ela coava ou só soprava a nata pro canto e tirava com uma colher pequena. Viro a cabeça pra direita e vejo a janela com vista para o morro onde passava e apitava o trem. E a canção do Milton entoada baixinho, quase um suspiro... *velho maquinista com seu boné, lembra o povo alegre que vinha cortejar, Maria fumaça não canta mais, para moças flores, janelas e quintais.*

Saudade das janelas daquela casa na Rua dos Passos, 561. Dentro tinha cheiro de cera pastosa e brincadeira com escovão de ferro e lã. Do banheiro vinha um cheiro forte de eucalipto, dos armários, naftalina para espantar baratas nas roupas. Do quintal, tinha cheiro de salsa fresca e também de terra molhada pela água que escorria pela escada lavada diariamente e descia barranco abaixo. O poeta Bartolomeu depois de um gole do café me sussurrou da janela: “Saudade é sentimento que a gente cultiva com o regador para preservar o cheiro de terra encharcada”. (QUEIRÓS, 2011) Eu quis dizer a ele para entrar porque sua poesia tem um gosto bom de bolo de fubá com queijo, mas ele se foi para o quintal num vôo ligeiro.

²⁴ Antônio é a personagem do livro *Índez* de Bartolomeu Campos de Queirós. O livro narra a vida do menino de seu nascimento até sua partida para estudar fora. É de uma riqueza e sensibilidade no trabalho com a palavra, traduzida em imagens da vida de uma família simples em uma cidadezinha no interior do Brasil.

Na casa dos Passos havia um armário de três portas em cima, três embaixo, um espaço em vidro no meio e uma parte onde ela colocava um bule com xicrinhas em volta para enfeitar. Bem no alto desse armário, ficavam uns potes plásticos em azul e branco do maior ao menor, desenhando uma escada e em um deles ela guardava cocadinhas brancas, deliciosas e inesquecíveis. Ralava o coco com um ralador grande feito de lata de óleo furada a prego, colocava duas xícaras de açúcar cristal na panela, juntava o coco e mexia com uma colher de pau, mexia, mexia bem. Desligava o fogo e despejava aquele doce ainda quente sobre a pia, em movimentos leves espalhava com a mesma colher e deixava ali esfriando. Horas depois ela vinha com uma faca e cortava cuidadosamente o doce em pequenos losangos. Eu ficava ali bem perto, olhando e esperando as beiradas disformes de doce que sobravam e ela me deixava comer, mas, sempre avisando: “não come muito que dá dor de barriga”. Posso sentir aquele sabor derretendo na boca e o saber impregnado em meu corpo de memória.

A casa que abriga a infância e a memória abriga também o aprendizado e o conhecimento, ainda mais potente, pois se ancora numa experiência carregada de afeto. Experiência que ela (minha avó), na sua vida cotidiana, colocava toda sua intenção no fazer. Do meu passado de infância, habito o espaço imaginado e escuto o filósofo sonhador:

Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção da casa. [...] **o verdadeiro bem-estar tem um passado.** Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. A velha locução: “Carregamos na casa nossos deuses domésticos” tem mil variantes. E o devaneio se aprofunda a tal ponto que um domínio imemorial, para além da mais antiga memória, se abre para o sonhador do lar. A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar, no prosseguimento de nossa obra, **luzes fugidias de devaneio** que clareiam a síntese do imemorial e da lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra **constituem**, na ordem dos valores, **a comunhão da lembrança e da imagem.** (BACHELARD, 1988:112 - Grifos meus).

Com raios de sol entrando pela janela da cozinha lembro que havia prateleiras enfeitadas com rendas de papel cortadas à mão. Arte que aprendi quando menina: corta-se uma tira longa de papel seda de mais ou menos cinco centímetros de largura. A primeira dobra forma um retângulo e segue-se dobrando o papel na mesma medida, como um leque, pra lá e pra cá. Com o papel todo dobrado em leque, temos à mão um pequeno retângulo que será cortado com uma tesoura afiada: uma pequena meia lua, um triângulo, outra meia lua e as bordas cortadas em

ponta ou arredondadas; sempre as mais difíceis. Feitos os cortes na pequena massa de papel, é hora de puxar a tira e o mistério do trabalho revela-se em rendas brancas que vão ser coladas em cada prateleira da cozinha com um grude feito de farinha de trigo. Divertido era ainda quando, do mesmo modo, cortávamos bonequinhos, cabeças, braços e pernas, que, aberta a tira de papel, estavam de mãos dadas, como numa roda de ciranda.

São nossos aprendizados mais primários (ou primeiros), de uma sabedoria simples e criativa, de uma atenção e cuidado com o espaço da cozinha e da casa, em um dia claro de outono. Quem passa pelo corredor da casa admirando as andorinhas de louça na parede e vem para me falar sobre o espaço da casa mais uma vez é Gastón:

[...] é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. **O passado, o presente e o futuro dão a casa dinamismos diferentes**, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. (BACHELARD, 1988:113 – Grifos meus)

Nessa casa-livro que possui dinamismos diferentes, somos levados pelas mãos da educadora que se movimentam ao pegar livros, ao cozinhar com colheres de pau, escrever a lápis, cortar e costurar papéis.

Sigamos, por esse passeio pela casa, com abertura aos encontros, atentos aos relatos das experiências vividas nas oficinas, às memórias da menina, aos gestos de ler, escrever, cozinhar e costurar, ações que habitam essa casa-livro e permitem a integração dos pensamentos, as lembranças e os sonhos da educadora.

2 LER

*Está em nós, simples leitores, para nós e só para nós.
Ninguém sabe que lendo revivemos nossas tentações de ser poeta.*

Gaston Bachelard

Tomo da mão um livro na estante do escritório e ainda em pé coloco-me a ler as palavras inscritas no papel. O livro que tenho nas mãos e que me fez sentar sobre uma das poltronas, contém ensaios sobre livros. É de Jorge Luís Borges, escritor argentino que dedicou a vida à escrita, à leitura e aos poderes assombrosos dos livros na vida dos homens.

Os livros, esses que abrigam nossos sonhos e devaneios da imaginação, abrigam também nossas memórias. Os livros, esses que nos tomam em imagens, pelo trabalho com a palavra e que habitamos ao ler e nos habitam de muitas histórias. Borges, diante da cegueira em certa altura da vida, não sucumbiu ao impedimento à leitura²⁵. Na página em que me encontro, assim o texto reluz:

Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: **o livro é uma extensão da memória e da imaginação.** [...] Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado? Essa é a função realizada pelo livro. (BORGES, 2011:11 - Grifos meus.)

Função que realizamos também ao ler.

... ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo que o texto se refere, e sem o que o texto diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto [...] na leitura o texto fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver. (LARROSA, 2014:142)

Para nossa maneira de recordar. Na experiência com o texto nos colocamos diante da vida e de nossa condição humana. Desse modo, podemos pensar a

²⁵ Quando a cegueira afetou Borges, ele teve vários leitores que liam para ele em sua casa. Um deles foi Alberto Manguel: "... li para Borges, tal como o fizeram muitos outros conhecidos afortunados e casuais, à noite ou, quando a escola permitia, pela manhã. O ritual era sempre o mesmo. [...] **eu descobria um texto lendo-o em voz alta**, enquanto Borges usava seus ouvidos como outros leitores usam os olhos, para esquadriñar a página em busca de uma palavra, uma frase, de um parágrafo que confirme alguma lembrança. Enquanto eu lia, ele interrompia, fazendo comentários sobre o texto a fim de (suponho) tomar notas em sua mente". (MANGUEL, 1997: 31 – Grifos meus)

relação do texto literário na representação do humano. Na experiência de leitura; o leitor se identifica, se reconhece, reconhece o outro, seu espaço, sua comunidade, seus rituais, sua linguagem, sua diversidade. Importa ler e se aproximar desse gesto de leitura. Embora também saibamos:

que a leitura não é um processo que possa ser explicado por meio de um modelo mecânico; sabemos que ocorre em certas áreas definidas do cérebro, mas, sabemos também que essas áreas não são as únicas a participar; sabemos que o processo de ler, tal como o de pensar, depende de nossa capacidade de decifrar e fazer uso da linguagem, do estofo de palavras que compõe texto e pensamento. (MANGUEL, 1997:55)

Diante da afirmação de Manguel, podemos pensar um dos motivos da utilização de textos literários, despertando, fazendo saltar imagens da memória, nesses espaços por uma educação sensível, as oficinas de memória culinária.

A literatura nos aproxima, é um modo de nos conectar uns aos outros e esse movimento é crucial nas oficinas. Não poderia deixar de convidar aqui a esta casa-livro, um autor que me é muito caro; Roland Barthes, a quem já dediquei missivas em tempos passados:

A literatura assume muitos saberes. [...] todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. [...] a literatura faz girar os saberes [...] trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. (BARTHES, 1978:18-19)²⁶

Não fazemos nas oficinas uma leitura utilitária, instrumental dos textos apresentados; lemos com prazer por ler, por conhecer o texto, por degustar o texto, buscando decifrar a linguagem, ao menos fazendo esse movimento de aproximação e também, de deslocamento que ao ler, ocorre.

Os livros e as leituras eleitas funcionam enquanto instrumentos de sensibilização humana, ativadores de memórias e escritas futuras. É Gastón também quem nos fala apropriadamente a respeito dos efeitos do poema na alma do

²⁶ Este trecho está inserido em um pequeno notável livro de nome *Aula*. Esta aula de Roland Barthes foi pronunciada em sete de janeiro de 1977; aula inaugural para a cadeira de Semiologia Literária no Colégio de França. A tradução é de Leyla Perrone-Moisés, que, sendo uma estudiosa de Barthes, dedica a esse livreto um posfácio enriquecedor e iluminado de inquietações a que ela dá o nome de “Lição de Casa” e onde escreve: “A Aula de Barthes ensina, pelo que ela diz e pelo modo como as coisas são ditas: num tom absolutamente anti-histórico, com aquela sabedoria saborosa a que pode chegar alguém que sabe muito sobre a linguagem. (PERRONE-MOISÉS, 1978: 65)

leitor. “A poesia é antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma”. (BACHELARD: 1988)

As ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo, a repercussão nos chama a um aprofundamento de nossa própria existência. Na ressonância, ouvimos o poema, na repercussão, nós o falamos, pois é nosso. A repercussão opera uma revirada do ser. Parece que o ser do poeta é nosso ser. (BACHELARD, 1988:99)

Algumas leituras nos despertam de tal modo que, aquele texto lido é nosso e acordadas certas emoções, o que as acompanha é uma liberdade em imaginar e sentir, uma relação íntima com a leitura para o mais próximo de nós. O anjo poeta traz nas asas da memória uma imagem da leitura em nós: “ao erguer os olhos do livro, o olhar da mãe vinha vestido com novo luar – eu invejava. Em cada página virada ela se remoçava, afagada pelas viagens, amores, incômodos. O livro aberto era seu berço e seu barco, em suas páginas ela se transmutava”. (QUEIRÓS, 2011:19.)

Na experiência de leitura com outros mundos, podemos observar com sensibilidade as ressonâncias e a repercussão do poema em nós. Mário Quintana, poeta-passarinho do Sul nos diz:

Ser poeta não é uma maneira de escrever. É uma maneira de ser. O leitor de poesia é também um poeta. Para mim o poeta não é essa espécie saltitante que chamam de relações públicas. O poeta é de relações íntimas. Dele com o leitor. E não é o leitor que descobre o poeta, mas o poeta é que descobre o leitor, que o revela a si mesmo. (QUINTANA, 2008: 11)

2.1 Ler liberta o pensar: a leitura nas oficinas

Ao passear os olhos sobre a palavra passei a escutá-la em seus segredos. Desdobrá-la, reordenar seus fragmentos, me parecia acentuar seu sabor. Por ser assim, cada palavra exigia um novo exercício. Sua desmedida intensidade me conduzia a outras direções, me solicitava adicionar, em sua leitura, minha liberdade de pensar. (QUEIRÓS, 2007:53)

Diante dos livros e do ato de ler, as oficinas abrem espaço e possibilitam o tempo de criar e pensar, a liberdade de que nos aponta o anjo Bartolomeu. A leitura exige da memória, desperta histórias adormecidas no tempo, as emoções, afetos e desafetos desatam a surgir, como imagens e através de pequenos relatos que os participantes vão descrevendo nos momentos de compartilhar o que lemos.

Os textos escolhidos para as leituras²⁷ durante as oficinas de Memória Culinária são eleitos intuitivamente no decorrer da oficina, acreditando no “saber incorporado” e em “nossa capacidade de entrar em contato com o outro de um modo natural, de igual para igual” (MAFFESOLI, 1995: 137)

É o início de nosso encontro. A abertura aos livros e ao ato de cozinhar. Chego à cidade carregando uma mochila contendo papéis variados, réguas em metal, estiletes, tesouras, rolos de cordões para costuras, pequenos novelos de linhas de crochê, alguns temperos e ervas desidratadas em saquinhos. Na outra bagagem, uma maleta xadrez em vermelho e preto carrega os livros. Há nela também algumas cópias xerox de pequenos contos, crônicas e poemas já utilizadas em outros encontros e das quais faço uso.

Levo livros, vários. Dos livros, mostro capa, detalhes de edição que julgo importantes, datas, às vezes leio os textos de apresentação, falo pra eles porque escolhi esse livro, gosto de dizer o porquê da escolha, eles não estão ali na minha maletinha só porque tem um conto que fala de comida, ou tem alguma memória de infância que rememore comidas de avós. Vai além disso. Eles estão ali porque eu os encontrei em determinado momento de minha caminhada, em bons encontros, por indicação de algum amigo, por sorte de descobri-los em algum sebo, por me surpreender com eles quando abri uma página em uma livraria e já me encantar com o pouco que li. Assim, vou valorizando os encontros, contando minhas histórias com os livros e apresentando-os lentamente²⁸.

Na manhã do primeiro dia de oficina costumo dizer a que venho, porque estou ali e minha apresentação vem junto com o livro *Memória Culinária: Coisa de Vó*. É por ele existir que estou ali. Vou folheando as páginas e contando as histórias permeadas de amor pela vida, pela família, em homenagem às minhas avós, de quem herdei os nomes em junção e de quem herdei também a coragem através de suas sabedorias de vida. É em nome delas, que tanto cozinham e fizeram por nós que eu estou ali, por elas fiz o livro, ele é o meio que me conduziu a esse lugar. Um livro me conduziu até aqui, outros livros podem nos levar juntos daqui para outros lugares.

²⁷ Os livros eleitos partem do universo literário da educadora em sua trajetória no Bacharelado em Letras, e para a monografia de pesquisa feita sobre edições que mesclavam literatura e comida.

²⁸ Há outra coisa: quando começo a dizer sobre o livro que editei a outras pessoas e que ele trata de memória culinária e coisas de vó, outras sugestões de livros me são dadas, lembram de outros textos e nomes de autores. Assim a maleta xadrez chega às oficinas com vários livros que tratam de comida e de memórias.

Começando pelo *Memória Culinária: Coisa de Vó*, mostro as páginas de receitas soltas do caderno de vovó Jura, tem Folhinha Mariana datada de 1961. Sim, tem. E tem flor de crochê colada junto com receita de pão de ló, tem receitas datilografadas em papel timbrado, tem uma receita muito antiga de vinho moscatel; escritas nos tempos passados, preservadas ali dentro daquele livro.

Eles se lembram das suas avós, dão risadas, mostram-se curiosos e comentam das letras e dos papéis. A apresentação segue e as histórias de infância vão surgindo, das receitas feitas para os tios nos aniversários, das festas de fim de ano, da fartura das mesas nessas épocas e vou conversando sobre essas lembranças, ao folhear as páginas para eles.

Chegamos à terceira parte do livro, onde ficam as ervas costuradas, é um momento de muitas surpresas e suspiros! A conversa vai ainda mais longe, os cheiros e usos desses temperos no dia-a-dia, é alecrim, capim limão, o perfume da canela, as flores delicadas da camomila; as imagens dos quintais começam a surgir entre um comentário e outro. Minhas memórias e histórias são compartilhadas com eles e os convido a fazer o mesmo durante os dias; manhãs e tardes que passaremos juntos nessa oficina. Cedo o livro para ser tocado (e cheirado) por eles e enquanto os sentidos vão sendo despertados, as lembranças vão aflorando e despertando leitores. “temos de abrir o livro, aí eles despertam” (BORGES, 2011). Sigo querendo despertar mais leitores. E livros.

Seguimos reinventando nossas vidas a partir das leituras que fazemos dos livros, de nós mesmos e das histórias com a leitura que estamos construindo. Assim, vamos identificando uns aos outros a partir de nossas falas, revisitando as memórias.

Alberto Manguel ao longo de sete anos em pesquisa, descobriu serem muitas as histórias sobre a leitura. (cada um de nós pode contar uma história de leitura, não?) Ao lê-lo, encontramos fragmentos de nossas experiências de leitura; o encantamento, a compulsão por ler, de acompanhar a multiplicação dos significados de uma palavra, de descobrir o final da história. “Em última instância, talvez, a história da leitura é a história de cada um dos leitores. Até mesmo seu ponto de partida tem de ser fortuito”. (MANGUEL, 1997:37)

No princípio do livro, o autor nos apresenta várias imagens de leitores e as descreve. Vale convidá-lo a habitar conosco a leitura desse fragmento:

Com uma das mãos pendendo ao lado do corpo e a outra apoiando a cabeça, o jovem Aristóteles lê languidamente um pergaminho desdobrado no seu colo, sentado numa cadeira almofadada, com os pés confortavelmente cruzados. Segurando um par de óculos sobre o nariz ossudo, um Virgílio de turbante e barba vira as páginas de um volume rubricado, num retrato pintado quinze séculos depois da morte do poeta. Descansando sobre um degrau largo, a mão direita segurando de leve o rosto, são Domingos está absorto no livro que segura frouxamente entre os joelhos, distanciado do mundo. [...] Encostado num parapeito de pedra às margens do Sena, um jovem mergulha em um livro(qual será?) mantido aberto em sua mão. Com impaciência, ou apenas entediada, uma mãe segura um livro diante de seu filho ruivo, enquanto ele tenta seguir as palavras com a mão direita sobre a página. Cego, Jorge Luis Borges aperta os olhos para melhor escutar as palavras de um leitor que não se vê. Numa floresta de manchas de cor, sentado sobre um tronco coberto de musgo, um menino segura com ambas as mãos um pequeno livro que lê em doce quietude, **senhor do tempo e do espaço**. (MANGUEL, 1997:15-17 – Grifos meus)

Ele ainda acrescenta: “Todos esses são leitores, e seus gestos, sua arte, o prazer, a responsabilidade e o poder que derivam da leitura, tudo tem muito em comum comigo. Não estou sozinho”. (Idem, p.17). Por certo, não estamos. É assim que me sinto ao ler um texto que escolhi para esses momentos, quando evidencio o meu envolvimento apaixonado pelos livros; senhora do tempo e do espaço.

Manguel ao escrever as diversas histórias da leitura, começa por contar a sua própria, que inicia aos quatro anos de idade nas primeiras percepções das formas, através de desenhos das letras: “eu sabia que essas formas não apenas espelhavam o menino acima delas, mas, também podiam me dizer exatamente o que o menino estava fazendo com os braços e as pernas abertas. *O menino corre*. Diziam as formas”. (Idem, p.18)

Nas oficinas, vamos conversando sobre esses momentos de como a leitura pode estar em várias fases das nossas vidas, no dia-a-dia. Faço perguntas. Gostam de ler? O que lêem? Jornal, revista, gibis, livros? Quais? Algum autor especial? Pergunto se costumam ter livros em casa, se carregam livros nas bolsas, se lêem para os filhos, para os netos, como a leitura está na vida deles? Em quais momentos ou foi só mesmo na escola, as leituras obrigatórias, algumas inesquecíveis, outras detestáveis. Da escola, alguém poderia lembrar um livro lido? Alguns deles se lembram e narram brevemente suas histórias, ainda ensimesmados, ainda tímidos no nosso primeiro dia de oficina.

Chamo a atenção para nossas diversas maneiras de ler para além dos livros. Como se lê para além dos livros? A leitura se dá apenas nos livros? Quem sabe se

olharmos pelas janelas? O que mais lemos? Aqui, nessa escrita de pesquisa, com o livro de Manguel²⁹ aberto sobre a mesa, o autor em conversa iluminada me diz:

Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo ou admiração... (MANGUEL, 1995:19)

Nessa altura da conversa, com todas essas imagens tão claras sobre formas de ler o mundo e dos livros em nossas vidas, faço uma pausa. Um momento de ócio, de nada fazer. Momento também para se pensar um pouco (nesses momentos também há muita conversa) e depois dessa pausa, retomamos. Busco um dos livros que estão dentro da maleta xadrez. É *Asa da Palavra*³⁰. Apresento-o aos poucos, vou mostrando as curiosas ilustrações brevemente e peço licença para a leitura de um trecho que faço em voz alta e, com vagar, leio:

Depois de dois anos na escola e de fracassadas tentativas de aprender a controlar as palavras, fui crescendo e sendo desgosto aumentativo para meu pai. Ele ralhava com meus oito anos de ignorância. Dizia que eu não fazia esforço no aprendizado, que era vendido perdido por levianas lerdas brincadeiras bobas de moleque. Ameaças choviam acompanhadas de trovoadas sentenças. Mãe, nessas horas, só varria o chão com os olhos úmidos. Mandava em nada não. Lavava a palma da mão com choro – consolo que me ajudava. Ela parecia comigo. Será que era muda de gestos e gostos? Será que também não sabia usar as palavras? Só o arroz com feijão é que pronunciava no nosso alimento diário. (NETTO, 2005:30)

O livro tem como narrador um menino que gosta das palavras, mas tem dificuldade em falar, enrola a língua e se atrapalha com elas. Seu pai é pastor de igreja que traz nas mãos a bíblia e na voz, os sermões cheios de palavras que ele não consegue entender. Um dia, o pai, nervoso, diz ao filho que Veridiana, a vizinha cega, era melhor do que ele com as palavras.

Depois da fala nervosa do pai, o narrador menino vai dormir triste e sonha com a sua *vizinha cega, que lia tudo certinho, no pouso do ponto*. E no sonho,

²⁹ O encontro com esse livro se deu já na busca pela pós-graduação em uma disciplina ofertada por Denise Bussoletti. Durante esse semestre, fizemos leituras em espaços diversos: na beira do arroio São Gonçalo, dentro de uma igreja de jardim com pitangas doces, numa praça, no salão da baronesa e também em um ateliê de cerâmica.

³⁰ O autor é Adriano Bitarães Netto. É um livro pequeno, são 38 páginas em formato 20x20, os tipos são grandes e as ilustrações, todas elas feitas em palavras escritas, formando desenhos, é um belo trabalho do ilustrador Osvaldo Piva, a edição é da Mazza, todos de Belo Horizonte.

Veridiana pega na mão do menino, vai passando os dedinhos do menino sobre as páginas de seus livros cheios de furinhos e diz assim:

— É preciso ler com os olhos que estão na ponta dos dedos. Para entendermos um livro, temos que passar a mão na pele do papel, sentir os contornos das letras e, depois, imaginar o que está além da casca das palavras. Toda palavra espera, dentro dos livros, para ser tocada. Ao tocarmos uma palavra com os olhos do sentimento, ela também nos toca. É por isso que sei ler. Porque não tenho dificuldade em sentir. Ler olhando o texto sem sentimento é ser cego por dentro. (NETTO, 2005:33)

Aqui paramos a leitura para fazer uma reflexão da necessidade de ouvir uns aos outros, de estarmos mais atentos, mais inteiros onde quer que nos coloquemos e como nos colocamos nos espaços onde passamos e vivemos. Nesse momento, ouvir o outro pode ser também um momento de ouvir a leitura que se faz de um livro.

Eu procuro ler os textos que escolhi em voz clara, sentindo as palavras, transmitindo aquilo que me toca, sem me esmerar nas entonações de voz, mas, mudo o tom quando é necessário para clarear o entendimento e, faço as pausas, os silêncios, tão necessários para se ouvir um texto.

Sendo assim, ao terminar de ler, falo um pouco da citação que o autor utiliza de Padre Antônio Vieira³¹, quem foi esse sermonista em que época ele disse isso. Convido à reflexão para a importância da oralidade em nossas vidas; lembro das receitas culinárias que, muitas delas ainda são passadas de geração à geração via oralidade, comento ainda a realidade do excesso de barulhos e ruídos em nossa vida moderna e do quão afastados estamos do simples ato de ouvir, de ouvir o outro, de nos ouvir. Sobre ouvir, acomode-se em um lugar confortável da casa; tenho mais uma história para contar.

Aqui na cidade de Pelotas, fui radialista, criei um quadro de literatura para a RádioCom 104,5 FM, rádio comunitária e lá recebia poetas para leituras e conversas sobre como era escrever, o que liam, como viviam a escrita e a leitura. Além desses momentos, havia as leituras de poesias, de contos e crônicas e até a leitura de um romance, este da história que relembro agora. Aconteceu numa tarde dessas do *Radiola*³², durante o intervalo. O telefone tocou e era para mim.

³¹ “Notável é o artifício com que a natureza formou nossos ouvidos. Cada ouvido é um caracol, e de matéria que tem a sua dureza. E como as palavras entram passando pelo oco deste parafuso, não é muito que, quando saem pela boca, saiam torcidas. Como os ouvidos são dois e a boca é só uma, sucede que entrando pelos ouvidos duas verdades, sai pela boca uma mentira”. (Idem. 2005. p.14)

³² O quadro chamava-se *Radiola Literária – literatura para seus ouvidos* e foi ao ar na RádioCom durante um ano e seis meses, das 17 às 18 horas, entre 2012 e 2013.

Do outro lado da linha, um senhor (pude perceber pelo grave de sua voz) e dizia assim: *você acabou de contar a minha história. Sabe, na minha infância, eu também carregava debaixo do braço um estojo de madeira com lápis e borracha pra escola e eu queria ser sapateiro como o meu pai. Hoje, há muito anos, eu sou sapateiro, como ele foi. Olha, eu estou muito emocionado.*

E eu, do lado de cá da linha, sentindo a voz engasgada dele, agradei a ligação e o ouvido atento ao programa, nessa altura, eu já tinha os olhos marejados com o que ouvi e perguntei à ele: qual é o seu nome? Ele respondeu: *Antônio, Antônio Décio*. E eu, com um misto de choro e alegria disse: olha só, o mesmo nome da personagem! Senhor Antônio, fico muito feliz com a sua ligação, muito mesmo, esse retorno é muito importante pra nós, que não temos noção a quem tocamos com as leituras! E completei: sabes que Antônio é também o nome de meu pai? E ele repetiu: *sou um sapateiro e tenho muito orgulho disso*. Agradei novamente, pedi desculpas, mas, precisava voltar ao ar, o intervalo já estava no final, os minutos na rádio passam rápido e ainda tinha outras leituras a fazer.

A leitura a que o ouvinte se referia é um trecho de *Indez*, livro do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós³³ e que faleceu no ano de 2012, ano que nascia o *Radiola Literária*. O trecho lido dizia assim:

Por estradas, trilhos e atalhos chegava-se à escola. Era uma sala caiada de branco com janelas para os dois lados e chão coberto de cimento liso. Sem forro, se tornava mais clara e limpa. Nas paredes, imensos quadros: menina descalça mostrando o calçado ao sapateiro, pescaria com botina velha presa no anzol, gansos avançando em crianças sobre porteira e um grande mapa colorido. Numa das paredes, o quadro-negro. Perto da lousa, a mesa da professora forrada com toalha bordada e jarra com flores que as crianças traziam. Em quatro mesas grandes os alunos se dividiam conforme as séries: primeira, segunda, terceira e quarta.

Lá fora ficava uma coberta com fogão de lenha, o pote de água fresca com um copo cheio de pontas para ninguém babujar. Do outro lado os canteiros onde cresceriam couves, abóboras, quiabos, taiobas, cebolinhas, salsas, mandiocas, carás. Mais adiante a casinha com a porta virada para o lado da serra. Cercada de montanhas por todos os cantos, a escola recebia meninos de todas as direções. Era um lugar tranquilo, visitado pelo mugido do gado, canto de passarinho, gritos de grilos e cigarras ou buzina de caminhão passando longe na estrada.

Antônio chegou de uniforme novo: calça de brim azul-marinho, camisa de fustão branco com bolso, trazendo na sacola de pano o estojo, apontador, caderno, caixa de lápis de cor. Com suas irmãs sentadas em outras mesas, Antônio se sentiu sozinho e com medo.

³³ O livro *Indez* foi lido durante menos de um ano, todas às segundas-feiras, horário de literatura na RádioCom, a cada semana, uma, duas páginas eram lidas. Bartolomeu Campos de Queirós foi escritor em defesa da leitura, tenho predileção por seus textos, sobretudo por esse livro, sempre que posso em minhas aulas e oficinas, levo-o comigo para ler algum trecho. Não há quem não goste de ouvi-lo.

Sua mãe estava sempre lhe dizendo: você vai crescer, entrar na escola, estudar muito, para nunca precisar ser igual ao seu pai. E Antônio, que gostava tanto dele, de sua força, de seu tamanho, de sua barba, de seu caminhão nas estradas, só queria ser como ele. Tanto queria que já não tomava banho pelado perto de ninguém. E, quando sonhava que estava caindo em pirambeiras e a mãe dizia que era sinal de que estava crescendo, ficava contente. Desejava sonhar mais e mais para ficar depressa do tamanho do pai. E quando andava junto do pai ele estava sempre medindo o tamanho das sombras. Era silencioso esse desejo, mas era forte. (QUEIRÓS, 1987:69-70)

A fala do senhor Antônio Décio, ouvinte assíduo da rádio comunitária, afirma a importância da leitura dos textos literários e a experiência proporcionada pelo ato de ler. Durante a audição da leitura, ele se identifica com a personagem do romance e volta à infância, retoma aquele momento passado em sua vida e se reencontra no presente. *Sou um sapateiro hoje, como meu pai foi um dia.*

Cada livro nos coloca em experiência com o outro e isso nos põe em contato com as nossas próprias vidas. A leitura como um modo de viver temporariamente a experiência do outro e com isso vivenciar outros modos de compreender o mundo, pode ainda possibilitar ao leitor outros modos para narrar a sua vida; permite também sonhar, imaginar e inventar sua própria história.

Para o café da tarde, chega à casa-livro um outro escritor/leitor. É Ricardo Piglia. Eu o conheci na Faculdade de Letras, junto das leituras que fiz de Jorge Luiz Borges, seus labirintos e bibliotecas de Babel. Piglia, ao tomar de uma xícara para um cafezinho, afirma: “A leitura é a arte de construir uma memória pessoal a partir de experiências alheias. As cenas dos livros lidos voltam como lembranças privadas” (PIGLIA, 2004:46). O poeta Bartolomeu que gosta de bolo de fubá com queijo e sente o perfume invadindo a cozinha, se achega e complementa em seu tom manso:

Mas foi lendo que deparei com a paciência das palavras. Deitadas sobre as páginas, rolando sobre os trilhos, ficavam à mercê de minha leitura. Conversavam comigo atenciosamente. Com o livro aberto sobre os joelhos, o longe vinha estar sob meus olhos; o mais preservado, eu intuía e acreditava participar da intimidade re-velada pelo escritor. As metáforas me acolhiam e libertavam ainda mais minha fantasia. Eu visitava lugares que o autor desconhecia. Sem me perder de mim, pretensiosamente, me fazia o Outro. Ler era como pedir emprestado o olhar do escritor, mas não eram minhas as meninas de seus olhos. Só se vê com os próprios olhos. Jamais vou saber se o azul da fantasia é o mesmo azul para todos. (QUEIRÓS, 2007:31)

Pedindo emprestado o olhar sensível do escritor e fantasiando a vida com um azul próprio, o movimento na oficina agora é de escrever. Escrever cartas.

O livro que tenho nas mãos neste instante para um primeiro gesto de escrita na oficina é *Papel manteiga para embrulhar segredos - Cartas Culinárias*³⁴, de um doce e delicado encantamento. Um livro para se ler de uma só vez, não fosse o desejo de querer ir para a cozinha... As cartas de Antônia para sua bisavó Ana são de uma cumplicidade e afeto carinhosos. A protagonista fugiu de casa a um país distante para aprender Gastronomia com uma *chef* de nome Virgínia em um restaurante que possui apenas duas mesas. A *Senhorita Virgínia*, tem temperamento severo e castiga a auxiliar de cozinha:

Escutei as regras da casa que incluem não falar enquanto ela cozinha, e comer terra ao errar mais de duas vezes as mesmas instruções. Só para a senhora entender: instruções para ela são o que chamamos de receitas. Senhorita Virgínia detesta as receitas. Nem diz a palavra. (LISBOA, 2006:07)

Composto de cartas salgadas e doces, as missivas são escritas em papel manteiga, já que Antônia teve seus blocos de anotações tomados ao entrar na casa e não possui outro tipo de papel para escrevê-las. Cada carta acompanha uma receita e um "Lembrete da Virgínia", dando algumas dicas de cozinha e comentários: "Cozinhe duas mandioquinhas enormes. Esprema e retorne ao fogo. Junte uma colher de sopa de manteiga e quatro de leite. Tempere com sal e pimenta. Sirva como acompanhamento. E chore". (LISBOA, 2006:53)

Faço a leitura de algumas dessas cartas para libertar ainda mais o nosso pensar, brotar a fantasia, deixar a água na boca a salivar, desejar preparar uma receita e pensar uma das que mais lhe dá apetite. Que tal recordar uma receita e escrevê-la em uma carta para alguém distante? Eles indagam: Cartas? Ninguém mais escreve cartas... Ao que eu respondo: Sim, cartas. Vamos voltar aos tempos antigos (que nem tão antigos são...). Pensem nessa outra pessoa a quem irão endereçar esse texto e pensem o que querem dizer a ela, como vão contar. Qual o motivo desta carta; o que ela levará contida no papel? Temos tempo para imaginar e criar algo dirigido a alguém. Podemos fantasiar! Depois de alguns narizes retorcidos, umas caretas e uns sorrisos, eles se debruçam sobre o papel. Das cartas escritas, guardamos para endereçar, se desejarem, ao final da oficina.

Das cartas desse livreto, compartilho mais esse trecho:

Somente os cegos e os cozinheiros sabem que os cheiros têm a alma mais profunda do que o gosto e que é só através dele que podemos distinguir o

³⁴ O texto é de Cristiane Lisboa e as receitas de Tatiana Damberg. Editora Memória Visual. Rio de Janeiro.

doce do azedo, e o amargo do picante. Também somente os cegos e os cozinheiros compreendem quando o fogo quer ficar só, e escutam o canto das bolhas de fervuras. Porque são apenas eles que sabem por que na escrita em braile uma linha contínua é uma grande interrogação, que acaba exatamente quando se precisa. (LISBOA, 2006: 97-98)

Sobre escrever, seguiremos habitando esses espaços da casa, em memórias, afetos e relatos das oficinas, mas, agora, vamos terminar de tomar nosso café com bolo de fubá e queijo derretido. Está servido?

Amanhã, para nosso segundo dia de oficina, iremos costurar nossos cadernos e blocos de anotações, com papéis variados e deles faremos uso em escrever.

3 ESCREVER

*Escrever é um pensar muitas vezes.
É costurar com fio frágil, o real e o sonhado.*

Bartolomeu Campos de Queirós

Escrever é também expandir-se. Inspirados pelos versos do poeta, iremos escrever e costurar, papéis e palavras...

Para a construção do caderno que fazemos nas Oficinas de Memória Culinária, em formato brochura ou bloco de anotações, (para isto, basta mudar o lado de corte e costura dos papéis) temos à nossa disposição papéis variados em gramaturas e formatos. Dentro da proposta, são dois objetos que iremos construir. Um em tamanho pequeno de bolso e o outro em formato A5, para as receitas e outros textos que eles escolhem abrigar. Além dos papéis levo linhas, cordões, agulhas, miçangas dentro de uma lata de balas, martelo, pregos, uma furadeira de broca finíssima e uma guilhotina, para cortar os papéis, além de réguas e lápis pretos com borracha na ponta.

Para escrever precisamos de um apoio, um suporte de escrita (necessitamos de mais também, sabemos) e o espaço precisa comportar uma boa mesa, junto dela papéis e lápis. Agora, nesse espaço de criação, sobre uma grande mesa da cantina, ou ainda sobre pequenas mesas individuais, iremos costurar papéis.

No fim do primeiro dia de oficina costumo pedir aos participantes que tragam materiais que tiverem em casa para se somar aos que já temos disponíveis. É bastante diverso o interesse das pessoas com os materiais e há também um distanciamento delas pelas ferramentas que iremos utilizar, tem gente que não sabe bater prego, outros não aprenderam a usar a régua ou tem ansiedade em colocar a linha na agulha e, não conseguem. Vamos transformando isso com o fazer. Aqui, aprende-se com o outro, aprende-se fazendo. A guilhotina, que corta os papéis chama a atenção da maioria.

Há quem tem domínios na costura e até sai um bordadinho no papel, umas tramas com as linhas, outros gostam de martelar e, solícitos, marcam todos os furos das capas dos colegas. Com antecedência, eu preparo um gabarito com as medidas e marcação de furos, para ajudar na construção destes pequenos objetos para os registros durante a oficina.

Nos divertimos com as cores dos materiais, fazendo combinações entre elas, cor de papel, cor de linha; surgem descobertas, as cores se complementam! A combinação de azul e vermelho, amarelo e azul. É um momento de muita descontração e também de concentração. Conversamos entre um corte, uma dobra ou um furo, ajudamos uns aos outros compartilhando materiais e saberes.

Os corpos estão em movimento, abertos para as manualidades, a cabeça pensa e o corpo está a agir, uns tem mais dificuldade em realizar as ações, outros se sentem livres e criam, inventam detalhes de costura, aproveitam restos de linhas para criar desenhos e acrescentar adereços. Uma moça na cidade de Ouro Preto desenhou um bule despejando café em uma xícara, com restos de linha de crochê e colou em seu caderno junto de uma receita de biscoito de polvilho que seu avô preparava. Delicadeza que puder rever registrada em fotografia por outra aluna, meses depois.

Na cidade de Ouro Branco, tivemos a grata surpresa de termos na mesma semana da nossa oficina, outra, específica de encadernação, ministrada no turno da manhã por uma professora recém chegada da França³⁵, gabaritada em capa dura, costuras para restauro, lombadas em couro e nos ofereceu parte de seu tempo, suas habilidades e materiais. Foi uma alegria para a turma e para mim. Aprendemos cortes e dobras diferenciados e nossos cadernos saíram muito caprichados, feitos com costuras especiais e tiras de couro.

Em uma oficina realizada na cidade de Ouro Preto e aqui em Pelotas também, no movimento de costurar os papéis e adornar os cadernos, uma aluna ensinou a turma a costurar pequenos fuxicos – um corte de tecido em círculo que pode variar de tamanho e de preferência um tecido não muito mole, mais encorpado, que é costurado juntando as beiradas e fazendo uma trouxinha redonda. Herdei de minha avó Juracy uma colcha de solteiro feita de fuxicos coloridos e no meio de cada um, um miolo amarelo feito de lã; a cama ficava com grandes flores coloridas. Fuxico³⁶ na linguagem popular também pode ser fofoca, enquanto costuram, vão fuxicando a vida alheia. É um momento nas oficinas de muita conversa com as costuras.

³⁵ Professora Ana Utsch. - II Festival de Inverno de Ouro Branco em julho de 2007.

³⁶ Aqui em Pelotas, Dona Sirley Amaro, mestre Griô que preserva muitas histórias da cidade é também costureira e uma fazedora de fuxicos. Dona Sirley já me contou algumas histórias. Caminhei com ela pela cidade numa tarde chuvosa e ela foi me apontando casarões e contando das famílias que moravam lá nos tempos idos, sempre sorrindo e contando, como uma mestre Griô, Dona Sirley tem a função de preservar as histórias e tradições.

Cabe aqui observar, nesse momento em que se pretende dizer sobre o gesto de escrever nas oficinas, que todas essas ações, são também formas de expressão. As escritas durante a oficina não se restringem ao texto escrito, à língua. No trabalho com a palavra, chamo atenção para a sonoridade no ato de ler em voz alta, buscamos outras palavras nos textos e leituras, ao sair para observar, ao propor abertura para conversas (buscando as narrativas das pessoas, tentando fazer com que experienciem a leitura como condutora de reflexão e escrita, de si e do mundo que as cerca) conduzo aos pequenos gestos iniciais, lanço sementes com as propostas, se elas vão germinar, vai depender do que elas passam a significar para cada um.

Nos cadernos deixamos nossas impressões, podem desenhar sobre ele, colar imagens, costurar botões ou fuxicos que depois vão ser colados, pendurados como marcadores de páginas. Inscrições em textos e arte. Há um valor muito especial implícito nesses objetos artesanais. Há neles uma energia humana depositada, eles trazem histórias. Histórias que são contadas ao se fazerem, histórias que eles levarão (e poderão ser contadas) quando dos cadernos (se preservados) nos aproximarmos no futuro. Os cadernos feitos por eles darão testemunho de suas histórias.

A produção dos cadernos lhes confere um valor distinto daqueles manufaturados. São feitos por eles, têm as suas características, os seus gostos por certas cores, suas escolhas nos papéis e tecidos, são suas marcas inscritas, lhes confere autenticidade. Os cadernos servirão como suporte e registro de suas escritas durante a oficina, servirão de abrigo para as memórias revividas e no futuro, serão a preservação daqueles momentos ali vividos e das receitas culinárias afetivas.

Nesse momento, interessado pelo movimento de manualidades e histórias, Walter Benjamin chega para habitar conosco esse espaço de ofício artesanal e nos lembra que

A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquia do homem através da reprodução, também o testemunho se perde. Sem dúvida, só esse testemunho desaparece, mas o que desaparece com ele é a autoridade da coisa, seu peso tradicional. (BENJAMIN, 1987: 168)

Sua presença também se faz pela leitura de Jeanne Marie Gagnebin:

O artesanato permite, devido a seus ritmos lentos e orgânicos, em oposição à rapidez do processo de trabalho industrial, e devido a seu caráter totalizante, em oposição ao caráter fragmentário do trabalho em cadeia, por exemplo, uma sedimentação progressiva das diversas experiências e uma

palavra unificadora. **O ritmo do trabalho artesanal se inscreve em um tempo mais global, tempo onde ainda se tinha, justamente, tempo para contar.** Finalmente, de acordo com Benjamin, os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, têm uma relação profunda com a atividade narradora: já que também é, de certo modo, uma maneira de dar forma à imensa matéria narrável, participando assim da ligação secular entre a mão e a voz, entre o gesto e a palavra. (GAGNEBIN in: BENJAMIN, 1987: 11 – Grifos meus)

A mão humana é a expressão da individualidade, cada digital dos dedos é única, revela quem somos. A mão é a expressão do verdadeiro humano e com uma característica ainda maior: a de abertura. Sinto nesse momento da oficina o quão distante nós estamos, eles estão, de trabalhar com as mãos, porque o gesto de costurar é prazeroso para alguns, muito difícil para outros, incompreensível para poucos desistentes. Percebo algumas mãos desatentas e imprecisas. Sobre a mão humana, uma centelha de luz se faz necessária. Solicito Guimarães Rosa³⁷ para um cafezinho ligeiro:

Eu acho que nós, bois, [...] assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem, não: o homem pode se ajuntar com as coisas, se encostar a elas, crescer, mudar de forma e de jeito... o homem tem partes mágicas... são as mãos... eu sei...(ROSA, 1984: 325)

3.1 Buscando as palavras

Com o bloco feito, tudo pode ser anotado nele, livremente e pede-se mesmo que seja utilizado, para exercitar o gesto de escrever e ampliar nosso reservatório de palavras, para além do já visto e conhecido e poder brincar com elas, para dizer do tempo, para escrever as memórias tornando-as mais próximas de nós. O poeta Bartolomeu como um anjo que vive na casa (pois que em toda casa mora um anjo) amanhece menino e nos fala do duplo da palavra

Ainda menino, sem papel ou lápis, eu desconfiava que a palavra é faca de dois gumes. A palavra que me esconde, me revela; a palavra que me acusa, me perdoa; a palavra que me prende, me liberta. Mas na fragilidade das palavras residia toda sua doçura e fortaleza. E ser forte é tornar-se proprietário dos limites e contentar-se com os sonhos. **As palavras sabem de seu tamanho e de sua incompletude.** Para cada coração ela inaugura um sentido. (QUEIRÓS, 2007: 28-29 – Grifos meus)

Inaugurar sentidos a cada palavra, isto é também o que nos difere e o que nos une, somos capazes de conferir significados às coisas, na leitura que fazemos e

³⁷ Conto: Conversa de bois. In: **Sagarana**. João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1984.

que criamos ao escrever. A grafia, nossa maneira de escrever nos faz diferentes uns dos outros, cada ser humano possui um modo de escrever próprio; é sua inscrição nesse mundo, daí a importância do conversar, de narrar, imaginar e escrever na vida e nas oficinas.

Além disso, há muitos âmbitos e muitos tipos e muitas dimensões da realidade, todas as que constituem nossa vida, todas as que nos tocam em um ponto sensível: o que vemos, o que sentimos, o que existe, o que inventamos, o que imaginamos, o que sonhamos, o que já não está e de que sentimos falta, o que acontece ou o que nos acontece.(LARROSA, 2014:112)

Deixando que algo aconteça, também os gestos de costurar criando um suporte que abriga as escritas, e de cozinhar, privilegiando o convívio, o cuidado e a preparação do alimento, faz crescer, multiplicar (fermentar) nossas ações e pensamentos. E com isso, cuidar no modo

[...] como o dizemos, o nomeamos, o representamos ou, em geral, o significamos. Trata-se então de problematizar o modo como colocamos juntas as palavras e as coisas, a linguagem e o mundo, o inteligível e o sensível, o sentido e a experiência. Por isso nossa forma de nos situarmos na relação ou no interstício entre o real e a linguagem é, literalmente, vital. (LARROSA, 2014:112)

Com um bloco na mão e um lápis na outra (como Glauber Rocha, uma câmera na mão e uma idéia na cabeça) saímos para um curto passeio em volta da quadra onde permanecemos. O movimento é de observar, com o intuito de descrever. Peço atenção ao próprio espaço de onde estamos saindo e caminhando, vamos observando atentos tentando descrever o que está diante de nós. Em seguida, nos separamos e cada um escolhe um lugar para se sentar, deter-se em algo que se quer descrever e escrever. Com os olhos podemos ver, mas para minuciosamente enxergar cada detalhe é preciso um pouco mais de apuro no olhar e também deixar que algo nos toque, nos aconteça.

Explorando esse movimento de observação e escrita, fazemos anotações, palavras soltas e frases inteiras, infindas. “o olhar acaricia apenas a superfície das coisas. É preciso atravessar as cascas e buscar batizar o ainda intocável pelo olhar”, segreda no meu ouvido o poeta-anjo. (QUEIRÓS, 2007:13). Podemos descrever infinitamente, mas, a linguagem tem limites, não consegue dizer tudo o que vemos e sentimos ao ver. Isso se apresenta diante da folha em branco em vários momentos da oficina, (aqui, nesse espaço de escrita de pesquisa o mesmo acontece) é

necessário empenho e também liberdade, sem buscar a exatidão que Ítalo Calvino nos propõe, mas, esforçando-nos em escrever o visto e o sentido.

Calvino³⁸, comentando sobre “o esforço das palavras para dar conta, com a maior precisão possível, do aspecto sensível das coisas”, nos diz ainda que “ao explorar essa via (da descrição), senti-me muito próximo da experiência dos poetas”. Acerca-se de nós aquele que, com trabalho intenso e preciso sobre a linguagem, nos impulsiona:

O caderno aberto diante dos olhos aguarda notícias do meu horizonte. Mas o horizonte só a fantasia toca. Sobre sua linha, impossível de se andar, equilibram-se desencontros, pesares e a ternura pelo ainda desconhecido. E como meu olhar escuta nesses momentos! Meus olhos saboreiam o indecifrável e o adoça com o privilégio de poder imaginar, sobrepor outras desconfianças. **Olhar é tentar descobrir o oculto.** E quanto mais reparava, mais o mundo me invadia. (QUEIRÓS, 2007: 29-30 – Grifos meus)

Já estamos no fim da manhã e com cadernos de notações sendo recheados do que se viu e pôde descrever, (quicá, imaginar), voltamos para nosso espaço acolhedor. Sobre as mesas, ainda há materiais a serem guardados e organizados. Cuidamos de esvaziar e preparar nossas mesas para nos debruçar em vindouras escritas. Assim penso que será.

Sentamo-nos nas cadeiras, momento de inspirar e tentar sentir o silêncio; exercício difícil esse de silenciar em sala, sobretudo quando se chega de fora, invadidos por todas as imagens que fomos buscar, e é por isso mesmo que eu me mantenho calada e vou aguardando a atenção deles ao silêncio no espaço.

Pergunto como foi a experiência de observação e descrição, eles respondem meio atropelados nas falas, há certo constrangimento de se abrir e falar aos outros. Benjamin, atualizando seu pensar, nos socorre dizendo:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1987:197-198)

³⁸ “[...] São duas pulsões distintas no sentido da exatidão que jamais alcançam a satisfação absoluta: em primeiro lugar, porque as línguas naturais dizem sempre algo *mais* em relação às linguagens formalizadas, comportam sempre uma quantidade de *rumor* que perturba a essencialidade da informação; em segundo, porque ao se dar conta da densidade e da continuidade do mundo que nos rodeia, a linguagem se revela lacunosa, fragmentária, diz sempre algo *menos* com respeito à totalidade do experimentável”. (CALVINO, 1990:88)

Sim, estamos cientes disso (estou) e paira sobre nós uma insegurança, mas, nesse espaço de criação e convívio, desejamos a troca constante de saberes: intercambiar experiências. Para Benjamin, a experiência pode emergir da nossa capacidade de construir imagens, alegorias recorrendo ao tempo do agora (*Jetztzeit*) em que a pobreza da experiência adquire significado, pois se transforma em objeto de reflexão.

Há uma coisa que vamos aprendendo juntos nesse espaço/tempo, a de contar/narrar nossas histórias (suas, dos textos a ler) e ouvir uns aos outros. É fazer experiência nos moldes da tradição: “os indivíduos se orientam no mundo a partir de narrativas, máximas, provérbios que conferiam sentido e unidade em suas ações (*erfahrung*). Essa perdeu a força e cede espaço para uma experiência regulada pela ciência; com ideal de certeza”. (MITROVICH, 2011) O que muitas vezes nos afasta de nós mesmos.

Com o advento do sujeito do conhecimento na modernidade, as narrativas tradicionais começam a perder força e, segundo W. Benjamin, é liquidada (com os acontecimentos da primeira grande guerra) a capacidade humana de fazer experiência e comunicá-la, com o avanço da técnica e suas formas de comando sobre o próprio homem. [...] Desse diagnóstico, resultaria a nossa pobreza de experiência na contemporaneidade. Ainda somos capazes de transmitir algum tipo de experiência e de saber para as gerações futuras? Como conferir sentido e valor ao que nos acontece? (MITROVICH. 2011:14-15)

Acreditando que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. (BENJAMIN, 1987:198), aqui buscamos nos colocar entre os “homens do campo” que se mantêm em suas terras e conservam suas tradições e os “homens do mar”, que viajam em busca de mercadorias, fazendo inúmeras travessias. Tentamos nos expressar com vagar, como se estivéssemos lendo um texto, fazendo as pausas entre as linhas, os silêncios.

Nas oficinas não há teorias sobre produção de textos, em como escrever, dicas de como ler, enfim; vamos tecendo nossos dias, junto de poetas e das artes (e da vida) que temos a nossa disposição. Desta vez saímos para passear, mas, olhar para fora da janela pode ser um movimento que aponte para algo que emocione, que nos impulsiona esteticamente.

Neste processo, não há uma forma rígida, existe uma prévia organização de materiais e separação de livros, uma organização de chegada, de início de conversa e essa forma é abrir-me, narrar-me. Apresento-me a eles. É por onde começo a

caminhar dentro da oficina. Ao abrir meu livro, conto as histórias que o acompanham. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. (BENJAMIN, 1987:201) Depois, deixo a maletinha xadrez aberta e de lá vou tirando outros livros e materiais, intuitiva e aleatoriamente, deixando que eles também me digam o que querem. Estou atenta a eles e ao que proponho com os movimentos de leitura e escrita entremeados das artes manuais, e, mais adiante, ao ato de cozinhar.

Esses movimentos iniciais de produção, que proponho nas Oficinas de Memória Culinária através das artes, (leitura, escrita, costura, comida) funcionam como dispositivos para chegarmos, aos poucos, saboreando o fazer, aos textos de nossas memórias culinárias.

Tento possibilitar um espaço de autonomia onde “a única coisa que se aprende é a própria potência: que se pode ler por si mesmo, escrever por si mesmo, pensar por si mesmo, e conversar com os outros o que se lê, o que se escreve e o que se pensa”. (LARROSA, 2014: 154)

Os movimentos de escrita nas oficinas partem do reconhecimento de si e do mundo a partir das leituras dos textos literários e é nessa condição – livro/eu/outro/mundo que os textos são escritos. Também fazemos outras leituras, documentários sobre alimentação (para provocar o pensamento sobre a produção de alimentos), uma animação, um filme que aborde a culinária, uma tela de pintura, outras artes, outras escritas, não só literatura.

Cuido de não realizar ações com uma função utilitária ou mecanicista, estamos num espaço onde vamos ler, escrever, cozinhar e costurar, o espaço é para convívio, criação e invenção, mas conduzo a algumas ações e sobretudo lembro que estamos despertando nossos sentidos e nossa imaginação, sabendo, através de nosso poeta-anjo que

Há que dar sentido às coisas para que nos tornemos sujeitos. E para tanto, os cinco sentidos são insuficientes. É necessário somá-los para que tudo se torne substantivo. Há um paladar que acorda o passado; um tato que desperta o amor; um ouvido que escuta o olhar; um perfume que anuncia as estações. **Escrever é estar com os sentidos em permanente sentinela.** Há que escrever com o corpo inteiro. (QUEIRÓS, 2007: 41 – Grifos meus)

Um cheiro bom de comida chega pelas janelas, dizendo que já é o momento de intervalo para o almoço, cada um segue para sua casa, alguns vão almoçar em

restaurante, coisa que também faço quando a oficina acontece em uma cidade que não é a minha, o que é bom para conhecer outros sabores e a cultura local. Na oficina de Ouro Preto, pude almoçar na casa de uma aluna. Depois de subir e descer ladeiras nós chegamos a uma casa simples, de portão baixo. A mãe já tinha preparado o almoço e ficou um pouco constrangida da filha não ter avisado, mas, lançou um sorrisinho e colocou mais um prato na mesa que já tinha sobre ela a travessa de angu. Depois, trouxe a couve refogada, a panela de feijão, arroz e frango frito. Tudo simples e muito saboroso. Foi da casa dela que me chegou um presente no último dia de oficina: uma cesta com doze ovos caipiras! Gesto de generosidade que não conseguimos mensurar em afeto e palavras.

Lembrei de minha avó no interior de Minas, a comida da casa era assim também. Angu tinha quase todos os dias, variava-se o refogado; chuchu com ovo, taioba, quiabo; além da saladinha de tomate e alface. Fiquei lembrando de que vovó nunca aprendeu a escrever seu nome. O único texto que ela repetia sempre era o terço que rezava todas as noites.

No começo da tarde, assistimos a uma animação: *La Maison en petits cubes*³⁹. A personagem é um homem idoso, caracterizado pela curvatura de seus ombros e olhos baixos. Ele fuma um cachimbo e dá baforadas como quem suspira por tempos outros. Vive em uma casa pequenina com alguns retratos de sua família pendurados na parede, sua cama, uma mesa, cadeiras e um alçapão no centro do piso. As casas estão submersas sobre águas e restam agora poucos vizinhos que, a cada elevação da água vão indo embora.

Em uma manhã, ele acorda com águas sob os pés e precisa construir outra casa, ainda menor, um cubo a mais em cima da torre de cubos que, no passado, ele edificou. Depois da pequena casa pronta, no momento da mudança, dentro do barco colocando as caixas, seu cachimbo cai na água e afunda através do alçapão.

Resolve ir buscá-lo. Compra roupas de mergulho e desce pelo alçapão das casas e quando por elas passa, vai enxergando os momentos do passado dentro das casas, a doença da companheira, o casamento da filha, as brincadeiras de criança até chegar a primeira casa que ele construiu junto da mulher. É belíssimo.

³⁹ Animação feita em 2008. Duração de 12 minutos. Realização Kunio Kato. Música: Kenji Kondo.

Ao término dos doze minutos de exibição, há olhos marejados, outros que já despejaram suas lágrimas, alguns as contêm, poucos não se tocam, incólumes. Movimento raro de acontecer.

O que vem depois dessa exibição é uma pausa para pensar sobre o que vimos e mais adiante um pedido ao movimento de escrever. Peço que fechem os olhos e se imaginem aquela personagem, entrando lá no fundo da casa construída por ele em busca de um cachimbo. “Vamos buscar nosso cachimbo”.

Depois de alguns minutos de olhos fechados, (tem pessoas que não fecham os olhos, ficam ansiosos, simplesmente não conseguem. Como não conseguem relaxar dentro de um espaço com outras pessoas e fechar os olhos? O que de tão estranho poderia lhes acontecer? Por que não se entregam às imagens, aos sonhos, às suas memórias?) pergunto: que cachimbo vocês foram buscar?

O filósofo dos sonhos e devaneios da imaginação se aproxima ao espaço e nos auxilia

Todo sonhador solitário sabe que ouve de outra maneira quando fecha os olhos. Para refletir, para escutar a voz interior, para escrever a frase central, condensada, que vai ao “fundo” do pensamento, quem não põe a mão na fronte e aperta as pálpebras com pressão forte? Então o ouvido sabe que os olhos estão fechados, sabe que a responsabilidade do ser que pensa, que escreve, está nele. A calma virá quando a pessoa reabrir as pálpebras. (BACHELARD, 1988: 226-227)

Peço que escrevam o que foram buscar, contem o que encontraram no caminho e que escutem essa voz interior que Bachelard anuncia. Nem sempre são buscas felizes. Há momentos de muita melancolia, como a personagem, mas, o que fomos buscar? O que encontramos? Quem quiser conversar um pouco, esse pode ser o momento, ou não, podemos conversar depois da escrita.

Nesse tempo, dedicado a buscar memórias, também fui eu a procurar meu “cachimbo”. Minha avó da roça, que não aprendeu a ler e escrever, vivia de avental amarrado no corpo, vestia ao levantar, com ele tudo fazia, antes do almoço, colhia salsa e quiabos no quintal e no bolso dele os colocava. Ao estender roupas no varal, dali saíam prendedores esquecidos. Só o tirava ao cair do dia, depois do banho; colocava sua camisola e se preparava para dormir. Sentava-se na beira da cama, pegava o rosário feito de lágrimas-de-nossa-senhora, elos prateados com a cruz do Cristo crucificado. Ela segurava as contas e, uma a uma, dizia o texto vivificado, ladainha de perdão dos pecados e graças alcançadas. Rezava seu rosário em voz baixa e aquele ritual soava como um mantra; às vezes ela tombava a cabeça e

cochilava entre uma ave-maria e outra. Era sua forma de ler o mundo pela remissão dos pecados, todas as noites.

3.2 Escrita e Memória: experiência do tempo

Vivemos agora a experiência do tempo. Do tempo da memória, tensão entre lembrar e esquecer. Distensão entre escrever e imaginar. Movimento presente nas Oficinas.

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para guardar o tempo que já foi salvando-o de perda total. Esquecer é ficar privado da memória e perder algo que se passou. Nas oficinas, o gesto de escrever tem como função, além de impulsionar o pensar; auxiliar a memória a recordar. Através da escrita, nos esforçamos para lembrar algo que nos passou, escrevemos para preservar, anotar algo que nos é importante, algo para ser lembrado em outro momento, futuro.

Um autor que pesquisou a fundo o tema da memória no século XIX foi Henri Bergson. Para ele, possuímos duas memórias, uma que imagina e outra que repete. A primeira registra sobre forma de imagens-lembranças todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam, “que atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data [...] uma necessidade natural [...] o reconhecimento intelectual de uma percepção já experimentada” (BERGSON, 1999: 88) A segunda, que repete, é sempre voltada para a ação, assentada nos mecanismos e no presente, considerando o futuro. “só reteve do passado os movimentos inteligentes e coordenados do esforço acumulado. Não nos representa o passado, o encena, porque prolonga o efeito útil das imagens antigas, até o momento presente.” (BERGSON, 1999: 89)⁴⁰

Transitamos por esse espaço entre essas memórias, ora lembramos, despertados pelos textos literários, ora, nos recordamos auxiliados pelo esforço do gesto de escrever. A memória aqui também traz algo que em nós ficou gravado, com um sentido ou algum significado. Escrevemos para que não se perca, para que não caia em esquecimento, para que fiquem registradas nossas histórias e nosso

⁴⁰ Para aprofundamento do tema, ver mais em: **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

pensamento. O poeta-anjo, que já habita a casa e auxilia com suas imagens a evocar o passado nos escreve

Só a escrita preserva o passado, o futuro e o ressuscita aquele que parecia sepultado. Ela vive no tempo mais-que-perfeito. A escrita torna palpável duas emoções intocáveis: o passado e o sonho. Feitas do ontem e do amanhã, escrever é abrigar o que foi feito, e mais, gravar o ainda por fazer. Escrever é preservar o passado e promover rupturas. (QUEIRÓS, 2007: 36)

Escrever é também subverter, transformar, inventar. Sem a memória, pouco saberíamos de nós, a construção de nossa identidade tem relação com a memória e também com a história e a narração.

O esquecimento é também importante, necessário. “O que você se lembra da tarde de ontem?” Ivan Izquierdo, neurocientista e pesquisador da memória há mais de quarenta anos, ao se deparar com essa pergunta feita por um amigo, ponderou:

Eu comecei a contar o que eu lembrava da tarde de ontem, daquele dia e durou cinco minutos, mais ou menos, o que me lembrava da tarde de ontem. O resto tinha esquecido por completo, nunca mais voltará. Realmente, a gente esquece quase a totalidade do que a gente eventualmente lembra, do que a gente aprendeu. (IZQUIERDO, 2013:17)

Considerou junto ao amigo que o aspecto mais saliente da memória é o esquecimento. O que o fez pensar em outra pergunta: o que lembro da minha infância? “Minha infância foi, sem dúvida, o período mais importante de minha vida. Em que aprendi coisas que usei pelo resto da vida, desde então”. (IZQUIERDO, 2013:17).

O autor afirma que o melhor método para manter a memória ativa é a leitura e que o meio mais eficaz para a transmissão da memória é o relato das histórias, lembrando que toda história possui um componente ficcional, inventado por quem conta, quando conta. (IZQUIERDO, 2013:17)

Na literatura, notamos a personagem de Borges, *Funes, o memorioso*⁴¹ que se lembra de um dia inteiro existido, mas, para dar conta de lembrar tudo, todos os detalhes de um dia vivido, precisa de outro dia inteiro para lembrar.

Essas lembranças não eram simples, cada imagem visual era ligada às sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro, nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, havia requerido um dia inteiro. Contou-me: *mais recordações tenho eu sozinho que as tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo*. E também: *meus sonhos são como a vigília de vocês*. E também por volta da alva: *Minha*

⁴¹ Borges. Jorge Luis, **Ficções**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1970.

memória, senhor, é como despejamento de lixos. (BORGES, 1970: 96 – Grifos do autor)

Não se consegue lembrar todo o presente, a memória precisa se perder. Pois que “para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 1999: 90). Em imaginação e sonho, escrevo:

Dentro da casa imaginada e diante do imperativo da escrita, mais uma vez, meu corpo pede passagem a outro lugar, minha alma é convocada à cozinha, ao fogo da chama no fogão, à cor vermelho vibrante das pimentas dedo-de-moça que figuram no cesto de vime, presente que ganhei no dia anterior.

Decido preparar uma geléia, pesquiso rapidamente em livros, cadernos e encontro receitas pares, que se organizam num modo de preparo parecido também em ingredientes. Na minha cozinha faltam alguns deles, mas, o essencial cá está: Pimentas vibrantes, açúcar, uma maçã vermelha e duas laranjas.

Tomo as pimentas à mão, lembro-me de proteger as mãos com luvas; ao picar e retirar as sementes, essas pimentas podem queimar os dedos, sobretudo quando manuseamos e cortamos em pequenos pedaços assim, bem miúdos. Para dar liga e consistência de geléia, é necessário a maçã e nesse caso, também o suco de laranjas. Uma xícara de açúcar e uma pitada de sal é bem-vinda. Pedia um pequeno naco de gengibre, mas, não tinha, troquei por três cravos-da-índia. A maçã precisa ser descascada e ralada num ralo fino, ao extrair o suco das laranjas, deixei os gominhos. O açúcar, as miudezas vibrermelhas, o caldo laranja por de sol, o purê pálido da maçã e os pequenos cravos, todos esses alimentos são colocados juntos numa panela de fundo espesso ao fogo com chama média e vou mexendo com uma colher de cabo longo, de preferência feita de pau.

... Solidão na cozinha, ruídos do borbulhar e do mexer com a colher na panela... penso no pé carregado de pimentas do quintal de onde elas vieram... miro novamente a panela, consigo ver por aquelas borbulhas e voltar no tempo.

Vou/vôo ao quintal de minha avó paterna, a avó da roça, do interior de uma cidade não tão pequena, em Minas Gerais. Do quintal subo a escada que leva à cozinha e lá está ela, a mexer com uma colher de pau a panela fumegante com pedaços de galinha, cebolas em rodela, tomates picadinhos. Um cheiro bom de infância. Ao lado, sobre a mesa, um prato esmaltado, com quiabos partidos em rodela, aguardam a vez de entrar na panela. Às vezes, vovó assobiava enquanto

picava couve, enroladas as folhas numa mão, bem firmes, faca afiada na outra e uma bacia de alumínio que recebia as tiras bem fininhas.

Vinte minutos são necessários e a química começa a saltar aos olhos: as borbulhas aumentam em tamanho, a espuma vai diminuindo nas bordas e a mistura ganhando brilho e consistência, ao mexer com a colher, já podemos enxergar o fundo da panela, a espuma termina e é hora de desligar o fogo, deixar descansar a geléia e voltar ao imperativo da escrita.

Habitando os espaços da casa-livro e em meus devaneios de memória, fulgura Lúcia Castello Branco, figura do meu afeto, da escrita e do feminino, assaz importante durante minha formação (início de transformação, transpiração e transcendência), lembrando-me que o processo de memória

...quando se constitui num texto memorialista, ou mesmo quando se perde na pura dinâmica da rememoração, efetua-se sempre a partir de um atrito de tempos: ao presentificar o passado, não só se assinala a lacuna entre esses dois tempos, como se constrói uma terceira instância, futura, posterior, que nasce do processo mesmo da linguagem. [...] Dessa forma, analogamente ao historiador, o sujeito da rememoração funciona, à maneira das narrativas míticas, como um poeta ou adivinho - ele sabe o que ainda não foi contado, mas, ao contar o que sabe, outra coisa, precisamente nesse lugar, se constrói: o texto, esse estranho produto de sua memória, que agora já o olhará como a um outro. (BRANCO, 1990: 48)

Há um dinamismo quando aciono essas imagens do passado, trazendo-as para o presente, passo a revivê-las, sendo esse o instante da lembrança, onde posso sentir os cheiros, os gostos, percebo cada detalhe. Olho longe para trás para olhar longe para frente. Olhando para trás vejo Bachelard na poltrona da sala, ele acena, faz um sinal para que eu me sente no sofá ao lado, toma de seu livro e lê:

O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. Já num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem. **A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever.** Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores. Não se analisa a familiaridade contando repetições. [...] **Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar,** aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso. Então a Memória e a Imaginação rivalizam para nos devolver as imagens que se ligam à nossa vida. (BACHELARD, 1988: 119 - Grifos meus)

Reviver os valores do passado, recordar: tornar a passar pelo coração;⁴² mas memória não é só nostalgia de um passado, é também permissão para viver o

⁴² Segundo o dicionário etimológico: “A palavra latina cor (ou cordis), que significa coração, deu origem a várias palavras da nossa língua. Veja alguns exemplos: concordar é palavra formada do latim con + cordis, isto é, com coração. Quando duas pessoas concordam é porque seus corações

presente de outra forma. Através de uma prática cotidiana, das experiências vividas e sentidas, vivo e revivo quando trago para o presente uma ação passada, acabo por reunir a ela novas nuances; é uma complexa relação com o tempo...

Para escrever é preciso recordar, lembrar. Relembrando, trago do passado e vou misturando o passado com o presente, no “tempo de agora” e escrevo outra história, futura, que vai se fazendo (presente) enquanto se rememora, pois “um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. (BENJAMIN, 1987: 37)

A noção de experiência em Benjamin porta um sentido formativo, pois está radicada na valorização do presente. Remeto-me à leitura de Jeanne Marie Gagnebin sobre o livro XI das *Confissões* de Santo Agostinho, ao construir seus pensamentos acerca da fenomenologia.

Agostinho tanto procede muito mais por uma análise paciente que poderíamos chamar de fenomenológica [...] uma tentativa de descrição daquilo que nos acontece quando agimos _ e, em particular, quando falamos, contamos ou cantamos _ nessa imbricação originária entre ação, linguagem e temporalidade. Ou ainda: **Agostinho não tenta mais falar, de fora, sobre o objeto tempo, mas, sim descrever, ladeando com o pensar o próprio pensamento, nossa experiência do tempo.** (GAGNEBIN, 2005: 75 – Grifos meus)

Aqui, nesse espaço habitado pela escrita de pesquisa, descrevendo as Oficinas de Memória Culinária, vou esticando minha experiência do tempo vivido nelas, trazendo-as para o presente. Ainda em companhia de Jeanne Marie:

O que ele faz e caracteriza com sua descrição pormenorizada de cada ato é uma distensão do tempo um “esticamento”, um movimento da alma entre lembrar e esperar, que “caracteriza nossa existência temporal [...] e inseparavelmente, procurar, inventar, desmanchar, construir e reconstruir sentidos” (GAGNEBIN, 2005:76)

É o movimento que proponho para o turno da tarde com espaço e tempo necessários para os comentários e conversas sobre a animação *La maison en petits cubes* vista no turno da manhã e a abertura para a experiência ao possibilitar que os participantes escrevam suas narrativas e memórias.

Depois do tempo para as conversas e memórias vindas, apresento outro livro que carrego comigo. É o *Memórias Inventadas: A Infância* de Manoel de Barros,

estão juntos ou unidos. Discordar, por outro lado, é o oposto. Vem do latim *dis* (separar) + *cordis*. Quem discorda, portanto, afasta-se do coração do outro. Recordar, por sua vez, quer dizer “trazer de novo ao coração”. A expressão “saber de cor” também vem diretamente do latim: saber de coração, isto é, de memória. E, por último, destaque à palavra *coragem*, que também deriva de *cor*. Para os antigos romanos, o coração era a sede da coragem”.

poeta apanhador de palavras e fazedor de amanheceres. Um livro de “achadouras” de memórias da infância, como o título já diz; inventadas, creio que bem apropriado para uma oficina que se pretende escavar memórias.

Antes da leitura e durante o folhear de páginas, costumo refletir com eles a respeito desta edição e das escolhas feitas pelos editores. O livro *Memórias Inventadas: a Infância*⁴³ é uma caixa de papelão, dentro dela, o miolo é de folhas soltas, dobradas ao meio e amarradas por um laço de fita; as belas ilustrações são aquarelas feitas pela filha de Manoel; Martha Barros. Provoco o pensamento com uma pergunta: porque será que esse livro foi feito assim, dentro de uma caixa?

Leio este texto também em voz alta. Gosto de ler para eles, faço as pausas, tão necessárias para a fruição das palavras escritas, sobretudo do poeta Manoel. Leio: *Sobre sucatas*:

Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinho de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. Estranhei muito quando mais tarde, precisei de morar na cidade. [...] O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso numa garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade. (BARROS. Caderno XV. 2003 – s/p)

Agora na oficina prevalece o tempo do silêncio. Dá vontade de ler outro texto do Manoel: “Uso as palavras para compor meus silêncios”, mas, deixo para outra ocasião. Escavando nossa memória debruçamo-nos uma vez mais sobre nossas mesas com lápis, papel e cadernos nas mãos a escrever um pequeno texto que conte uma cena do passado, uma imagem de memória da infância, vamos nos deixar levar para os recantos dos lugares onde vivemos, ou, algum lugar em que gostamos de estar, ou ainda, um lugar que nos inspira a uma memória de infância. Inspira-nos o poeta Manoel com a máxima: “Tudo o que não invento é falso” a também escavar palavras em nossa imaginação. (BARROS, 2003: s/p)

Benjamin, a quem a memória, a história e a literatura nutriram seu pensamento, nos diz:

⁴³ Barros, Manoel. **Memórias Inventadas: a Infância**. São Paulo: Ed. Planeta, 2003.

A língua nos indica [...] que a memória não é instrumento para conhecer o passado, mas pensa seu meio. A memória é o meio do vivido, como a terra é o meio das antigas cidades enterradas, e quem quer acercar-se ao que é seu passado tem que se comportar como um homem que escava. E, sobretudo, não se importará em voltar uma e outra vez ao mesmo assunto, em revolvê-lo e espalhando como se revolve e espalha a terra. (BENJAMIN, 2006: [N2 A,3] 505.)

Os participantes ficam a pensar. Olham para cima, para os lados, abaixam a cabeça, fecham os olhos, rabiscam umas primeiras palavras, uns amassam os papéis, alguns se emocionam, uns suspiram, inspiram. Outros começam a escrever e não param até eu dizer que o tempo, para aquela escrita, findou.

Fazemos uma pequena pausa para beber uma água, levantar das cadeiras, e voltar para compartilhar as escritas e contar as histórias construídas a partir da leitura de Manoel de Barros. Quem quiser ler, narrar sua memória é bem vindo. O desejável é participar, compartilhar, esse é o gesto inicial (de abertura, exposição) quando nos colocamos a ler diante do outro.

Ainda com a presença de Benjamin no recinto, escuto, atenta:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1987: 205)

Estamos pobres em experienciar, em contar histórias, conservar tradições (ou subvertê-las, mas, considerando sua existência, partindo delas) em manter rituais. Para alguns, a religião é uma maneira de manter os ritos, para outros é arrumar e cuidar ordenadamente a rotina de uma casa, no entanto, há uma necessidade urgente de nos reconhecer partes de uma história, das nossas histórias (individuais e coletivas) e poder compartilhar com os outros.

Quem sabe assim, nos aproximamos do que Benjamin acreditava, que se a gente conseguisse mudar a maneira de contar a história, sobre si mesma, o presente, poderia mudar.

Já ao entardecer, para finalizar mais um dia entre livros e narrativas, convido a habitar a casa e beber de água fresca conosco outro escritor que nos traz imagens claras de suas memórias retiradas de um “baú de ossos”:

Cheiro de moringa nova, gosto de sua água, apito de fábrica cortando as madrugadas irremediáveis. Perfume de sumo de laranja no frio ácido das noites de junho. Escalas de piano ouvidas ao sol desolado das ruas desertas. Umas imagens puxam as outras e cada sucesso entregue assim devolve tempo e espaço comprimidos e expande, em quem evoca essas dimensões, revivências povoadas do esquecido pronto para renascer. (NAVA, 1983: 343)

Na expansão do tempo, amanhã, terceiro dia de oficina, vamos nos encaminhar para os espaços mais íntimos da casa, espaços habitados para nutrição e deleite, alimento para o corpo e a alma, espaço de convívio que nos reserva sabores diversos.

4 COZINHAR

*Cozinhar não é serviço, meu neto.
Cozinhar é um modo de amar os outros*

Mia Couto⁴⁴

4.1 A Cozinha

Caminhamos para o espaço da cozinha, lá se tem uma janela e duas portas. Para entrar na cozinha por dentro da casa, precisamos atravessar pela sala com suas poltronas de veludo desbotado, depois, andar pelo corredor sem fotografias nas paredes, em seguida passamos pela copa onde fica o armário com potes de cocada branca e chegamos na cozinha. A outra passagem é pelo lado de fora, por um beco comprido, lateral à casa, úmido e fresco, com um portão de madeira gasta pelo tempo, que ao abrir, range e bate na lateral da parede. Quando entramos por esse portão estreito, primeiro enxergamos o quintal, as cercas de bambu com trepadeiras; chuchus, *ora-pro-nobis*,⁴⁵ muitos beijos em flor de várias cores, dalias, pés de alecrim, couve, hortelã, manjerição e já próximos ao galinheiro, os gatos aproveitam o sol. À direita fica a escada que sobe à cozinha. Podes subir se quiseres, que a chaleira já tem água quente, quem sabe para um café ou chimarrão... Nesse espaço não há muita cerimônia, ao menos, não agora... Fique a vontade, a casa é sua, a cozinha é nossa.

A modificação do alimento do cru ao cozido foi interpretada por Claude Lévi-Strauss⁴⁶ como o processo de passagem do homem da condição biológica para a social, sendo a cozinha o primeiro laboratório do homem.

O ato de cozinhar é um dos atos que definem a espécie humana. Com a descoberta do fogo, há 300 mil anos, fez-se a revolução do cozimento. Ao aprender

⁴⁴ **Fio das missangas.** Mia Couto. 2009:126

⁴⁵ O nome latino *ora-pro-nobis* (orai por nós) teria se originado do fato de que a planta, trepadeira, usada no período colonial para ornamentação, principalmente das cercas das igrejas, costumava ser muito cobiçada para uso culinário. Como os padres proibiam a retirada das folhas, sujeitos mais espertos esperavam o momento da oração mais longa, marcado pela ladainha *ora-pro-nobis*, para, sorrateiramente, burlar a proibição. (MELO, 2010:69)

⁴⁶ Para Lévi-Strauss, a cozinha é uma linguagem e cada sociedade codifica suas mensagens através de signos particulares dentro desta. Foi a partir da observação dos hábitos alimentares de tribos indígenas brasileiras que o antropólogo criou o que ficou conhecido como o “Triângulo Culinário”, no qual explicita as relações de transformação do alimento através do tripé: cru, cozido, podre. Assim, o alimento cru (natural), passa pelo fogo e torna-se cozido (cultural) e então por influências diversas, apodrece e retorna à natureza.

a usar o fogo para preparar os alimentos, nossos ancestrais abriram caminho para o desenvolvimento da civilização. Referência em estudos sobre a história da alimentação no Brasil, Câmara Cascudo nos assegura que

De todos os atos naturais, o alimentar-se foi o único que o homem cercou de cerimonial e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político, aparato de alta etiqueta. Compreendeu-lhe a significação valorizadora e fê-la uma função simbólica de fraternidade, um rito de iniciação para a convivência, para a confiança na continuidade dos contatos. (CASCUDO, 2004: 37)⁴⁷

Recanto da família, dos amigos, dizem que o melhor lugar da casa é a cozinha. As panelas fumegando no fogão a gás, ou o calor das chamas do fogão a lenha, a organização das pessoas na volta dele para cozinhar e no inverno se aquecer, quiçá para contemplar e conversar. É pelo fogo que a transformação do alimento (também a nossa?) acontece. Nas casas, quase cotidianamente, é na cozinha que nos reunimos para falar do dia-a-dia. A cozinha; como espaço cotidiano de convivência, convida a uma intimidade de nutrição, cuidado no preparo e atenção, espaço agregador, acolhe quem chega, recebe as palavras, escuta, troca com elas, sendo um “abençoado lugar de uma doce intimidade [...] mãos ocupadas mas o espírito disponível e a palavra atenta” (CERTEAU, 1996:259). Lugar de reunião e encontros, tão familiar que só levamos para comer na nossa cozinha alguém que já nos é chegado. Para partilhar a cozinha e dividir o uso do fogão e das panelas, em uma criação culinária, então, precisa ser mesmo de intimidade, “*fulano de tal já é de casa*”, como se diz.

O trabalho intermitente das mãos, os cheiros dessas comidas exalando na cozinha e transpondo os aromas para outros espaços da casa, convidando quem está fora para se chegar. Cheiros bons, cheiros de infância.

Enquanto cozinho, minha memória se abre ao sonho. Bem sei como é bom esse momento para a imaginação voar livremente e por vezes me pego cantarolando, outras falando sozinha ou assobiando.

Os pés que caminham pelo espaço, as mãos que não cessam abrindo portas e panelas, armários, fechando fornos e portinholas, gavetas, salteando umas batatas na manteiga, pegando facas e tábuas, pratos, vasilhames de todos os tamanhos, formas e cores. As mãos trabalham e a imaginação também, na cozinha, a atividade não é apenas manual, “são mobilizados todos os recursos da inteligência e da

⁴⁷ Cascudo, Luis da Câmara, **História da Alimentação no Brasil** 3. Ed. São Paulo: Global, 2004.

memória. É preciso organizar, decidir, prever. É preciso memorizar, adaptar, modificar, inventar, combinar, não esquecer os gostos”. (CERTEAU, 1996:270). Os gostos de cada um, de cada filho ao preparar um prato.

Minha avó afeita aos trabalhos manuais (datilografia, costura, pintura e bordado), também caprichava nos doces, fazia uma sobremesa para cada filho, cada um com seu gosto especial ou a fruta da época de nascido. Minha mãe recebia uma torta de morangos feita com suspiros, meu tio mais velho, o doce de coco, que ele nomeou singelamente de *Carícias da Juracy*, já para o meu tio do meio, vovó preparava uma torta mais elaborada, com recheio de maçãs fatiadas, geléia de abacaxi e as tiras de massa cortadas com delicadeza cobrindo a torta de xadrez que era assada no forno e deixava a cozinha com um perfume memorável. Servia para ele uma fatia generosa em prato de louça especial, dessas que ficam guardadas para dias de festa, acompanhada de guaraná, sempre em julho, no seu aniversário. Gesto de amor, de cuidado, momento de comemoração. Nosso poeta-anjo repousa uma lembrança

A chuva fina eram grãos que o céu semeava, com barulho, sobre o telhado. Entre canteiros, com sombrinha estampada, a mãe recolhia flores para as jarras da casa: copos-de-leite crisandálias, beijos, rosas-de-cacho. Nas mesas as toalhas, engomadas com polvilho e bordadas em ponto de cruz, ponto cheio ou bicos de crochê, avisavam que teriam convidados. (QUEIRÓS, 1994:19)

O poeta lembrando a comemoração de aniversário do menino Antônio, nos modos da mãe a dedicar-se aos preparos da festa; minha avó no seu ritual de servir o filho todos os anos em seu aniversário, faz-me pensar a respeito dos rituais de celebração e como esses ritos mantêm as tradições (e nossas memórias) e organizam no tempo as datas festivas⁴⁸.

Da cozinha azul de minha infância, evoco imagens: a cozinha da casa onde passei a infância tinha azulejos azuis até o teto, cor de céu de uma manhã clara de maio. As manhãs de maio têm um tom especial, porque ainda é outono, mas já anuncia em frescores a chegada da próxima estação. Do lado esquerdo ficava o

⁴⁸ “Podemos situar também o ato de comemoração no par memória-hábito/memória-lembrança. [...] não há efetuação ritual sem a evocação de um mito que orienta a lembrança para o que é digno de ser comemorado. As comemorações são, assim, espécies de evocações, no sentido de reatualização, eventos fundadores apoiados pelo “chamado” a lembrar-se que soleniza a cerimônia. – comemorar, observa Casey, é solenizar tomando seriamente o passado e celebrando-o em cerimônias apropriadas (Casey, *Remembering*, op. Cit., p. 223)”. (RICOEUR, 2007:60)

fogão de quatro bocas azul e branco, tinha abas laterais que serviam de apoio às panelas e talheres em uso durante o preparo da comida.

Não me lembro de jantares nessa cozinha, ela não me traz o tom da noite, é clara, iluminada, tinha uma janela de basculantes retangulares e duas portas, uma do corredor que vinha da copa e outra que dava acesso à área de serviço com grandes janelas, onde ficava a geladeira, azul. Dentro da cozinha, a bancada de fórmica que imitava mármore no armário de portas de aço azuis e duas portinholas de vidro, onde guardávamos os copos e as xícaras.

Vejo aquelas mãos recheando com rodela de banana madura os discos de massa, salpicando canela, apertando com o garfo as extremidades dos pastéis. A bancada toda enfarinhada, “que é para não grudar”, dizia ela. Vovó Juracy montava os pastéis e ia colocando um ao lado do outro, assim bem juntinhos, depois colocava a gordura para aquecer em uma panela não muito funda, deixando um prato de louça ao lado para receber os pastéis quentinhos, dentro dele tinha uma mistura de açúcar com canela. Havia um rito: um fósforo era colocado dentro da panela com a gordura. Quando ele acendesse, (sozinho, num susto!) era hora de colocar os pastéis, sinalizava que a gordura estava quente, no ponto de fritura para não encharcar.

Ao rememorar pastéis de banana com canela chego ao lugar desse fazer, à cozinha de nossa casa, uma das casas da minha infância. Um reservatório de imagens e sensações.

A criança olha, observa os movimentos da mãe, admira a força das mãos que preparam a massa; o mistério da bolinha de fermento que sobe no copo de água a fascina [...] a cozinha é parte essencial de sua aprendizagem sensorial e motora: “Tirar a criança da cozinha – dizia Bachelard – é condená-la a um exílio que a afasta de sonhos que jamais conhecerá. Os valores oníricos dos alimentos se ativam quando se acompanha sua preparação (...) feliz o homem que, em criança, “ficava em volta” da dona-de-casa”. (CERTEAU, 1996:259)

Lugar da experiência, das habilidades manuais tantas, do aprender observando e ajudando a fazer. Sobre as casas, não só as que eu morei e cresci, mas as casas e cozinhas por onde passei me dizem muito; a casa ocupa um lugar essencial na vida de quem escreve e de quem rememora. Gaston, ao passar pela copa, reluz: “Tudo que devo dizer da casa da minha infância é justamente o que me é necessário para me colocar numa situação de onirismo, para me colocar no bojo

de um devaneio em que vou repousar no meu passado” (BACHELARD: 1988:117). Há muitas casas em nossas memórias; quem escreve, sabe.

Dentro do imaginário da casa, vejo a cozinha como espaço de transmissão de um saber, fonte de vários saberes. É na cozinha que os alimentos estão à mostra, legumes e frutas em cestas, ervas secas penduradas próximas à janela, pães e bules de chá, garrafas de café, frigideiras e um tacho de cobre no alto do fogão, uma chaleira com água quente esperando para ser usada, grãos em latas de alumínio de vários tamanhos, colocadas em ordem crescente, debaixo da pia ou ainda em prateleiras.

É na cozinha da casa que a memória culinária se organiza. Espaço onde a narrativa culinária se constrói. Da aba do fogão, o prato de louça cheio de pastéis fritos, açucarados e cheirosos é levado até a mesa.

Arrebatado pelo aroma que emana da casa acerca-se à nossa cozinha imaginária o poeta Carlos Drummond de Andrade e depois de se acomodar no recinto, saudoso, nos fala em bom tom:

Uma das sedes de nostalgia da infância, e das mais profundas, é o céu da boca. A memória do paladar recompõe com precisão instantânea, através daquilo que comemos quando meninos, o menino que fomos. O cronista, se fosse escrever um livro de memórias, daria nele, a maior importância à mesa da família, na cidade do interior onde nasceu e passou a meninice. A mesa funcionaria como personagem ativa, pessoa da casa, dotada do poder de reunir todas as outras, e também de separá-las, pelo poder de preferências e idiossincrasias do paladar - que digo? - da alma, pois é no fundo da alma que devemos pesquisar o mistério de nossas inclinações culinárias. (ANDRADE, 1963:125)⁴⁹

A alma de uma casa mora na cozinha. Nas cozinhas, geralmente há uma mesa, pequena, grande, dobrável encostada na parede, depende do tamanho da cozinha, depende da condição social do dono da casa e das preferências, de ter uma mesa na sala, na varanda, no pátio, enfim, mas, se não há uma mesa, casualmente há uma cadeira ou um banco para se sentar; tem sempre uma visita, para uma prosa lenta ou ligeirinha. Nas grandes cozinhas, mesas longas de madeira⁵⁰ convidam a se acomodar em torno delas.

⁴⁹ A crônica *O céu da boca* de Carlos Drummond de Andrade foi escrita em 1955 e junto de outras crônicas compõem o livro *A bolsa e a vida* editado em 1963. No prefácio, o poeta nos escreve duas palavras: “O Título *A bolsa & a vida* não deve ser interpretado em sentido truculento. A bolsa é uma bolsa modesta de comerciária, achada num coletivo. E a vida é isso e tudo mais que o livro procura refletir em estado de crônica, isto é, sem atormentar o leitor _ apenas, aqui e ali, recordando-lhe a condição humana”.

⁵⁰ Há uma curiosidade a respeito da mesa mineira. “A mesa era considerada móvel de apoio. Destinada às refeições, possui uma particularidade entre todas as mesas, que a distingue e a

4.1.1 A cozinha das oficinas

Deste modo, buscando os sabores do céu da boca, vamos seguindo, conversando, lembrando, escrevendo e lendo. Agora, em pequenos grupos rodeados em torno das mesas, entramos na cozinha da oficina e ainda deliciados com os pastéis da memória, vamos conhecer outro livro, esse, sai da maletinha xadrez com uma leveza rara, uma linguagem esmerada com delicadeza. Chama-se *O livro de Zenóbia*⁵¹. O livro é temperado pelas memórias de Zenóbia; uma personagem curiosa, que gosta de cozinhar, e de botânica, descreve com delicadeza os nomes raros das espécies e evidencia afeições por listas de palavras preferidas, peixes raros e ervas daninhas. A leitura de Zenóbia, com sua riqueza de vocabulário e imaginação nos permite voar.

É esse o nosso movimento agora; de vôo. Inspirada por Zenóbia, carrego para essa manhã de oficina diversas ervas e especiarias, desidratadas, outras frescas; que apresento ao toque, ao cheiro, ao contato e conhecimento deles. Elas estão ali para serem apreciadas, conhecidas, degustadas. Os temperos e as ervas oferecem ao encontro um movimento de descontração e trocas incessantes nos seus usos (das ervas) para o cuidado com a saúde e os hábitos nos preparos de chás, emplastos e xaropes, que, o senso comum nos diz e muitas pesquisas e laboratórios comprovam; podem curar qualquer enfermidade física ou mental.

Sobre as especiarias, conversamos também sobre as grandes navegações, tantas histórias e tanta terra se descobriu em busca de especiarias por rotas traçadas e, nos desvios, quantos mundos/povos se encontraram daí surgindo outras grandezas e misturas de povos e de comidas, transformando culturas e também dizimando muitas delas, sabemos.

Conversamos bastante, anotações começam a surgir sobre os chás que conhecemos e curam males do estômago, aqueles que são bons para resfriados e de alguns já mais habituais de se ter cultivados em casa (a salsa, cebolinha, alecrim, boldo), além de citarem curiosidades ensinadas pelos mais velhos na família, especialmente, as avós.

singulariza: um ou mais pares de gavetas, escondidas abaixo do tampo, cujo propósito é esconder os pratos caso visitas cheguem, inadvertidamente, nas horas do repasto familiar". (SEDLMAYER, 2014)

⁵¹ Maria Esther Maciel, Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004. Este livro também serviu-me de inspiração durante a produção do *Memória Culinária: Coisa de Vó*, trazendo as imagens das avós da personagem Zenóbia. A autora é professora na Faculdade de Letras da UFMG onde me formei, estudei literatura e cinema com Maria Esther.

Dos mais velhos ainda recordam as garrafadas, as benzeduras com galho de arruda e as rezas; aliando a fé ao alimento.⁵² Depois desse movimento de cheiros, toques e dos nomes que cada uma delas comporta, vamos reinventar nomes, pensando a sensação que o tempero traz, observando suas formas e cores, os desenhos das folhas, os cheiros frescos, os gostos amargos ou doces.

Diante deste universo de temperos e cheiros vamos criar verbetes, re-significando ao nosso modo de ver, sentir, perceber cada especiaria. Faremos isso desta vez em pequenos grupos de pessoas, não antes de ler, alguns trechos d'O *livro de Zenóbia*.

Zenóbia sabe que o lugar de nosso nascimento estará conosco até o fim. Por isso ela carrega na pele a cor de sua terra e sempre que experimenta uma fruta amarela, a memória lhe traz o gosto da manga e da laranja que lhe deixou a infância. Ou o fulgor cromático do açafraão moído e das espigas de milho perdidas no horizonte. Nas cores de seu ontem, ela sempre se encontra com as coisas que ama. (MACIEL, 2004:99 – Grifos da autora)

Para esse momento de criação dos verbetes, utilizamos também os dicionários e outro livro precioso: *As ervas do Sítio: história, magia, saúde, culinária e cosmética*.⁵³ Dos verbetes que criamos, alguns, escolhidos por eles vão entrando nos nossos cadernos de receitas. Das significações que oferecemos às ervas e temperos, lembro de uma oficina em que havia apenas cinco mulheres.⁵⁴

Não havia cozinha e, combinamos que a cada encontro, trariam uma quitanda⁵⁵ para nosso chá da tarde. Uma delas trouxe broa cremosa de fubá com coco, outra trouxe bolachinhas de aveia que desmanchavam na boca, receita de sua *abuelita*. Essa aluna, trouxe-me livros outros que contavam sobre receitas do Sul. Passeamos pelos cheiros das ervas, dos temperos, falamos das especiarias e despertamos o olfato, o tato. Partimos para a criação de verbetes, novas definições para aqueles aromas, invenções, outros usos e, revirando na memória, o que aqueles cheiros significavam para elas. Teve cheiro de ternura de colo de mãe, pimenta preta que remetia a carne de panela, coroa doce de cravo e frescor da

⁵² Da fé ao alimento nos lembramos das comidas de santos, os variados pratos elaborados e ofertados aos orixás no Camdomblé.

⁵³ Bornhausen, Rosy L. **As ervas do Sítio: história, magia, saúde, culinária e cosmética**. São Paulo: M.A.S, 1991.

⁵⁴ Oficina Culinária de Afeto: literatura, memória e culinária, realizada em maio de 2012, na cidade de Pelotas em parceria com a professora Ceres Torres.

⁵⁵ A palavra Quitanda é originária da África, *kitanda* e significa o tabuleiro em que se expõem as diversas mercadorias, de gênero alimentício, de vendedores ambulantes e em feiras livres. Em Minas Gerais, chamamos de quitanda tudo aquilo que vem servido junto do café, exceto o pão: bolos, biscoitos, broas, sequilhos, sonhos, pães de queijo, etc.

manhã nas folhas miúdas do tomilho. Lemos uma especial receita de pão⁵⁶, ouvimos Zenóbia e sua poética culinária. Encerramos ao sabor de Carlos Drummond de Andrade e suas lembranças do céu da boca, texto vindo do século passado com cheiro e gosto de ambrosia, de batata-doce assada, nostálgicas empadas de frango e azeitonas pretas, angu com couve, feijão.⁵⁷

Seguindo pela tarde do terceiro dia de oficina, outro livro apresentado é *Fogão de Lenha: quitandas e quitutes de Minas Gerais*.⁵⁸ No livro de Maria Stella, encontramos 560 receitas culinárias que foram sendo recolhidas dos cadernos de receitas de sinhás e de várias famílias pelo interior de Minas Gerais. Dona Stella Libânio conheceu de perto a mesa mineira, com seus pratos salgados; o feijão tropeiro, a lingüiça, o torresmo de porco, os doces, queijos, biscoitos, broas de milho e o famoso pão de queijo.

Com tantas receitas para se conhecer através do livro e trazer outras de nossa memória, agora é o movimento de escrevê-las e descrever o modo de preparo, lembrando dos detalhes, dos ingredientes e dos momentos em que eles eram feitos e servidos. Anotamos nos cadernos as nossas receitas, as que conhecemos e preparamos em nossas casas e as que iremos cozinhar juntos nesse espaço.

4.2 Cadernos de receitas

Como os livros, os cadernos de cozinha ou de receitas, destacam-se pela importância de seus textos, pela grande quantidade de histórias e de memória que possuem. Notadamente um objeto de criação feminina, as receitas anotadas nos cadernos em sua maioria são escritas à mão e foram obtidas em momentos de comensalidade: as mulheres experimentam a comida e, se apreciam, pedem a receita. Maria Stella, ao pesquisar a culinária de Minas Gerais, assinala que era costume

das mães passarem às filhas as receitas de família, carinhosamente guardadas em grossos cadernos que se perdem, não raro, na gordura do uso e na lida do tempo. [...] algumas receitas, havidas por corriqueiras, nunca foram escritas. Passaram e passam oralmente de mãe às filhas. (CHRISTO, 1977:15)

⁵⁶ Murray, Roseana. **Receita de Olhar**. São Paulo, FTD: 1997.

⁵⁷ A respeito da culinária mineira, há outra obra relevante, chama-se: **Angu, feijão e couve**. De Eduardo Frieiro.

⁵⁸ Christo, Maria Stella Libânio. **Fogão de Lenha: quitandas e quitutes de Minas Gerais**. Primeira edição em 1977. Ed. Vozes.

Solange Demeterco, evidencia, ao analisar cadernos de receitas de 1900 a 1950 da população da cidade de Curitiba, que é nos momentos de comensalidade, no ambiente cotidiano doméstico da família e/ou pessoas por ela selecionadas, que se dá a transmissão de um saber culinário.

Estes cadernos demonstram as redes estabelecidas de sociabilidade. Muitas mulheres começam a escrevê-los na adolescência e, ao passar dos anos, vão preenchendo os cadernos com receitas da família, de pessoas próximas, amigas e também através das embalagens de produtos industrializados. Com as imagens das revistas especializadas e com os recortes, “decoram” e constroem os cadernos.

De tradição oral, a receita culinária também se estabelece como fruto de uma memória, a cozinha compõe o cenário da transmissão de um fazer, de um saber.

Saber fazer, aprender a fazer, dizer como fazer: a sucessão dos gestos que se encadeiam, o hábil movimento das mãos necessitam por sua vez das palavras e do texto para circular entre os que lidam na cozinha. Este texto tem sua língua e seu corpo de referência, como tem seus segredos e suas convivências – todo um saber “bem entendido”, que a mais detalhada das receitas jamais conseguirá comunicar. (CERTEAU, 1996:287)

Na língua da cozinha, quem conta, conta de novo e de modo diferente. Na transmissão desse saber-fazer, “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Diz o ditado popular. Comunicar, transmitir, recontar. Assim como os contos, uma receita nunca é igual à outra, sobretudo no modo de preparo; quando se conta, acrescenta-se algum ingrediente ali, outro temperinho acolá, deixa-se de dar uma dica, dependendo da pessoa a quem se está contando a receita.

Seguindo cuidadosamente a mesma receita, duas cozinheiras experientes obterão resultados diferentes, pois na preparação intervêm o toque pessoal, o conhecimento ou a ignorância de certos segredos culinários [...] toda uma *relação com as coisas* que a receita não traz e quase não especifica e cuja maneira difere de um a outro indivíduo, pois muitas vezes está arraigada na tradição oral, familiar ou regional. (CERTEAU, 1996:271 – Grifos do autor)

As instruções de uma receita; são orientações, possibilidades de escolha em ingredientes e modos de preparo, um saber em movimento. Evidencia-se uma relação de poder no espaço da cozinha quando se está transmitindo uma receita. Quem sabe mais (avós, mães, pais) comunica para os que ainda não sabem ou sabem pouco do que estão preparando, e, na “língua” de toda receita, Certeau (1996) afirma que há registros básicos:

A língua usada para falar de cozinha abrange quatro domínios distintos de objetos ou ações: os ingredientes que são matéria-prima; os utensílios e

recipientes, como os aparelhos de cozinha, batedeiras, liquidificadores etc; as operações, verbos de ação e descrições do hábil movimento das mãos; os produtos finais e a nomeação dos pratos obtidos. Esses quatro registros de um mesmo léxico se encontram na mínima receita... (CERTEAU, 1996:287)

A respeito da comunicabilidade das receitas e da transmissão de saberes que as elas imputam, Renata Menasche e Denise Amon, (2008) analisam duas receitas de comidas cotidianas de uma família e ampliam o argumento de que a comida “pode contar histórias”⁵⁹ e que

Todo não-dito na receita está pressuposto nos destinatários sob forma de saberes tácitos, construídos e mantidos na experiência cotidiana, conhecimentos sobre os quais não se colocam perguntas, saberes que fazem parte da vida vivida. A receita narra a partilha de saberes que se mantêm como memória social e, ao serem transmitidos com base na receita, contam a história de como uma comunidade compreendeu e aceitou o gosto, textura e forma da comida. (MENASCHE e AMON, 2008:16)

É durante a partilha de saberes, nesses movimentos de preparo do alimento, que com frequência ouvimos expressões de conselhos,⁶⁰ juízos de valor, de troca e solidariedade. Nos rituais de preparação da comida⁶¹ se mostram: por um lado as receitas, por outro, a vida e suas experiências.

⁵⁹ Segundo o resumo de apresentação do artigo: “As autoras discutem como uma comunidade pode manifestar na comida emoções, sistemas de pertinências, significados, relações sociais e suas identidade coletiva. Desenvolvem o argumento de que se a comida é uma voz que comunica, assim como a fala, ela pode contar histórias”. (MENASCHE e AMON, 2008)

⁶⁰ Na lista de filmes que abordam a culinária, uma produção que evidencia a transmissão de receitas tradicionais de família e as histórias que as acompanham é “*A touch of spice*” traduzido para: *O Tempero da vida*; feito em 2003, por Tassos Boulmetis. Narra as memórias de um professor de astronomia e seu avô. Há várias cenas de famílias nas cozinhas e em torno das mesas. Há uma cena especial (são muitas) da infância do garoto em que seu avô lhe ensinava astronomia pelos temperos, fazendo para ele um céu com montes de sal, pimentas e outras especiarias.

⁶¹ Penso que é necessário, diferenciar comida de alimento, o que o faço com a explicação de DaMatta (1998). “[...] nem tudo que é alimento é comida. Alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva; comida é tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade. [...] O alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto ou de longe, da rua ou da casa [...] Por outro lado, comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa [...] Temos então o alimento e temos comida. Comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se [...] A comida vale tanto para indicar uma operação universal – ato de alimentar-se – quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer, estar e viver” (DAMATTA, 1998).

4.3 Comida e narrativa

Chegamos ao quarto dia de oficina. Tomo do meu livro, peço licença e leio uma receita da minha infância, da torta de maçãs, do arroz temperado ou do doce de abóbora com coco que vovó fazia. Do arroz temperado, lembro da decoração final, a casca enrolada de um tomate e um ramo de salsa fresca. Bartolomeu, o anjo que vive na casa, alonga suas asas e nos diz baixinho:

A mulher da sombrinha vermelha tinha na carne uma educação exemplar. Aprendera na cartilha das abelhas, e de um tudo só retirava o mel, eu pensava. Sua boca só existia para o açúcar. O amargo não soube em que lugar guardava. Duvidava da existência de uma vida inteiramente doce. Ela não sabia ler cartas, mas decifrava outros enigmas: um rosto triste, uma mão vazia, uma sombra no olhar. Fazia a saia dialogar com a blusa, a jarra conversar com as flores. Compreendia a solidão que o macarrão exigia. Dia de macarronada só comia macarronada. De tudo dispensava o supérfluo. Fazia do tomate rosas para decorar o arroz, em dia de festa. (QUEIRÓS, 2012: 47)

Continuo por aí, pelas histórias nos livros, a convidar os participantes a lembrar as receitas culinárias da memória. E são muitos os momentos que vão surgindo deles, é preciso conter as vozes que começam a falar juntos quando o espaço e o tempo são oferecidos para compartilhar as receitas que vêm da memória.

Quase todos querem compartilhar uma receita culinária, lembram dos sabores da infância ou da vida adulta e até mesmo de receitas que, atualizadas, eles preparam e gostam muito. Há sempre uma história para contar junto dessas memórias culinárias. Quem preparou, onde comeu, com quem estava, como é feita, enfim, muitos modos de se começar a narrar uma história sobre comidas.

“O contar histórias é uma das formas pelas quais as comunidades compreendem seu passado, presente e futuro” (MENASCHE e AMON, 2008:20).⁶² Nossas relações cotidianas transbordam oralidades; a notícia, o provérbio, uma canção, um verso, uma piada. A narrativa é um recurso humano vital e fundamental; sem ela, a sociabilidade e também a visão que temos de nós mesmos, não poderia ser construída. Narramos nossas experiências cotidianas, nosso dia no trabalho,

⁶² As autoras observam ainda que “as narrativas de comida podem incorporar novos traços à memória. As narrativas de comida sedimentam e transformam a identidade, o sistema de pertencimentos e as visões de mundo da comunidade no novo contexto” (MENASCHE e AMON, 2008:20)

fatos acontecidos, lembranças, sonhos, projetos e desejos. Narramos ainda de forma solitária, para nós mesmos, em pensamento.

Narrar é um ato inventivo, seja para contar o acontecido ou o imaginado. Além de construir pensamentos comuns durante as ações de ler, escrever, costurar, não ordenadas assim, mas, entremeadas, entrelaçadas umas às outras, todas elas com atenção especial ao ato de cozinhar, no espaço/tempo das oficinas, existe a possibilidade de criar e contar as nossas e outras histórias.

Já temos no início da tarde, em nossas mesas, diversos livros de memórias e receitas, esses objetos ficam a disposição para recorrer a eles quando quiserem. Reservamos um tempo de preparo de uma receita, inspirados pelo livro *Fogão de Lenha* com tantas quitandas e quitutes, dele vão eleger uma receita, que não seja muito complicada de fazer, de preferência com alimentos que já temos em nossa cozinha. Se existe algum mercado por perto, isso também pode nos auxiliar. Não é tarefa das mais fáceis; causa muito burburinho. Uns fazem várias perguntas, outros já estão à postos na cozinha, vestindo aventais e lavando as mãos. Muitos ficam a folhear os livros para escolher a receita e alguns seguem debruçados sobre seus próprios cadernos, anotando receitas dos livros, compondo com recortes de revistas ou desenhando.

Enquanto uns estão na cozinha, outros começam a organizar e limpar as mesas. Quando menos se espera, aparece uma toalha para colocar na mesa, que alguém foi buscar; distribuem os copos, xícaras, talheres, o que houver para servir o número de pessoas que estão ali. Há todo um cuidado com o espaço para receber o alimento e reunir as pessoas em volta da mesa. Sem nos darmos conta, estamos nos tornando comensais. A comensalidade se faz presente no comer juntos à mesa e também no ato de preparar os alimentos.

4.4 O ato de cozinhar

Nas oficinas de memória culinária, cozinhar é algo que acontece de muitas maneiras e também com alguns improvisos. Para as oficinas que tiveram carga horária entre 20 e 30 horas, já fica destinado um espaço apropriado, uma cozinha com seus utensílios básicos; geladeira, fogão e os apetrechos como liquidificador, batedeira, panelas de vários tamanhos, formas, enfim, equipada para uso. As oficinas menores, mais curtas, tendem a ocorrer com mais improviso e se no espaço tiver energia elétrica, já conseguimos cozinhar, cada um traz um aparelho,

dependendo da receita a ser preparada. Na maioria das vezes, nos bastam o fogão, alguns utensílios e uma boa mesa.

Em Ouro Branco, no inverno de 2007, a oficina aconteceu na praça de eventos da cidade; nossa cozinha era a cozinha dos funcionários e muito tivemos que improvisar por ali. O forno elétrico era ruim, aquecia pouco e a primeira receita que fizemos, inspirada no livro de *Zenóbia*, foi um bolo de goiaba, que, não cresceu.

De enganos consentidos às vezes surgem as surpresas. É o caso desta receita, que era para levar peras, mas foi feita com goiabas vermelhas. O bolo não tem segredos: basta misturar cento e cinquenta gramas de farinha de trigo, quatro colheres (de sopa) de manteiga, uma colher de fermento, mel de flor de laranjeira e goiabas frescas coadas na peneira. Faça tudo com alma, sem atropelo. Uma pitada de sal deve ser ligeira, para que seu gosto não apareça. Despeje tudo em uma vasilha untada com manteiga e depois asse, sem pressa. Ah, não se esqueça de pôr na massa três gotas de essência de baunilha. Sirva as fatias do bolo no fim do dia, com uma xícara de chá de tília. (MACIEL, 2004:85)

Preparamos ainda chás de capim limão e hortelã trazidos da casa de um aluno. Foi interessante porque não acreditamos na receita do bolo sem ovos e colocamos dois na massa. (o que pode ter desandado a receita, além do forno ruim...) Nesta oficina, em outra tarde, preparamos um molho pesto⁶³, receita que poucos conheciam. Toda praça de eventos era rodeada por arbustos de manjerição, e sendo o espaço bem amplo, com várias quadras de esportes; quando ventava, os cheiros da *erva dos reis*⁶⁴ invadiam a sala e nossa cozinha improvisada.

Os ventos perfumados nos conduziram à leitura de uma carta culinária⁶⁵, (esse movimento foi contrário, o manjerição nos levou ao livro) junto dela, a receita do molho italiano. Não tivemos dúvida, colhemos, lavamos, compramos os outros ingredientes e preparamos nossa “massa ao pesto”. Esse movimento de cozinhar trazendo o que temos naturalmente à disposição misturando a outros alimentos que precisamos adquirir, confere ao ato de cozinhar uma multiplicidade de gestos, que enriquecem nossos fazeres e saberes. Ingredientes locais são bem vindos, reforçando vínculos com o lugar onde estamos.

⁶³ O molho Pesto é uma receita típica italiana. Tradicionalmente na região da Ligúria, a preparação do molho, embora aparentemente simples, é considerada um ritual. É necessário uma peça de mármore, de nome mortaio e um socador de madeira. Colocam-se as folhas com o sal, para manter sua coloração verde e vai-se socando, adicionando os pinhões e uma parte do queijo, juntamente com o azeite, gradativamente até tornar-se um molho verde-escuro, denso e perfumado.

⁶⁴ Também conhecido como Alfavaca. Seu nome científico é *Ocimum Basilicum* e na Grécia Antiga, era denominada a erva dos reis.

⁶⁵ **Papel manteiga para embrulhar segredos: cartas culinárias.** (LISBOA. 2006. p. 21-23.)

Na oficina realizada em Ouro Preto em 2009, uma aluna tinha no quintal de casa muita salsinha. No intervalo do almoço, ela colheu e trouxe para nós. Fizemos uma *mousse de salsinha*, receita que criamos a partir de outra (mousse de frango) que encontramos no livro *Memória Culinária: Coisa de Vó*. Aproveito o momento e conto algumas histórias da receita, de como eu aprendi a fazer, quem me ensinou, onde e para quem já preparei. As receitas culinárias vêm acompanhadas de histórias, falando de nossas culturas, de nossos hábitos e gostos.⁶⁶

Em 2012, na cidade de Pelotas, onde não havia espaço e tempo para cozinhar, as participantes, traziam quitandas preparadas por elas para o chá da tarde com as receitas anotadas em papel separado para ofertar às colegas e à professora. Bonito isso, não? Gestos simples de gentileza. Uma delas levou biscoitinhos de aveia, que ficaram meio estranhos na forma; ela disse que não acreditou na receita da avó e mudou um pouco e por isso, deu errado; chegou dizendo que devia ter confiado na avó, mas que de sabor eles estavam bons, como, de fato, estavam mesmo.

4.5 Comensalidade - Comer juntos

Comer é um ato orgânico a que a inteligência tornou social.
Câmara Cascudo

Diante do empobrecimento da experiência, o ato de cozinhar e os processos culinários (comensalidade) surgem como fundamento (possibilidade) para a construção e transformação das narrativas de comida e de vida. E, diante de nosso afastamento da cozinha, em nome do progresso civilizatório e prático dos *fast-food*, pergunto: ainda somos capazes de transmitir algo, algum tipo de experiência? O que se transmite na cozinha, além da receita culinária? No conviver, transmitimos?

Aqui, nesse movimento da oficina com as mesas organizadas e um cheiro bom de pão⁶⁷ vindo da cozinha, vamos nos colocando em volta da mesa, com

⁶⁶ O que é chamado gosto mistura sensibilidade e percepção. O gosto está limitado a um ou mais dos cinco sabores perceptíveis pela língua: doce, salgado, azedo, amargo, picante. Sabor é uma categoria mais ampla, abrangendo cheiros e gosto, e nossa reação a ele depende menos dos nossos genes do que da nossa experiência. Ver mais a respeito em **A fisiologia do Gosto** de Brillat-Savarin. Páginas 44 a 47.

⁶⁷ A receita eleita por eles nessa tarde foi um pãozinho de cebola, trazida pela aluna Alice. Ao final desse texto lá ela estará.

apetite de não parar de conversar sobre comidas e receitas; desse modo, em torno da mesa, finalizamos mais uma tarde de encontro, não sem antes anotar a receita nos cadernos que eles costuraram. Assim, escrevemos, comemos, tecemos elogios à quem preparou a receita, conversamos mais sobre esses momentos juntos, de se reunir para comer.

Walter Benjamin, nos textos “Experiência e Pobreza” e “O narrador”, escritos por volta de 1939, nos alertava que: “a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna”. A experiência enquanto ato coletivo, calcada na tradição⁶⁸, é substituída pela experiência individual. Como observa Jeanne Marie Gagnebin;

Benjamin retoma a questão da “Experiência”, agora dentro de uma nova problemática: de um lado, demonstra o enfraquecimento da “*Erfahrung*” no mundo capitalista moderno em detrimento de um outro conceito, a “*Erlebnis*”, experiência vivida característica do indivíduo solitário; esboça, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a necessidade de sua reconstrução para garantir uma memória e uma palavra comuns, malgrado a desagregação e o esfacelamento social. (GAGNEBIN, 1987:9)

O pensamento de Benjamin continua sendo muito atual, vivemos em tempos de desenvolvimento rápido, progressista, calcado na inovação tecnológica, que não colabora para a capacidade humana de assimilação, “criando um abismo entre as gerações” (GAGNEBIN, 1987).

Na cozinha, não é diferente, cada vez mais nos afastamos desse espaço para o preparo dos alimentos. Proliferam os restaurantes à quilo, a comida de rua e os sanduíches rápidos, os alimentos industrializados, constrange-nos o tempo curto para realizar as refeições em casa, impedidos pelo trânsito caótico dos grandes centros urbanos e/ou pelo custo de transporte que inviabiliza o fazer comida e a refeição compartilhada.

A ascensão dos *fast-food* e o declínio da comida caseira também abalaram a instituição da refeição compartilhada por nos estimularem a comer coisas diferentes, com pressa e, muitas vezes sozinhos. [...] a refeição compartilhada não é algo insignificante. Trata-se de um dos fundamentos da vida em família, o lugar onde as crianças aprendem a arte da conversação e

⁶⁸ *Erfahrung*: experiência nos moldes da tradição: os indivíduos se orientam no mundo a partir de narrativas, máximas e provérbios que conferiam sentido e unidade em suas ações. Essa perdeu espaço para uma experiência regulada pela ciência, com ideal de certeza. “e pode ser compreendida como o solo onde nasce uma verdadeira *formação*, válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade” (MITROVITCH, 2011:35).

adquirem os hábitos que caracterizam a civilização: repartir, ouvir, ceder a vez, administrar diferenças, discutir sem ofender. (POLLAN, 2014:17)

Distantes do movimento de comer juntos, vamos nos afastando também de nosso sentimento de pertencer a um território, uma comunidade, nos afastamos de nosso núcleo familiar, de nossas casas, de nós mesmos.

... na medida em que se destrói a rica diversidade de experiências se empobrecem os processos de produção de saberes, de modos de pensar, de transmissão e aprendizagem dos costumes e tradições e do universo simbólico, na medida em que se impõe um modo único de realização do viver, sobretudo quando se precarizam as formas básicas do viver como humanos. Quando a cotidianidade do viver é subvertida se subvertem identidades, memórias. (ARROYO, 2012:75)

Sabemos que o lugar faz o vínculo. Realizar uma refeição em comum, em família, é intercambiar experiências, partilhar laços sociais; comer e cozinhar juntos reforça e/ou atualiza as relações sociais, comunicando valores, sentidos e identidades. A comensalidade, palavra derivada do latim *mensa* que significa comer à mesa e envolve não só o que se come, mas com quem se come, quando e como se come, é estruturante na organização social.

Além do comer à mesa, há outro momento de sociabilidade que está ligado ao preparo da comida. A alimentação revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado.

Todos esses rituais cotidianos, aos quais não se presta atenção, que são mais vividos que conscientizados, raramente verbalizados, são eles, de fato, que constituem a verdadeira densidade da existência individual e social [...] os pequenos rituais cotidianos confortam o sentimento de pertença, a impressão de fazer parte de uma comunidade. (MAFFESOLI, 1998:268)

A transmissão dos saberes culinários e os gestos cotidianos nos ajudam a recuperar pequenas narrativas. Cozinhar é um desses gestos, uma prática diária, um conhecimento que, junto da narratividade, está se perdendo na vida contemporânea. “A perda da arte de contar parte, portanto, do declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiam a existência de uma prática coletiva, de trabalho e tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem”. (GAGNEBIN, 1987:11)

Nesta tarde de quarta-feira, terceiro dia, bem no centro de nossa oficina, pois que ainda restam dois dias inteiros, finalizamos com a alegria do encontro à mesa e o prazer em comer juntos, compartilhando o pão⁶⁹ e as palavras.

Diante da cesta de pães já quase vazia, o espaço vai se esvaziando de pessoas e restam os voluntários que auxiliam na limpeza dos utensílios e depois, seguimos rumo às nossas casas.

Jorge Larossa, autor que tece elogio à experiência como via de acesso do homem a si mesmo e aos acontecimentos do mundo, passa por nossa casa e junto ao armário da copa, alcança uma xicrinha, toma do bule um café e mirando o sol se por, lembra-me que, sim, há outros modos de se produzir conhecimento, e se faz necessário que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA. 2002: 24)

Palavras que acredito, vivo e partilho, na relação entre tempo e espaço estendidos com as experiências de oficinas entre livros e comidas. Para a manhã do dia seguinte, para que nossas práticas diárias não se percam, nossas ações humanas não sejam adormecidas muito menos, esquecidas, ainda em torno das mesas, vamos falar sobre o cultivo e a produção dos alimentos. Para estimular nossa conversa nesse tema, iremos assistir a um documentário.

4.6 Comida: conhecimento empírico

Voltando no tempo e sobre outras formas de construir conhecimento, a cidade de Igarapé em Minas Gerais me proporcionou o encontro com muitas senhoras de lenços de algodão nos cabelos e uma simplicidade do cotidiano de cozinhar e lidar com a vida que ficará guardada para o resto da minha vida. Aprendizado singular. Lembro dos fogões à lenha, dos quintais com robustos pés de alecrim e erva-

⁶⁹ A palavra companheiro vem do latim: *cum panis*. Aquele com quem dividimos o pão. Aquele a quem confiamos a ponto de nos sentarmos com ele à mesa e dividirmos nossas ideias, vitórias, derrotas ou um simples pedaço de pão.

cidreira. As misturas de chás guardadas em vidros, que elas faziam para curar todos os males; do fígado, dor de cabeça, prisão de ventre.

Com elas aprendi a lavar e secar as folhas de *ora-pro-nobis* para não babar muito quando cozido. Do trabalho intenso que exige o umbigo de banana, ferventando e trocando a água várias vezes, já cortado fininho em tiras como se corta a couve. De tirar o excesso de gordura fritando as carnes de porco e deixar escorrer antes de preparar o feijão tropeiro e a feijoada também. Elas tinham sempre um jeitinho cuidadoso de reduzir o sal, a gordura, o açúcar, a quantidade de ovos. Uma sabedoria simples, portadora de pequenas histórias, que encontramos no espaço da cozinha cotidiana, é o que nos interessa aqui. A legitimação de um saber vivo, em movimento, presente em nossos encontros; conhecimentos incorporados, enraizados.

Convém, portanto, restituir às diversas expressões desse senso comum seus foros de nobreza, e assumi-las intelectualmente. É isso o interesse de uma razão sensível que, sem negar fidelidade às exigências de rigor próprias ao espírito, não esquece que deve ficar enraizada naquilo que lhe serve de substrato, e que lhe dá, afinal de contas, toda a sua legitimidade. (MAFFESOLI, 1995:161)

Sabedoria popular, de senso comum. Os saberes dessas senhoras, muito pacatas, com seus lencinhos na cabeça, de uma simplicidade misturada com cuidado e bom senso. Quão importantes foram nossos encontros culinários; descobertas para mim, redescobertas para elas. A sabedoria dessas mulheres e de minhas avós, das experiências vividas com elas, não há livro capaz de prover esse conhecimento.

Saber e sabor têm a mesma origem, do latim *sapere*, que significa “ter sabor” ou “agradar ao paladar”. Nesta direção, os sentidos de ter conhecimento e ter sabor se cruzam. Frei Betto é quem chega para prosear conosco à mesa e nos diz:

Sabor e saber provêm da mesma raiz. Um não pode ser preservado sem o outro. Sem a sua natureza litúrgica, a mesa perde o seu caráter de espaço onde também os nossos espíritos se nutrem através do diálogo. Por isso, pior do que comer depressa é comer sozinho. Comer é comunhão. (BETTO, 2003)

Comer juntos é reforçar nossos vínculos, pois ao compartilhar da comida, partilhamos ainda, sensações. A experiência compartilhada nesse convívio entre livros e comidas como possibilidade de trans-formação do conhecimento – abertura de sentidos, sentidos do corpo e sentidos que colocamos ao que fazemos e criamos, também na transformação do alimento em comida. É nesse sentido que seguimos a

caminhar, nutrindo as relações que estabelecemos; nossos vínculos afetivos e sociais.

4.7 Cozinhar: resistir

Na manhã do quarto dia, nosso assunto em torno da comida ganha um tom mais grave. Dou uma rápida explanação sobre o filme que iremos assistir nos próximos 50 minutos.⁷⁰ Durante a exibição, os corpos ficam atentos e normalmente aparece um aluno que prepara uma pipoca para acompanhar; atos sociais que alegam o paladar e descontraem a breve sessão de cinema.

O documentário que vemos nos deixa incomodados, inquietos nas cadeiras. Alguns ficam perplexos com o volume absurdo de agrotóxicos usados na produção de alimentos brasileira,⁷¹ que além de favorecer as grandes empresas e a monocultura, faz crescer o endividamento dos agricultores e o adoecimento de suas famílias, sem contar, o envenenamento a que todos nós, consumidores, estamos sujeitos. É o momento de um debate interessante no nosso espaço. Escuto mais do que falo, quero ouvir o que eles têm a dizer a respeito. Alguns dizem que é assim mesmo, que não tem como alimentar a população se não tiver o veneno, que tem muita praga na plantação, que dá prejuízo para o agricultor; o que outros já vão logo atravessando duramente a fala e perguntando: e o nosso prejuízo? E a nossa saúde como fica?

Momento importante de reflexão sobre o envenenamento na mesa. Estamos acalorados, os volumes de voz aumentam; é momento de intervir, acalmar, debater sem discutir, refletir juntos: como e o que fazer diante disso?

Surgem as conversas sobre os alimentos cultivados em casa, as feiras nos bairros, as hortaliças de um vizinho. Sobre a agricultura orgânica. Descobri nos últimos dois anos que é possível plantar sem venenos, na prática. As minhas visitas a um sítio nos arredores de Pelotas, de produção orgânica, comprovaram o que eu já intuía.⁷² O controle de pragas pode ser feito equilibrando os minerais no solo e

⁷⁰ Este documentário nos alerta sobre o uso constante e indiscriminado dos fertilizantes e inseticidas e ainda sobre a possibilidade de plantio sem venenos e chama-se: *O veneno está na mesa*. Produção de Silvio Tendler, 2009. Em 2014, o documentarista lançou: *O veneno está na mesa II*, seguindo a temática do abuso no uso de agrotóxicos no plantio, as sementes e os alimentos transgênicos.

⁷¹ Atualmente, no Brasil são despejados mais de um milhão de toneladas de agrotóxicos por ano nas plantações o que confere mais ou menos, cinco quilos por pessoa ao ano.

⁷² As visitas semanais ao Sítio Oásis localizado em Capão do Leão, surgiram a partir do projeto de ensino e extensão da Faculdade de Nutrição e Gastronomia chamado “Resgate da memória culinária

também plantando outras espécies que afastam insetos causadores de doenças na plantação. Há espécies de flores e temperos, que, por seus cheiros podem atrair ou repelir. Aconteceu de aparecer uma praga e não conseguirem salvar a horta e daí, fazer o quê... Faz parte, é da natureza, tem seus ciclos, às vezes, acontece... Mas, a terra oferece com muita fartura e o que ela oferta alimenta toda a família do sítio, além do que eles comercializam semanalmente, ofertam aos amigos, trocam com familiares e vizinhos e comigo, que toda sexta-feira, trazia para minha casa uma cesta de hortaliças, repleta de cores e cheiros, de vida.

Na oficina conversamos também sobre o lixo orgânico, como melhorar a qualidade da terra produzindo húmus e que um pedacinho de terra em casa pode produzir temperos; eles comentam que viram na internet opções de plantio em garrafas pet penduradas na parede, contam da experiência de uma professora de artes que criou uma horta com seus alunos na escola e que as merendeiras utilizam algumas hortaliças de lá para fazer um suco ou para acrescentar na comida. As histórias vão surgindo, nós já estamos mais próximos uns dos outros, temos mais liberdade em conversar e trocar experiências. Mudar nossos hábitos de consumo, como podemos alterar isso no nosso dia-a-dia? Com essa pergunta, peço que escrevam uma lista de alimentos que costumam consumir e onde comprem esses alimentos. Pensem em todas as refeições do dia. O que comem, onde comprem cada um deles. Bom, há alunos que não sabem onde eles são comprados, não são responsáveis por isso em casa, mas, o que comem, sabem, portanto, esse é nosso movimento agora, listar o quê e onde compramos o que comemos, assim, começamos a pensar outras possibilidades para a nossa alimentação.

Da cozinha de nossa casa-livro percebemos que o sol já se faz alto, e o ronco na boca do estômago anuncia que é hora de descer ao quintal, buscar umas folhas de couve, colher umas cenouras e umas beterrabas, quem sabe, passar pelo galinheiro, encontrar uns ovos, subir pelo lado das cercas de bambu e colher uns chuchus que estão por ali pendurados e trazer também umas dalias e galhos de manjerição para enfeitar e perfumar a mesa. Subir novamente a escada que dá na

do produtores familiares do extremo sul gaúcho”, sob coordenação da professora Eliana Bender. Conhecemos quatro produtores no entorno da cidade de Pelotas, um deles, o Sr. Cláudio Duarte e sua esposa Nilda. O projeto fez apenas uma visita, eu voltei semanalmente durante dois anos, só me ausentando durante as viagens à Minas Gerais e à Fazenda Capão Alto das Criúvas, de agricultura biodinâmica, vivências que ocorreram durante o curso de mestrado e foram fundamentais em meu pensamento ético a respeito de plantio e os ensinamentos saborosos de Nilda Duarte na cozinha durante o processamento e transformação dos alimentos da horta.

cozinha e se lançar na transformação do alimento, começar a preparar a comida que o intervalo para o almoço já chegou.

Movimento raro das grandes cidades, quase uma imagem onírica, poder colher o alimento do seu quintal ou da sua horta. Sabemos que eles existem (resistem), mas, são poucos. Ainda. Esse movimento da oficina nos leva a pensar sobre onde vivemos e estamos, de onde vem o nosso alimento, em qual estação do ano estamos. Importante movimento de ver o tempo, pelo cultivo dos alimentos que se oferecem com fartura durante a sua época, o que, conseqüentemente diminui o valor no mercado e nas feiras. Michael Pollan, escritor em defesa da comida, nos diz que “O ato de cozinhar tem o poder de transformar mais do que plantas e animais: ele também nos transforma de meros consumidores em produtores. Modifica a relação que temos entre a produção e o consumo”. (POLLAN, 2014:27). Eu diria também que modifica nossa relação com o tempo.

Em um mundo em que tão poucos ainda são obrigados a cozinhar, optar por fazer isso é como protestar contra a especialização, contra a racionalização total da vida. Alertando para a alienação de um ato vital e cultural (a transformação dos alimentos em comida) e “contra a infiltração dos interesses comerciais nas esferas mais íntimas de nossas vidas”. (POLLAN, 2014:28). Pollan reitera que

A comida ficará abstraída de seus vários contextos: do trabalho das mãos humanas, do mundo natural das plantas e animais, da imaginação, da cultura e da comunidade. E de fato, a comida já está a caminho de se transformar nesse éter da abstração, em vias de se tornar mero combustível ou pura imagem. (POLLAN, 2014:20)

Por esse caminho, sabemos, não pretendemos seguir, o que nos coloca em alerta agora é onde e como consumimos, o que podemos mudar em nossa responsabilidade diária de viver, em um compromisso de preservar um bem cultural, que constrói identidades e as legitima que é a comida. Quem sabe o caminho será renovar os hábitos de consumo, priorizar o convívio nos espaços das casas, nas cozinhas e buscar nas artes e gestos de nossas mãos um canal para ampliar esse e outros conhecimentos?

Assim, construiríamos um tempo/espço para a experiência e conseqüentemente para as narrativas de cozinha e de vida, deixando para os que virão a possibilidade de sonhar. Sabendo-se pertencente a um grupo, a uma comunidade, a um núcleo familiar, carregando consigo suas tradições, rompendo ou não com elas.

5 COSTURAR

*A alma é invisível, um anjo é invisível, o vento é invisível,
o pensamento é invisível e, no entanto, com delicadeza,
se pode enxergar a alma,
se pode adivinhar o anjo,
se pode sentir o vento,
se pode mudar o mundo com alguns pensamentos.*
Goethe

5.1 Alinhavando o pensar

Costuro papéis criando pequenos cadernos, futuros diários de bolso ou agenda de anotações – a função que ele terá, será determinada pelo possível dono, para quem se apropriar dele e fizer uso, são páginas em branco encadernadas pelas minhas mãos que irão cair em outras mãos a escrever. Esta pequena tiragem de oito exemplares está sendo feita com materiais restantes de oficinas, papéis diversos para miolo, guarda e capa e tiras de uma napa bem fininha que ganhei há algum tempo, umas miçangas peroladas e linha preta. Enquanto costuro papéis fico a pensar a pesquisa, afinal, essa é uma das ações nas oficinas: costurar.

No quarto de costuras, quando criança, ganhei uma máquina de costura infantil que funcionava a pilha junto de uma caixinha com uma dúzia de linhas coloridas. Sobre um malão gigante de madeira, aprendi a costurar com minha avó Juracy, a avó da cidade que, antes de ser datilógrafa foi costureira, além de fazer muitas colchas de retalhos para nós, fazia vestidos e batas; batas com tiras bordadas, sianinhas,⁷³ passa-marias e fitas.

Eu me lembro de uma bata amarela com fitas cor de rosa e azul céu e uma tira bordada com flores nesses mesmos tons, além de uma renda fininha e branca dando acabamento nas mangas. Esse cuidado dela com os detalhes, os caprichos, que tanta diferença fez e faz na minha vida hoje adulta, foi importante aprendizado em minha formação. Ainda guardo também a caixa de costuras em madeira com uma rosa marchetada, que herdei dela. Herança no aprendizado e do objeto que

⁷³ Sianinhas são fitas em formato ondulado, utilizadas no artesanato com tecidos e para enfeitar as roupas, sobretudo em roupas de festas juninas.

hoje, guarda minhas linhas, botões, agulhas e adorna e se faz presente na sala da casa.

Enquanto costuro, penso que as escolhas de cada próximo furo que farei no papel, deixa um traço, uma linha. A linha cria desenhos, algumas imagens surgem e convidam a outros caminhos, rumo a outros passos, sem me ater às formas. Assim eu construo meu pensamento: costurando. E não será assim mesmo que ele se faz? Assim eu construí esse pensamento a respeito do que acredito como um espaço/ tempo educativo; onde se faz livros e comidas, se pensa e repensa a vida, a partir da leitura, da escrita e da memória e se constrói conhecimento juntos através do sensível e da arte. E o cuidado que é necessário ter é não transformar essas práticas em métodos (tão recorrente em nossas pedagogias...) porque elas são tempo e espaço em movimento.

Diante da necessidade de proporcionar momentos de convívio, de tempos e espaços de educação que se contraponham aos modelos atuais de formação, a memória se constitui como espaço de um fazer, na responsabilidade com a construção de nossas identidades.

Faz-se necessário rememorar. Requer uma volta ao passado, não para se fixar nele de forma nostálgica, mas para lembrar o que foi esquecido e negado, recalcado no tempo presente, quem sabe, para encontrar outros significados. Essa rememoração do passado se dá em função da transformação do presente.⁷⁴ Próprio à estrutura da memória, por meio do ritmo dialético entre restauração e criação, a construção da história se faz possível.⁷⁵ Educação como travessia, viagem, experiência, possibilitando outras maneiras de estar juntos. Outros modos de se pensar a educação, uma possível ação transformadora, viva e criadora, outros sentidos para pensá-la.

Nesses espaços/tempo em busca da experiência de ser, permitimos que uma comunicação se estabeleça, que uma história possa contar-se, ainda que precariamente _ ou melhor, justamente porque é precária _ permitir que um sentido possa brotar, significar, construir um lugar-comum, uma história coletiva.

Cada grupo afirma sua diversidade, seu fazer cultural próprio. Vão imprimindo esses gestos e preenchendo o espaço de rituais, cotidianos e coletivos, em experiências carregadas de afeto e que ficam impregnadas na memória. As oficinas

⁷⁴ *Eingedenken*: conceito benjaminiano de rememoração.

⁷⁵ Baudelaire: o trabalho da memória: "esforço retrospectivo da imaginação".

proporcionam esse reconhecimento de práticas coletivas e valorização dos saberes, seus processos de criação, tradição, ruptura e continuidade. Nesses espaços de educação por uma razão sensível, cada um, se atento estiver por aqui, passa a reconhecer o gesto como um saber.

Não há mais que se procurar o sentido no longínquo ou num ideal teórico imposto do exterior ou em função de um sistema de pensamento, mas, isto sim, vê-lo em ação numa subjetividade comunitária, o que requer que se leve a sério o sensível, quanto mais não seja para dar-lhe fundamento racional. Isso se traduz na recusa a opor os fatos afetivos e os fatos cognitivos mas, em vez disso, **reconhecer a dinâmica que os une sem cessar**. Dinâmica em ação na vida social, dinâmica que deve se encontrar, de fato, **no ato de conhecimento**. (MAFFESOLI, 1998:300 – Grifos meus)

Dinâmicas existentes nos processos culinários enquanto poéticas necessárias à formação, sensibilização e transformação humanas. Existe aí nesse movimento criativo e arcaico da cozinha um conhecimento de gestos cotidianos que não pode ser descartado ou esquecido.

Simples são esses gestos. E quão libertadores, sabemos, podem ser esses gestos simples. “Através do interesse e do cuidado que se tem com a comida, no leque de prazeres que nos permitimos ou nas restrições que nos impomos, se lê e se traduz em atos visíveis a relação que mantemos com o nosso próprio corpo e com os outros” (CERTEAU, 1996:259). Cuidado consigo, com o outro; “de servir sabor a quem amamos”. (LISBOA, 2006:49)

Chegado o último dia de oficina, é o momento de eles mostrarem o que sabem (também o que já sabiam) e o que aprenderam na cozinha, pelos livros e receitas trocadas durante a semana. São eles que estão a me ensinar agora, eu, ali para auxiliar, somente. O propósito para esse quinto dia é a preparação de um almoço e a organização de uma pequena exposição dos cadernos, momento também de posarmos juntos para alguns registros. É o dia d’*A Festa de Babette*.⁷⁶ Celebração à vida e ao amor por ela. O filme fica como sugestão para eles buscarem assistir. Se ainda tivéssemos tempo, valeria assistirmos juntos e nos encantar com o amor empenhado pela artista ao preparar e servir um jantar aos velhos de um povoado dinamarquês, que a acolhe, foragida de guerra. Sobrevivente

⁷⁶ Filme dinamarquês, realizado em 1987, pelo diretor Gabriel Axel, com roteiro baseado no célebre conto de mesmo nome de Karen Blixen. A escritora ficou conhecida mundialmente pelo livro *A fazenda africana*, publicado em 1937, baseado no período em que ela viveu no continente africano. Em 1985, o livro foi adaptado para o filme com o nome de *Out of Africa*, traduzido no Brasil por *Entre dois amores*, sob a direção de Sydney Pollack e tendo como atores principais Meryl Streep e Robert Redford. Tanto *A Festa de Babette* quanto *Entre dois amores* são maravilhosas produções.

que nada tem e que tudo pode dar, Babette oferece o melhor de si. Gabriel Axel provocou generalizada comoção em seus espectadores pela delicadeza com que trabalha a questão da solidariedade humana e da possibilidade do encontro amoroso. Reencantamento, comemoração. Com muitos livros sobre as mesas, todos os cadernos de receitas prontos, alguns ainda estão a trocar receitas e anotar trechos dos livros lidos, daqueles que lhes apeterceram mais; para ficar registrado na memória do corpo e no corpo do caderno. É momento também de tertúlia, de leituras em voz alta, pois que já estamos mais afinados com as palavras e podemos também convidar amigos e familiares, realizar um grande encontro em torno da mesa e das comidas que iremos preparar juntos. Assim, encerramos nossa oficina, na comunhão do encontro. Assim, vou encerrando também essa escrita.

5.2 Por uma Outra Pedagogia

Creio nas práticas das oficinas como esses espaços de quebra de paradigmas por somar-se a outros espaços/tempo educativos que buscam legitimar outros modos de construção de conhecimento, outras epistemologias. Santos, nos esclarece

Porque todo conhecimento é autoconhecimento, o conflito epistemológico desdobra-se num conflito psicológico entre a subjetividade moderna e a subjetividade pós moderna. [...] para o velho paradigma, a ciência é uma prática social muito específica e privilegiada porque produz a única forma de conhecimento válido. O novo paradigma constitui uma alternativa a cada um desses traços. Em primeiro lugar, nos seus termos não há uma única forma de conhecimento válido. Há muitas formas de conhecimento, tantas quantas as práticas sociais que as geram e as sustentam. (SANTOS, 1999:283)

Os gestos, as ações ampliadas de significado e singularidades potencializam o espaço e dinamizam o tempo. O desejo é de ampliar os gestos, ampliar o tempo, sentir o tempo, ver o tempo. Entre um fazer e outro há o espaço para a palavra. Conversamos, trocamos orientações de como fazer e ampliamos, estendemos o tempo do fazer e seguimos nos auxiliando uns aos outros. “O novo paradigma propõe-se revalorizar os conhecimentos e as práticas não hegemônicas que são afinal a esmagadora maioria das práticas” (SANTOS, 1999: 283).

Entendendo o ato de cozer como prática social relevante (fundadora do ser social), sabemos que o preparo da comida de um determinado lugar e o seu fazer em uma comunidade com um pequeno grupo, afasta um pensamento globalizante e

pasteurizador,⁷⁷ uma vez que apresenta uma diversidade cultural e prioriza as ações no tempo, com alimentos de cada época e local. Cozinhar nos convida a uma consciência e uma ética.

...os trabalhos cotidianos da cozinha parecem, na esfera privada, totalmente votados à repetição, de estrutura arcaica, um saber ligado a códigos sociais, bem antigos, estabilizado em velhas formas de equilíbrio, isto é, num agregado obscuro e pouco racional de preferências, de necessidades e de costumes recebidos. [...] Entretanto, examinadas em detalhe, as práticas atuais se revelam consideravelmente modificadas desde o século XIX, em razão da mudança geral do modo de vida. (CERTEAU, 1996:271)

Para que nossas práticas cotidianas não se percam, nossas ações humanas não sejam esquecidas, sobretudo, nossos vínculos coletivos e afetivos. “Cada um de nós tem o poder de *apoderar-se* de uma parte de si-mesmo. Por isso os gestos, os objetos, as palavras que vivem no cotidiano de uma simples cozinha também tem tanta importância”. (CERTEAU, 1996:286 – Grifos do autor)

Arroyo (2012) em seu trabalho sobre “Outros Sujeitos, Outras Pedagogias”, atenta para a história de outras formas de produção de conhecimento, desses outros sujeitos, os trabalhadores do campo, indígenas, quilombolas, das periferias, os grupos populares, reconhecendo nesses sujeitos uma diversidade de saberes e produção de saberes que não são reconhecidas pelas teorias pedagógicas, tornando os coletivos populares, invisíveis. “Decretar os Outros inexistentes para o conhecimento faz parte das pedagogias de sua inferiorização histórica, intelectual e cultural” (ARROYO, 2012: 64). Acrescentando ainda que

A questão a ser repensada é se as pedagogias construídas do lado de cá para tirar os coletivos populares da ignorância, irracionalidade, da falsa consciência, não operam também nessas distinções, não partem dessa invisibilidade e invalidade de suas formas de conhecer a serem superadas com pedagogias cognitivistas, conscientizadoras, críticas. Quando se reconhece que há saberes, cultura, valores, formas de pensar nesses coletivos, apenas são reconhecidos como matéria-prima para, ultrapassados, chegar ao conhecimento válido, crítico, consciente. Chegar à norma culta. (ARROYO, 2012: 64)

Quando se aproxima e se conhece, reconhece o outro, pelas diferenças e também nas idiossincrasias. Os conhecimentos desses coletivos diversos e as formas de saber, quando são reconhecidos, dão à vida, dignidade.

⁷⁷ A globalização tem contribuído para a hegemonia das culturas alimentares e consequente individualização do comportamento alimentar. De acordo com Boaventura de Sousa Santos, o *fast food* é um dos exemplos de como um fenômeno local se torna globalizado com sucesso. O localismo globalizado ocasiona sérios impactos ecológicos, econômicos, históricos, sociais e culturais, principalmente, para os países em desenvolvimento.

A cultura, os valores, os símbolos, as linguagens não são meros produtos do trabalho. O trabalho, a terra, toda atividade produtiva é atividade cultural e a cultura é ela mesma atividade produtora. [...] produtora de humanos. A cultura é também princípio educativo, matriz formadora inseparável do trabalho, não mero produto do trabalho. [...] Os atos humanos de preparar a terra, cultivar, colher e preparar o alimento são formas de reproduzir a existência. (ARROYO, 2012:101)

São sujeitos de uma cultura, de uma região com seus hábitos e rituais, em seu cotidiano, seus modos de ser e fazer, sua diversidade.

[...] reconhecer a diversidade cultural que coloca na agenda política e pedagógica a presença de coletivos diversos, seja como educandos, seja como movimentos sociais, culturais exige o reconhecimento da diversidade de experiências, de mundo, de pensamentos, de saberes, de formas de pensar. A diversidade epistemológica. [...] Reconhecer a diversidade cultural como diversidade epistêmica repolitiza o campo da cultura e do conhecimento. (ARROYO, 2012:114)

Como Arroyo, Santos e outros que pensam em torno de uma pedagogia crítica e atenta à necessidade de transformação; creio cada vez mais ser possível e desejável trabalhar assim, nos ocupando com Outras Pedagogias para além dos limites consagrados pelo paradigma cartesiano.

Propondo a abertura para novos, outros paradigmas, (ou sem paradigmas) se contrapondo à hegemonia do capital e monopólio de concepções mecanicistas na área da educação. Acreditando que “O direito a saber-se é o primeiro direito ao conhecimento” (ARROYO, 2012: 250).

Atualizando o pensamento de Walter Benjamin, educar, poderia ser: “ensinar a sonhar sonhos coletivos”. O que exige a retomada do passado, valorizando as histórias de cada um para além de suas particularidades, reconhecendo a diversidade de saberes e práticas sociais.

6 ABERTURAS DA CASA-LIVRO

Pelas portas e janelas dessa casa-livro, os ventos de maio refrescam as manhãs e a mente, abrindo espaço para as reflexões da pesquisadora.

Os caminhos da pesquisa à dissertação, além de me fazerem pensar as práticas das oficinas, me reaproximaram de pensadores com os quais eu já flertava, sim, no sentido mesmo do flerte, algo ainda na superfície, mas, de um encantamento e de uma admiração constante, uma intuição amorosa por suas obras e reflexões humanamente importantes para nós, para nós que pensamos a educação, o ser humano e a sua condição.

Se há algo que aprendi durante essa pesquisa e sua escritura é que ainda estou a aprender e aberta a isso. Abertura mesma do livro⁷⁸ que iniciou toda essa trajetória. O que ele fez foi abrir caminhos. Abriu diversas portas, abriu para reflexões, memórias, outras inspirações; abriu possibilidades, encontros, viagens, desvios. E isso não é próprio do objeto, livro?

Abertura (como as mãos e o sujeito da experiência benjaminiana) também que alguns textos, ao lê-los, nos acometem e nos expõem. Essa é a postura diante do caminho que sigo trilhando. Nesse caminho conheci outros que partilham dos mesmos trilhos; pensadores do século XX, homens sensíveis ao mundo e ao ser humano, histórias de vida singulares (como a de cada um de nós), pensadores únicos. Tão importantes seus pensamentos e suas teorias de abertura a uma nova e possível (necessária e urgente) maneira de se fazer e pensar a ciência, e também, de se pensar a educação. Sem negar os sentimentos, sem adormecer ou negar os sentidos. Pensando o ser humano em desenvolvimento e criação de si, sempre em processo, cultivando a si mesmo e cuidando o mundo.

Abre-se a possibilidade de despertar para outros modos de ver, outras maneiras de estar juntos, instaurando outros tempos (estendidos) e espaços que se contrapõem aos modos atuais e hierárquicos da educação vigente, longe de uma reprodução e totalização abstratas. Um espaço mais humano e vivo, “que repouse sobre a consideração do sensível [...] algo que não tenha a brutalidade da razão instrumental” (MAFFESOLI, 1995:115)

Nesses espaços humanizadores, vivenciamos a potência da experiência criativa e coletiva. Temos liberdade nas ações propostas: ler, escrever, cozinhar, costurar, não necessariamente ordenadas assim, entremeadas, entrelaçadas, ora

⁷⁸ **Memória Culinária: Coisa de Vó**, Belo Horizonte, 2005.

individuais, ora coletivas. Escrevemos, lemos, costuramos, inventamos, mas com intenções claras, objetivas: fazer escrever, fazer cozinhar, tomar o gosto pela leitura, criar espaços de abrigo para as escritas nas costuras dos papéis. Mente, alma e corpo e nossos membros tão aptos a entrar em contato com o mundo: nossas mãos, que, junto de imaginação e vontade, criam muito, criam os livros ou criam mesmo quase tudo.

Essas são ações principais associadas a outros gestos: cortar, tecer, dobrar, picar, reler, ouvir, reescrever, lembrar, rememorar, misturar e, além de construir pensamentos comuns, a possibilidade de criar e contar nossas e outras histórias. “Pois que a vida social em sua integralidade está imersa numa atmosfera estética,⁷⁹ é feita antes de mais nada e cada vez mais, de emoções, de sentimentos e de afetos compartilhados.” (MAFFESOLI, 1995: 172).

Aproximei-me de minha prática, me apropriei e me distanciei dela⁸⁰. Compreendo que o exercício de descrição das oficinas, do passo-a-passo, bem ao modo de uma receita culinária, me fez rever, acrescentar e alterar o necessário para temperar melhor os encontros, futuros. Isso para mim é conhecimento, em processo. Observo, paro para pensar, para lembrar, lembrando, pensando e escrevendo sobre ela; a experiência, reescrevo, refaço, reedito, repenso, altero, crio, sempre em processo. Isso para mim é formação. Pensando o indivíduo em desenvolvimento e criação de si, cultivando a si mesmo⁸¹ e porque não dizer, se auto-educando.

E por tudo que tive a oportunidade de aprender e conhecer até hoje e ainda tenho; sem me distanciar da poesia que é viver; que eu gostaria de ingenuamente dizer: eu quero que outros também possam ter essa oportunidade de aprender e conhecer mais de si, do outro e do mundo.

⁷⁹ “Deve-se entender estética aqui, em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente. Coisas que permitem a cada um, movido pelo ideal comunitário, sentir-se deste mundo e em casa neste mundo” (Idem:137).

⁸⁰ “... é necessário jogar com a distância, aproveitar todas as profundidades, compreender que a perspectiva é solidária de uma dinâmica do olho, que nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha...” (BACHELARD, 1991: 95)

⁸¹ Esse movimento expressa a característica essencial do conceito de formação moderno: o cultivo de si; tal princípio relaciona-se com a elevação da interioridade do sujeito em direção a sua autonomia, ou seja, a formação (*Bildung*) como evolução e elevação em direção à universalidade é, pois, a tarefa humana por excelência. (MITROVICH, 2011). Para uma definição desse conceito, consultar também o artigo: “A idéia de formação na modernidade” (1997, p.14-15), de Willi Bolle. Segundo o autor: “o conceito moderno de *Bildung* surgiu na Alemanha a partir de fins do século XVIII. É um conceito de alta complexidade, com extensa aplicação nos campos da pedagogia, da educação e da cultura, além de ser indispensável nas reflexões sobre o homem e a humanidade”.

Na verdade, a grande utopia da casa-livro, espaço imaginário, é de tornar essa experiência que é individual, da educadora/pesquisadora para o coletivo, para que outros tenham acesso à sensibilidade, à sua imaginação, à tomada de consciência que leva à escolhas éticas diante da vida. Construí um espaço/tempo para a experiência dessa escrita de pesquisa, a casa-livro, e conseqüentemente para as narrativas de cozinha e de vida, deixando para os que virão, a possibilidade de sonhar.

6.1 O descortinamento da casa-livro

As oficinas descritas aqui são reais, mas, não ocorreram exatamente dessa maneira, parecendo uma receita de bolo com ingredientes, modo de preparo e prato final. Método é também desvio. O importante é ressaltar que, nos improvisos (e desvios) da cozinha, toda receita precisa de outras substâncias, que, acredito eu, são fundamentais para quem se dispõe a educar e cozinhar: inspiração, intuição e imaginação. Diante disso, as oficinas descritas foram reinventadas, compostas a partir de fragmentos de diversas oficinas realizadas em dez anos de atuação como educadora.

Aqui as re-criei, ao debruçar-me sobre a memória das experiências vividas nelas, assim como fazem (ou faziam?) nossas avós ao transmitirem receitas possuindo certa intimidade com os ingredientes e com os utensílios, nos improvisos e invenções da cozinha. Requerendo pouco dos cadernos de receitas, seus gestos nos mostram o que querem e como podem nos ensinar.

Receita de bolo e receita de ensinar, para dar certo, não é fazer igual ao que está escrito/descrito. Cada um tem o seu modo de preparar, de temperar e nutrir os espaços de educação.

Do mais remoto dos tempos nos vêm as artes de nutrir, aparentemente imóveis numa curta duração, mas na verdade profundamente remanejadas em sua longa duração. A aquisição dos ingredientes, a preparação, a cocção e as regras de compatibilidade podem muito bem mudar de uma geração à outra, ou de uma sociedade à outra. Mas o trabalho cotidiano, das cozinhas continua sendo uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura, instante presente e passado que já se foi, invenção e necessidade, imaginação e tradição – gostos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, atos, gestos, movimentos, coisas e pessoas, calores, sabores, especiarias e condimentos. As boas cozinheiras jamais são pessoas tristes ou desocupadas. Elas trabalham para dar forma ao mundo, para fazer nascer a alegria do efêmero... (CERTEAU, 1996:296-297)

A gente não quer só comida... Eu tenho fome de sensações, de experiências sensíveis através da arte que colocam o ser humano em movimento consigo mesmo e com os outros, percebendo as singularidades de cada um, nutrindo uma relação de amizade e respeito, caminhando para a transformação e desenvolvimento necessários a cada ser, possibilitando através de uma educação consciente de meu estar no mundo, outra intenção, capaz de despertar os corpos para o convívio, pela comida e seu preparo, através dos livros e sua potência transformadora.

Autonomia, reconhecimento de si e do mundo. Valorização dos gestos cotidianos e formadores, transformadores. Contra a hegemonia do poder/saber, utilitária e mecanicista. Questão Ética. Função Estética. Razão Sensível. Aí os preceitos (ingredientes?) de uma Pedagogia, Outra. E você, tem fome de quê?

6.2 As descobertas sobre a mesa da pesquisadora

*Lua azul, lua azul turquesa, já que a casa está vazia
vem me fazer companhia na janela da cozinha...*

A casa-livro é expressão e invenção da educadora/artista/pesquisadora, do que foi pensado na pesquisa em processo, é a construção do pensamento, por justaposições e colagens, das citações.

A perspectiva de escrita surrealista, proposta por Clifford e assumida por mim, durante o trabalho de pesquisa, pressupôs compreender que a etnografia; por ser uma atividade híbrida, pode pensar a cultura pela metáfora da escrita. Considerando esta singularidade é que encontrei um possível caminho na escrita surrealista para acessar o universo dos temas referentes ao *corpus* da pesquisa que realizei, ou seja, o desafio de articular comida, memória e escrita no diálogo com a minha experiência, e os desafios no campo da educação (articulados ainda com a literatura por opção (e paixão) e formação específica).

Nesta perspectiva, seguindo Clifford, assumi o surrealismo num sentido expandido, como uma “estética que valoriza fragmentos, coleções curiosas, inesperadas justaposições”. Tudo o que de alguma forma provoca o extraordinário como manifestação da realidade, “com base nos domínios do erótico, do exótico, do inconsciente” (CLIFFORD, 2002:122).

O termo etnografia, tal como o estou usando aqui, é diferente, evidentemente, da técnica de pesquisa empírica de uma ciência humana que na França foi chamada de etnologia, na Inglaterra de antropologia social, e na América de antropologia cultural. Estou me referindo a uma predisposição cultural mais geral, que atravessa a antropologia moderna e que essa ciência partilha com a arte e a escrita do século XX. O rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação participante entre os artefatos de uma realidade cultural tornada estranha. (CLIFFORD, 2002: 125)

Acredito que estranha tornou-se a nossa cultura, empobrecida em experiências compartilhadas e narrativas orais. *Desfamiliarizada* é o termo que estava no texto em espanhol e que Clifford designa para dizer da atual realidade cultural, distante de nós mesmos. Conviver e preparar a comida, transmitir receitas e modos de preparo, comer juntos, contar histórias, sentar juntos à mesa e partilhar de um pão; são experiências raras no mundo moderno que vivemos.

Pude perceber, diante do texto de pesquisa, que me coloquei como uma participante observadora, (Clifford, 2002), por estar muito próxima do meu objeto de pesquisa, caminhei junto dele durante a escrita, por meio do texto descritivo e atento como cabe a um observador. Eu, educadora, iniciante a pesquisadora, cozinheira, editora, percebo ao final que habitei essa escrita de pesquisa como observadora atenta a tudo isso que sou e vivo.

Observadora cuidadosa com o que construímos durante esse fazer nas oficinas de memória culinária a partir dos gestos culturais de ler, escrever, cozinhar e costurar. Construção que almeja uma transformação da experiência daquilo que se busca ao optar pelo viver em conjunto, o *con-viver*. Ou ainda, a *dangerosíssima* viagem de si a si mesmo, no coração da vida humana, como já nos disse Drummond (1978) no poema *O homem, as viagens*.⁸² Pelos rumos que a palavra poética conduz, fui traçando a escrita sobre as práticas das oficinas, sobretudo porque acredito que é pela palavra escrita, lida, ouvida, vista, que as oficinas sucedem, procurando reencantar.

Através de um determinado campo conceitual o surrealismo pode ser considerado um “movimento de revolta do espírito” ou ainda “Uma tentativa eminentemente subversiva de reencantamento do mundo, isto é de

⁸² “[...] “Restam outros sistemas fora do solar a colonizar / Ao acabarem todos só resta ao homem (estará equipado?) a difícilima/ dangerousíssima viagem / de si a si mesmo: pôr o pé no chão do seu coração/ experimentar / colonizar / civilizar / humanizar o homem / descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas a perene/ insuspeitada alegria de con-viver”. (ANDRADE, 1978:22) Conseguiremos? Seguiremos tentando dominar o mundo? O que nos domina, o que pretendemos dominar? Pretendemos? Porque será que o poeta pensa e escreve que essa viagem é das mais difíceis?

restabelecer, no coração da vida humana, os momentos “encantados” apagados pela civilização burguesa: a poesia, a paixão, o amor-louco, a magia, o mito, o maravilhoso, o sonho, a revolta, a utopia”. (LÖWY. 2002: 09)

Nesse contexto cabe ainda registrar que a metodologia foi um termo tomado por mim de modo mais livre do que o sentido moderno atribuído ao método. Assumi este trabalho conferindo o mesmo modo de uma receita culinária marcada pela oralidade, que não se prende a cadernos e medidas, mas compreende a existência de um passo-a-passo, um certo modo de caminhar: de imaginar, inspirar e intuir.

Buscando propiciar uma possível análise das Oficinas de Memória Culinária, tentei evidenciar sua complexidade (humana), sua diversidade (cultural), sua permanente indeterminação e as perspectivas que se abrem neste tipo de prática, e que teimosamente parecem-me infindas. Procurei que o texto de pesquisa comportasse diversas possibilidades de leitura e solicitasse ao leitor uma abertura para os já referidos novos sentidos no espaço de pesquisa em educação.

Nesse sentido, ao ler e escrever durante o trabalho encontrei um ponto em comum com o pensamento de Michel Maffesoli para outra dimensão de pensamento, acariciante, “que pouco se importa com a ilusão da verdade, que não propõe um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas que se empenha sempre em manter-se a caminho” (MAFFESOLI, 1995:113). Um pensamento que se reconcilie com a vida, enamorado pela vida, tal como ela é e se mostra.

Exerci a possibilidade de convite à leitura, “pelos caminhos da imaginação criadora”, espaço onde “o surrealismo traça outro rumo, fazendo e re/fazendo-se caminho e caminhante, processo em constante criação”. (BUSSOLETTI, 2011:02).

Ao longo deste percurso, fui tomada por muitas questões, entre estas: É possível narrar uma experiência? No conviver, transmitimos? Um espaço onde se vivencia a memória pode ser também um espaço de transformação social? O que se aprende no espaço da cozinha além de preparar o alimento? O que se aprende no convívio com uma avó? A sensibilidade educa? Talvez não tenha conseguido responder a todas estas perguntas, mas, dizendo isso surge outra pergunta: será isto o mais importante?

Por enquanto, cabe ainda dizer que escolhi apostar na escrita de pesquisa como este possível espaço de invenção de si, diante do reconhecimento do Outro do

pesquisador, adotando a noção de “imaginação criadora”⁸³ e postulando seu potencial de transformação.

Estética de escrita que arrisca e que não deseja se distanciar de um lirismo próprio, na aproximação sensível às palavras e às imagens da memória. Uma escrita que possibilite, promova e busque o reencontro entre o trabalho acadêmico e a imaginação criadora, “onde nem tudo pode ser dito, ou estar restrito a categorias e conceitos explícitos” (BUSSOLETTI, 2011:02).

Ao final desse trabalho, caberá compor junto das descobertas da pesquisadora com o que foi extraído durante a escrita dos capítulos, os resíduos, alguns fragmentos que foram descartados durante a construção do texto, mas que, aqui, “não quero inventariá-los, e sim, fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os” (BENJAMIN, 2006: 574).

Por um retorno (eterno recomeço) a uma, a mais alta expressão dos surrealistas: um “romantismo revolucionário”, aqui defendido como uma vasta corrente de protesto cultural contra a civilização capitalista moderna. (Löwy, 2002)

Afinal, estamos no século XXI, nossa revolução agora é interior. A revolução que parta de dentro do ser humano. Fazer brotar o germe humano adormecido, ainda presente em cada um de nós, por uma tentativa de sensibilizar através da palavra poética.

Cabe, por fim, reencantar o mundo, as pessoas, pela arte (onde mora a poesia) e através dos vínculos que estabelecemos uns com os outros, criando grandes famílias afetivas em espaços de convívio criativos, sendo um deles, a cozinha. “É a revolta e somente a revolta que é criadora de luz. E esta luz não pode ser conhecida senão por três vias: a poesia, a liberdade e o amor”. (BRETON 1944,1965 apud LÖWY, 2002:27).

Há um menino há um moleque morando sempre no meu coração... há um passado no meu presente um sol bem quente lá no meu quintal ...Ele fala de coisas

⁸³ Enquanto a tradição filosófica racionalista sempre priorizou a imaginação reprodutora, em que a imagem seria um resíduo do objeto percebido retido na memória, portanto apenas uma reprodução da realidade, constituído de ideias feitas e acabadas que justificam o mundo tal como ele parece ser, um mundo de ilusões, Bachelard aprofundou suas reflexões acerca da imaginação no sentido contrário, opôs-se aos preconceitos e à prevenção, trabalhou com a noção de imaginação criadora, que traz as sementes das transformações. O homem por ele concebido é o homem demiurgo, instaurador de novas realidades, cuja fonte é a imaginação criadora, essência do espírito humano, que de modo dinâmico o torna capaz de produzir tanto ciência quanto arte, ou seja, o pensamento e o sonho.

bonitas que eu acredito e não deixarão de existir: amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor...

A poesia iluminada pelas leituras, a liberdade em criar e fazer, em ser; o amor posto na disponibilidade para o convívio e nas relações estabelecidas durante a comensalidade, no fazer e no comer juntos. Sabor não é só o que confere prazer, mas, que desperta, acorda os sentidos, quando esse acordar se junta ao saber, porque o corpo sabe o sabor, ele sonoriza, ele vibra, aquece. Emitindo sons e palavras, passa a iluminar e esclarecer. A palavra poética é libertária e iluminadora, arrisco dizer que ela é também saborosa.

Descobrir, conhecer, revelar, encontrar, perceber. Descortinada a imagem da casa, o que restam são os rastros por onde passamos, percepções e intenções de calor e luz. Iluminada pelos fragmentos impregnados na memória, permito-me despertar. “Talvez seja preciso deixar que o eu e, naturalmente, o eu crítico, se dissolva, para melhor ouvir a sutil música nascente, para melhor dar conta da profunda mudança que se opera sob nossos olhos”. (MAFFESOLI, 1995:166)

Descobri, assim, que a Memória Culinária foi o impulso para recordar o passado e valorizar nossas práticas cotidianas, os saberes e gestos simples e volitivos de nossos antepassados.

Foi também um estopim inicial para reafirmar a necessidade do convívio, para a importância do estar juntos, valorizando esse conhecimento universal e revelador da condição humana como ser social; que é o ato de cozinhar.

Descobri que a linguagem da cozinha nos aproxima de nós mesmos (algo que já suspeitava) e que possibilita abertura a outros movimentos de criação, sendo a escrita uma delas.

Catar feijão é como escolher palavras. Cozinhar pode ser fazer poesia.

Descobri que escrevo melhor com lápis e papel e que todas as melhores palavras foram escritas em letra cursiva, mesmo que, *vezenquando*, magistralmente ilegíveis.

*Vento de raio, rainha de maio, estrela cadente...
Chegou de repente o fim da viagem
agora já não dá mais pra voltar atrás...
Nisso eu escuto no rádio do carro a nossa canção...
Sol, girassol, e meus olhos abertos pra outra emoção...
e quase que eu me esqueci*

*que o tempo não pára nem vai esperar...
Vento de maio, rainha dos raios de sol...*

Lô Borges

Descobri ser o mês de maio, o prazo para se findar todo esse processo. Maio é um mês de várias datas festivas, muitas delas vividas e comemoradas nas casas que vivi, sendo o dia das mães, um deles. Maio também é o mês da deusa Deméter, deusa da agricultura e da fertilidade. Maio é mês de Santa Rita protetora da cidade de Viçosa onde meu pai nasceu, cresceu e de quem minha avó Elisa era devota.

Em uma tarde de maio, dia de Santa Rita, visitei Maria Stella, a referência primeira da culinária de Minas e sua biblioteca de cadernos de receitas antigos, seus livros e sua coleção de sinos. No dia 15 de maio comemora-se o dia internacional da família. Algo relevante a se pensar o que são hoje as famílias, quem são elas, como são, por que afinidades nos juntamos e formamos núcleos familiares.

Descobri que revisitar as práticas das oficinas e descrevê-las fez-me redescobrir educadora e leitora e descobrir-me narradora.

Descobri que a leitura em voz alta é poderosa e, pode tocar fundo a alma humana.

Que a poesia além de toda sua força de encantar, pode fazer trovejar.

Que escrevo mais quando o desassossego se instala. Ou não. Pode também me paralisar.

Descobri que não citei o banquete de Platão, nem a santa ceia de Cristo e os apóstolos, na multiplicação dos pães e do vinho. Pequei?

Redescobri que a leitura de mundo precede a leitura da palavra e que a leitura da palavra pode transformar as pessoas e o mundo.

Descobri que em minha alma habita um pensador-poeta-educador. Paulo Freire não foi citado aqui, mas, segue iluminando minhas práticas educativas, com toda a reverência que tenho por ele e seus ensinamentos. A pedagogia que se centra no ser do educando me atravessa e reverbera em todas essas ações.

Descobri que a palavra poética tem o dom de nos fazer inspirar, imaginar, intuir e iluminar.

Que certos sabores como um café amargo com bolo de chocolate num fim de tarde podem soar como música: um duo de violão e flauta.

Que o sentimento de nostalgia pode fazer bem a certos corações endurecidos pela ação do tempo.

Que, ao habitar um espaço através da poesia, transcendemos o espaço geométrico.

Que a fenomenologia da imagem poética não se dá pela causalidade.

Que ao habitar a solidão da casa me coloco no lugar da escrita.

Que a casa não cabe na palavra.



Celebração de bodas da razão com o coração

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade.

Eduardo Galeano

Tornou-se estrela no dia 14 de abril de 2015,
foi se juntar a todas as outras estrelas que habitaram esse espaço.
Mas suas obras ficam e suas almas estão presentes em nós.

REFERÊNCIAS:

- AMORIM M. **O Pesquisador e Seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Editora Musa, 2001.
- ANDRADE, Carlos D. **A bolsa e a vida**. Rio de Janeiro: Ed. Sabiá, 1963.
- ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BACHELARD. G. **O novo espírito científico; A Poética do Espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.(Os pensadores)
- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; Vol.I).
- _____. **Rua de Mão Única**. São Paulo, 2000. (Obras escolhidas. Vol.II)
- BLANCHOT, M. **O Livro por Vir**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1984.
- BRANCO, Lúcia. C. **A traição de Penélope**. Tese de doutorado. Belo Horizonte.1990.
- BORGES, J. Luis. **Borges, oral & Sete noites**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- BUSSOLETTI, D. **Infâncias monotônicas – uma rapsódia da esperança**. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2007.
- _____. **O “nó cristalográfico” da imaginação criadora: escrita de pesquisa, surrealismo e representações sociais**. In: Revista Iberoamericana de Educación No. 57/1 – 15/12/11.
- CASCUDO, Luis da Câmara, **História da Alimentação no Brasil** 3. Ed. São Paulo: Global, 2004.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano. 2 – Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CLIFFORD, J. **Dilemas de la Cultura: antropologia, literatura y arte em la perspectiva posmoderna**. Barcelona: Gedisa, 2001.
- _____. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Cia. das letras, 2009. CORTÁZAR, Julio. *As babas do diabo* In: **As armas secretas**. Rio de Janeiro: Civilização, 2010.
- CHRISTO, Maria Stella Libânio. **Fogão de Lenha: Quitandas e Quitutes de Minas Gerais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.
- DAMATTA. Roberto da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** 2.ed. Rio de Janeiro:RJ: Rocco, 1986.

- DEMETERCO, S. **Doces lembranças: cadernos de receitas e comensalidade**, Curitiba: 1900-50. Dissertação (Mestrado em História) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1998.
- ESQUIVEL, L. **Como água para chocolate**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LÉVI- Strauss, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2004.
- LISBÔA, C. **Papel manteiga para embrulhar segredos: cartas culinárias**. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2006.
- LÖWY, M. **A Estrela da Manhã: surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MACIEL, M. Esther. **O livro de Zenóbia**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio à razão sensível**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARTINO, Junelise. P. **Memória Culinária: Coisa de Vó**. Belo Horizonte: Edição independente, 2005.
- MELO, Adriana. **Viagem histórico-gastronômica pelas estradas reais de Minas**. Belo Horizonte: Ed. Bichinho Gritador, 2010.
- MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.
- NETTO, A. Bitarões. **Asa da palavra**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2005.
- POLLAN, Michael, **Cozinhar: uma história natural da transformação**. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1982.
- QUEIRÓS, C. Bartolomeu. **Elefante**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. **Índez**. Belo Horizonte: Miguilim, 1989.
- _____. **Para ler em silêncio**. São Paulo: Moderna, 2007.
- _____. **Vermelho Amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- _____. Conto: Conversa de bois. In: **Sagarana**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.
- SANTOS, B. **Pela Mão de Alice; o social e o político na pós-modernidade**. 7. ed. Porto: Afrontamentos, 1999.
- SAVARIN, Brillat. **A fisiologia do gosto**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

ANEXO

Receita do pão de Alice

PÃO DE CEBOLA

Alice

- 2 cebolas médias
- 1 colher de sopa de açúcar
- 3 ovos
- 1 copo de óleo
- 2 copos de leite
- 1 colher de chá de sal
- 50 gramas de fermento (pode ser o granulado)
- 1 Kg de farinha de trigo

Bater todos os ingredientes no liquidificador menos a farinha e o fermento. Despejar numa bacia e misturar tudo. Deixar a massa descansar + ou - 30 minutos. Fazer os pães, passar ~~glaze~~ por cima e assar.

26/7/2007